



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Escola de Ciências Sociais e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual  
contra Crianças e Adolescentes**

Áquila Araujo Gonçalves Rodrigues Zilki

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Resende

Goiânia, Março de 2018



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Escola de Ciências Sociais e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual  
contra Crianças e Adolescentes**

Áquila Araujo Gonçalves Rodrigues Zilki

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strito Sensu* em Psicologia da PUC Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Resende

Goiânia, Março de 2018

Z69a

Zilki, Áquila Araujo Gonçalves Rodrigues  
Aspectos da personalidade de autores de violência  
sexual contra crianças e adolescentes[ recurso eletrônico]/  
Áquila Araujo Gonçalves Rodrigues Zilki.-- 2018.  
--f.;

Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
em Psicologia, Goiânia, 2018  
Inclui referências

1. Crime sexual contra as crianças. 2. Crime sexual  
- Crianças - adolescentes. 3. Rorschach, Teste de.
4. Personalidade. I. Resende, Ana Cristina. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 364.63-053.2/.6(043)

## Ficha de Avaliação

Zilki, A. A. G. R. (2018). *Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*. Orientadora: Ana Cristina Resende.

Esta Dissertação foi submetida à banca examinadora:

---

Prof. Dr. Ana Cristina Resende  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Presidente da banca

---

Prof. Dr. Silvana Alba Scortegagna  
Universidade de Passo Fundo  
Membro convidado externo

---

Prof. Dr. Helenides Mendonça  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado interno

---

Prof. Dr. Daniela Sacramento Zanini  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro Suplente

*“Não quero ler apenas livros, quero ler pessoas. ”*  
*(Hermann Rorschach)*

## Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me capacitado e fortalecido para trilhar até o fim esta longa e árdua jornada, pois sem Ele nada do que foi feito teria sido possível.

Agradeço ao meu marido por estar ao meu lado me estimulando a acreditar que eu era capaz e, por me suportar nos momentos mais difíceis e estressantes desta caminhada.

À minha mãe, ao meu padrasto e ao meu irmão pelas palavras constantes de otimismo, incentivo e por todo apoio emocional. Sou eternamente grata pelo de amor e carinho de vocês, mesmo de longe.

Às famílias, Araujo, Rodrigues e Zilki, por todo incentivo e claro pela torcida para o fim desta etapa profissional.

Aos colegas do grupo de pesquisa *Autor de Violência Sexual e Psicopatia*, em especial aos colegas de coleta de dados, Rodrigo e Júlia, pela parceria no decorrer da pesquisa.

À minha amiga Anna Flávia que o mestrado que concedeu, obrigada amiga pelas palavras de força e pela torcida sincera para que tudo desse certo; você é e sempre será especial.

A todos os meus amigos e colegas que deram força, auxílio e apoio para a concretização deste trabalho.

À secretária do Programa de Pós Graduação em Psicologia, obrigada Martha por sua empatia, escuta e acolhida nos momentos difíceis.

À minha orientadora pela competência e disponibilidade na orientação deste trabalho e pela imensa oportunidade de aprendizado.

À direção da unidade prisional por permitir a realização desta pesquisa.

Ao CNPq, pela bolsa concedida ao longo do mestrado.

## Resumo da Dissertação

Zilki, A. A. G. R. (2018). *Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

A presente dissertação de Mestrado está organizada em três artigos, que têm como objetivo estudar aspectos da personalidade de autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes. O primeiro artigo consiste em uma revisão da literatura de publicações nacionais e internacionais que investigam a personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach. Foi encontrado um total de nove publicações, por meio das quais foi possível detectar comprometimento na maturidade psicológica dos AVS, especialmente nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e na tendência a responder de modo impulsivo. O segundo artigo trata de um estudo empírico, cujo objetivo foi investigar se AVS contra crianças e adolescentes com e sem psicopatia se diferenciam em relação à capacidade de administrar o estresse, o distresse e a maturidade psicológica (ID). Participaram do estudo 30 reeducandos cumprindo pena em regime fechado por crimes sexuais contra crianças e adolescentes, que foram divididos em dois grupos: G1, composto pelos AVS considerados sem psicopatia (N=20; *Psychopathy Checklist Revised* - PCL-R < 30); e G2, composto pelos AVS com psicopatia (N=10; PCL-R ≥ 30). Neste estudo foram utilizados para a coleta de dados um protocolo de coleta de informações no processo criminal, o teste de Rorschach no Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS) considerando as variáveis do domínio estresse e distresse e a maturidade psicológica (ID) e o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R) para identificação dos traços de psicopatia. Os dados foram analisados por meio do teste *t* de *student* e análise de regressão linear. Os resultados evidenciaram que 16% da psicopatia em AVS foi explicada por menor nível de estresse e distresse. Quanto à maturidade psicológica, não houve diferença estatística entre os grupos de AVS. Contudo, considerando os resultados de outros grupos investigados na literatura científica, os índices de maturidade psicológica (ID) encontrados nos participantes foram semelhantes aos de pessoas com transtornos psicológicos diversos ou de pessoas em comunidades terapêuticas por ordem judicial. O terceiro artigo teve como objetivo analisar a periculosidade e as características de personalidade de autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes. Participaram do estudo 69 AVS divididos em dois grupos: G1, vitimizaram apenas crianças (N= 41); e G2, vitimizaram adolescentes e adultos (N= 28). Foram utilizados para a coleta de dados um protocolo de coleta de informações no processo criminal, e o Rorschach pelo sistema R-PAS. Para análise dos dados, foi criada uma variável denominada periculosidade por meio da análise fatorial de componente principal (AFCP), mediante variáveis do perfil criminal para verificar a correlação entre as variáveis do R-PAS e a periculosidade dos participantes, bem como foi realizada a comparação entre os grupos. Os dados foram analisados utilizando correlação de Pearson, *t* de *student*, qui-quadrado e Pearson ou exato de Fisher, e *d* de Cohen. Os resultados apontaram que quanto maior é a periculosidade maior é o uso da intelectualização como mecanismo de defesa para não lidar de modo direto e realista com aspectos que geram angústia emocional ou social. Além disso, o G1 apresentou mais perturbações e sentimentos aflitivos (PPD), estresse emocional crônico e situacional (YTVC', Y), ideações e ações de agressividade (AGM e AGC) do que o G2. Contudo, o G2 revelou maior grau de periculosidade.

**Palavras-Chave:** Abusador sexual, Teste de Rorschach; Personalidade.

## Abstract Dissertation

Zilki, A. A. G. R. (2018). *Aspects of the Personality of Sex Offender against Children and Adolescents*. Masters dissertation. *Stricto Sensu* Post-Graduate Program in Psychology, Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia.

This Master's thesis is organized in three articles and its objective is to study aspects of the personality of sex offenders (SO) against children and adolescents. The first article consists of a literature review of national and international publications that investigate the personality of the SO through the Rorschach test. A total of nine publications were found, through which it was possible to detect impairment in the psychological maturity of the SO, especially in the cognitive, affective aspects, in the self-perception and tendency to respond impulsively. The second article deals with an empirical study, whose objective was to investigate whether SO against children and adolescents with and without psychopathy differs in relation to the capacity to manage stress and distress and the psychological maturity (ID). 30 re-educators participating in the study were serving a closed sentence for sexual crimes against children and adolescents, and they were divided into two groups: G1, composed of SO considered without psychopathy (N= 20; Psychopathy Checklist Revised - PCL-R <30); and G2, composed of the SO with psychopathy (N= 10; PCL-R ≥30). In this study, a data collection protocol was used in the criminal process, the Rorschach test in the Performance Evaluation System (R-PAS) considering the variables of the stress and distress domain and the psychological maturity (ID), and the Psychopathy Checklist Revised (PCL-R) for identifying the traits of psychopathy. The data were analyzed by Student's t test and linear regression analysis. The results showed that 16% of SO psychopathy was explained by lower level of stress and distress. Regarding psychological maturity, there was no statistical difference between the SO groups. However, considering the results of other groups investigated in the scientific literature, the indices of psychological maturity (ID) found in the participants were similar to those of people with diverse psychological disorders or people in therapeutic communities by judicial order. The third article aimed at analyzing the dangerousness and personality characteristics of sex offender (SO) against children and adolescents, through the Rorschach test in the Performance Evaluation System (R-PAS). 69 SO participating in the study were serving a closed sentence for sexual crimes, and they were divided into two groups: G1, victimized only children (N= 41); and G2, victimized adolescents and adults (N= 28). A data collection protocol was used for data collection in the criminal process and the Rorschach in the Performance Evaluation System (R-PAS) and a variable known as hazard, which was constructed through the factorial analysis of the main component (FAMC), using variables of the criminal profile. Data were analyzed using Pearson's correlation, student t, chi-square and Pearson's or Fisher's exact, and Cohen's d. The results showed that the greater the use of intellectualization, as a defense mechanism to avoid contact with crime, the greater the danger; and as for the differences between groups, G1 presented more aggressive intentions, while G2 revealed a low level of stress.

**Keywords:** Sexual Offender; Rorschach Test; Personality.



**Sumário**

<b>Lista de Siglas</b>	<b>viii</b>
<b>Apresentação</b>	<b>xiv</b>
 <b>Artigo I: Autores de Violência Sexual e o teste de Rorschach: Revisão da Literatura</b>	
Resumo/Abstract	01
Introdução	02
Método	06
Resultados e Discussões	06
Considerações Finais	18
 <b>Artigo II: Psicopatia, Estresse e Distresse em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes</b>	
Resumo/Abstract	20
Introdução	21
Método	31
Resultados	39
Discussões	44
Considerações Finais	48
 <b>Artigo III: Periculosidade e Características de Personalidade em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes</b>	
Resumo/Abstract	50
Introdução	51
Método	56
Resultados e Discussões	62
Considerações Finais	73

<b>Considerações Finais da Dissertação</b>	<b>76</b>
<b>Referências da Dissertação</b>	<b>80</b>
<b>Anexo A:</b> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	90
<b>Anexo B:</b> Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da PUC Goiás	93

## Lista de Siglas

-	Código de qualidade formal menos
<b>(A)</b>	Conteúdo tipo-animal inteiro.
<b>(Ad)</b>	Conteúdo detalhe de tipo-animal, percepto de tipo animal incompleto.
<b>(CF+C)/SumC</b>	A proporção CF+C ou proporção do domínio da cor, CF+C dividido pela SumC (substitui a razão FC:CF+C do SC)
<b>(H)</b>	Conteúdo tipo-humano inteiro
<b>(Hd)</b>	Conteúdo detalhe tipo-humano, percepto de tipo humano incompleto
<b>A</b>	Conteúdo animal inteiro.
<b>a</b>	Determinante movimento ativo.
<b>ABS</b>	Código temático de representação abstrata (AB no SC).
<b>Ad</b>	Conteúdo detalhe de animal.
<b>AFCP</b>	Análise Fatorial de Componente Principal
<b>AGC</b>	Código temático de conteúdo agressivo
<b>AGM</b>	Código temático de movimento agressivo
<b>An</b>	Conteúdo de anatomia, que inclui conteúdo de imagem médica (igual aos códigos An e Xy do SC)
<b>AnyS</b>	Número total de respostas com códigos SR ou SI (igual a S no SC)
<b>a-p</b>	Determinante movimento ativo e passivo
<b>APA</b>	<i>American Psychological Association</i>
<b>Art</b>	Conteúdo arte
<b>ASBRo</b>	Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos
<b>AVS</b>	Autor de Violência Sexual
<b>Ay</b>	Conteúdo antropologia; conteúdo com um significado cultural, histórico ou etnográfico significativo.
<b>Bl</b>	Conteúdo sangue.
<b>Blend</b>	Resposta de mistura; uma resposta com dois ou mais determinantes que não F
<b>Blend%</b>	Número de misturas dividido por R
<b>C</b>	Determinante cor sem forma, referido também como C Puro
<b>C'</b>	Qualquer determinante de cor acromática que use preto, cinza ou branco (igual ao escore SumC' no SC, que inclui FC', C'F e C')
<b>CAAE</b>	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
<b>CBlend</b>	Mistura de cor em que um determinante cor (FC, CF, C) se combina com um determinante de sombreado (Y, T, V) ou de cor acromática (C'). Para qualificar uma só resposta devem estar presentes os dois determinantes (igual a C-Sh ou Col-Shd do SC)
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CF</b>	Determinante de cor dominante e forma secundária
<b>Cg</b>	Conteúdo de vestuário
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>Complexity</b>	Uma variável composta que qualifica a quantidade de diferenciação e de integração implicadas num protocolo com base de Localização, Espaço Branco e Qualidades de Objeto; Conteúdos e Determinantes.
<b>CON</b>	Código cognitivo de contaminação, a fusão de duas respostas incompatíveis que desafia a realidade perceptiva (CONTAM, no SC).
<b>Cont</b>	Complexidade de conteúdo, um subcomponente de Complexity
<b>COP</b>	Código temático de movimento cooperativo, interações cooperativas,

	positivas ou agradáveis entre dois objetos
<b>CritCont</b>	Conteúdos críticos, um subcomponente de EII-3, igual à soma de An+BI+Ex+Fi+Sx+AGM+MOR
<b>CritCont%</b>	Número de conteúdos críticos divididos por R.
<b>D</b>	Localização de detalhe comum.
<b>Dd</b>	Localização de detalhe raro.
<b>Dd%</b>	Porcentagem de detalhes raros; Dd/R.
<b>Det</b>	Complexidade dos determinantes, um subcomponente de Complexity
<b>DQ</b>	Qualidade Evolutiva do Sistema Compreensivo. Engloba respostas de DQ+ (Qualidade Evolutiva sintetizada), DQv/+ (Qualidade Evolutiva vaga-sintetizada), DQo (Qualidade Evolutiva ordinária) e DQv (Qualidade Evolutiva vaga)
<b>DR</b>	Código cognitivo de resposta desviante; respostas que são ilógicas, compostas de modo estranho ou reações sem relação com a pergunta do Rorschach.
<b>DR1</b>	DR de nível 1 ou menos grave.
<b>DR2</b>	DR de nível 2 ou mais grave.
<b>DV</b>	Código cognitivo de verbalização desviante; uso indevido de palavras ou uso de neologismo.
<b>DV1</b>	DV de nível 1 ou menos grave.
<b>DV2</b>	DV de nível 2 ou mais grave.
<b>EII-3</b>	Índice de Enfraquecimento do Ego– 3º versão
<b>Ex</b>	Conteúdo explosão.
<b>F</b>	Forma sem outros determinantes, referido também como F Puro ou respostas apenas de forma.
<b>F%</b>	F por cento, calculado F/R (substitui o escore Lambda do SC).
<b>FAB</b>	Código cognitivo de combinação fabulada, uma relação improvável entre dois objetos diferentes de resposta (igual ao FABCOM do SC).
<b>FAB1</b>	FAB de nível 1 ou menos grave (FABCOM1 do SC).
<b>FAB2</b>	FAB de nível 2 ou mais grave (FABCOM2 do SC).
<b>FAPEG</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás
<b>FC</b>	Determinante cor com forma dominante
<b>FD</b>	Determinante forma dimensão, em respostas de dimensão baseadas na forma.
<b>Fi</b>	Conteúdo de fogo ou fumaça.
<b>FM</b>	Determinante de movimento animal.
<b>FQ</b>	Qualidade formal, acurácia e frequência da forma utilizada.
<b>FQ-</b>	Qualidade formal menos, uma resposta não frequente e distorcida; codificada em nível de resposta usando apenas o símbolo -.
<b>FQ-%</b>	Porcentagem de respostas de qualidade formal negativa, dada pelo cálculo de FQ-/R
<b>FQn</b>	Qualidade formal nenhuma, codificada em respostas sem forma; codificada em nível de resposta usando apenas a letra n (igual a FQnone do SC).
<b>FQo</b>	Qualidade formal ordinária, comum, fácil de ver e uso acurado da forma; codificado em nível de resposta usando apenas a letra o.
<b>FQo%</b>	Qualidade formal ordinária, comum, fácil de ver e uso acurado da forma; codificado em nível de resposta usando apenas a letra o.
<b>FQu</b>	Qualidade formal incomum, no ponto médio entre FQo FQ- em termos de frequência e acurácia, uso adequado da forma; codificado em

	nível de resposta usando apenas a letra u.
<b>FQu%</b>	Qualidade formal incomum, no ponto médio entre FQo e FQ- em termos de frequência e acurácia, uso adequado da forma; codificado em nível de resposta usando apenas a letra u.
<b>Fr</b>	Determinante de forma dominante com reflexo como elemento secundário do Sistema Compreensivo
<b>Fr+rF</b>	Soma dos determinantes de reflexo no Sistema Compreensivo
<b>FY</b>	Determinante de forma dominante com sombreado difuso como elemento secundário do Sistema Compreensivo
<b>GHR</b>	Código temático de boa representação humana
<b>GPHR</b>	Soma de HR boa e pobre; também chamada de soma da representação humana ou de soma de HR.
<b>H</b>	Conteúdo humano inteiro, também referido como H Puro.
<b>Hd</b>	Conteúdo detalhe humano, um percepto humano incompleto.
<b>IBAP</b>	Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica
<b>ICC</b>	<i>Intraclass Correlation Coefficient</i> ou Coeficiente de Correlação Intraclasse
<b>ID</b>	<i>Development Index</i> ou Índice de Desenvolvimento
<b>Idio</b>	Conteúdo Idiossincrático no Sistema Compreensivo
<b>IM</b>	Determinante de movimento inanimado, às vezes referido como m “eme-zinho”.
<b>IM Y</b>	Soma de IM e Y
<b>INC</b>	Código cognitivo de combinação incongruente, combinação improvável de dois ou mais detalhes da mancha num só percepto (INCOM no SC).
<b>INC1</b>	INC de nível 1 ou menos grave (INCOM1 no SC)
<b>INC2</b>	INC de nível 2 ou mais grave (INCOM2 no SC).
<b>IntCont</b>	Conteúdo intelectualizado, (2xABS)+Art+Ay.
<b>K</b>	Movimento humano pela Escola Francesa de Rorschach
<b>KMO</b>	<i>Kaiser-Meyer-Olkin</i>
<b>Lev2Cog</b>	Número total de códigos cognitivos de Nível 2, variedade mais severa (Lv2 no SC).
<b>M</b>	Determinante de movimento humano
<b>M-</b>	Determinante de movimento humano com qualidade formal negativa
<b>M/MC</b>	Proporção de movimento humano, M dividido pela soma de M e WSumC (substituído a razão EB do SC ou M:WSumC).
<b>Ma</b>	Determinante de movimento humano ativo
<b>MAH</b>	Código temático de mutualidade de autonomia-saúde
<b>MAHP</b>	Número total de códigos de mutualidade de autonomia saúde e patologia.
<b>MAP</b>	Código temático de mutualidade de autonomia-patologia.
<b>MAP/MAHP</b>	Proporção de mutualidade de autonomia-patologia, MAP dividido por MAHP.
<b>MC</b>	Soma de M e WSumC (substitui o termo EA do SC).
<b>MC-PPD</b>	Nota de diferença entre MC e PPD, subtraí PPD de MC (substitui a Nota D do SC e, em termos do SC, é equivalente a EA-es).
<b>MOR</b>	Código temático de conteúdo mórbido, uma resposta que contém uma qualidade de danificado, morto ou depressivo.
<b>Mp</b>	Determinante de movimento humano passivo.
<b>Mp/(Ma+Mp)</b>	Proporção de movimento humano passivo, Mp dividido pela soma de

	Mp e Ma (substitui a razão Ma:Mp do SC)
<b>n</b>	Nenhuma qualidade formal, codificado em respostas sem forma; no nível de protocolo é anotado (FQnone no SC).
<b>NC</b>	Conteúdo não classificado, uma categoria miscelânea de conteúdos que contém todas as respostas não contidas em outras categorias de conteúdo (abrange os conteúdos do SC: Bt, Cl, Fd, Ge, Hh, Hx, Id, Ls, Na, Sc).
<b>NPH</b>	Conteúdo humano não-puro, isto é, o número total de conteúdos de tipo humano e de conteúdos de detalhes humanos, (H)+(Hd)+Hd.
<b>NPH/SumH</b>	Proporção de humano não-puro na soma de humanos, NPH dividido pela SumH (substitui a razão H:(H)+Hd+(Hd) do SC).
<b>o</b>	Qualidade formal ordinária, fácil de ver, uso acurado da forma; em nível do protocolo é assinalada por FQo.
<b>ODL</b>	Código temático de linguagem de dependência oral (o conteúdo Fd do SC está contido neste código).
<b>ODL%</b>	ODL dividido por R
<b>P</b>	Resposta Popular
<b>p</b>	Determinante de movimento passivo.
<b>p/(a+p)</b>	Proporção de movimento passivo, p dividido pela soma de a e p (substitui a razão a:p do SC).
<b>PCL-R</b>	<i>Psychopathy Checklist-Revised</i>
<b>PEC</b>	Código cognitivo de resposta peculiar, uma resposta explicada ou justificada com raciocínio peculiar ou estranho (igual ao ALOG do SC).
<b>PER</b>	Código temático de justificação por conhecimento pessoal, o usa da experiência pessoal para explicar ou justificar uma resposta.
<b>PHR</b>	Código temático de representação humana pobre.
<b>PHR/GPHR</b>	Proporção de representação humana pobre, que é PHR dividido pela soma de HR boa e pobre (substitui a razão GHR: PHR do SC e seu escore de diferença, o HRV).
<b>PPD</b>	Determinantes potencialmente problemáticos, que é a soma de FM+m+Y+T+V+C' (substitui o acrônimo do SC, es, estimulação sentida).
<b>Pr</b>	Pedir, <i>Prompt</i> ; usado para encorajar o avaliando a dar uma resposta adicional, quando apenas uma é dada a um cartão.
<b>PSSP</b>	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia
<b>PTI</b>	<i>Perception Thinking Index</i> ou Índice de Distúrbio do Pensamento do Sistema Compreensivo
<b>Pu</b>	Puxar, <i>Pull</i> ; quando são dadas quatro respostas a um cartão, o examinado pede a devolução do cartão e tipicamente lembra ao participante o número desejado de respostas.
<b>PUC-Goiás</b>	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
<b>r</b>	Determinante reflexo
<b>R</b>	Número de respostas
<b>r</b>	Determinante de reflexo (igual à variável Fr+rF do SC).
<b>R8910</b>	Número total de respostas aos cartões VIII, IX e X.
<b>R8910%</b>	“Porcentagem de oito-nove-dez”, “ <i>Eight-nine-ten percent</i> ”, R8910 dividido por R (substitui o Afr do SC)
<b>rF</b>	Determinante de reflexo dominante com Forma como elemento secundário do Sistema Compreensivo
<b>R-PAS</b>	Sistema de Avaliação por Performance ou <i>Rorschach Performance</i>

	<i>Assessment System</i>
<b>S</b>	Responde com integração do espaço em branco no Sistema Compreensivo
<b>SC</b>	Sistema Compreensivo
<b>SC-Comp</b>	Composto de preocupação com suicídio (uma substituição totalmente dimensional do S-CON do SC).
<b>S-CON</b>	Índice de Suicídio, <i>Suicide Constelation</i> do Sistema Compreensivo
<b>SevCog</b>	Soma dos códigos cognitivos severos, isto é, DV2+INC2+DR2+FAB2+PEC+COM
<b>SI</b>	Resposta de integração do espaço; o espaço branco é inserido numa resposta juntamente com áreas do borrão de tinta (o SC tinha combinado o SI e o SR num código, S).
<b>SPSS</b>	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
<b>SR</b>	Resposta de reversão do espaço; o objetivo visto será no interior do e é definido pelo contorno do espaço branco, de maneira que a perspectiva frequente de ver a tinta num fundo branco é perspectivamente revertida. A resposta pode ou não incluir áreas manchadas (o SC tinha combinado SI e SR num código, S).
<b>SumC</b>	Soma de todos os determinantes de cor, FC+CF+C
<b>SumH</b>	Soma de todos os conteúdos humanos, H+(H)+Hd+(Hd)
<b>SumT</b>	Soma de determinantes sombreado textura do Sistema Compreensivo.
<b>SumY</b>	Soma de determinantes com sombreado difuso do Sistema Compreensivo.
<b>Sx</b>	Conteúdo sexual.
<b>Sy</b>	Uma resposta de síntese (igual aos códigos do SC DQ+ e DQv/+).
<b>Sy%</b>	Porcentagem de síntese, Sy dividido por R.
<b>T</b>	Determinante textura, em que o sombreado designa uma sensação tátil, (igual ao escore SumT do SC que inclui FT, TF e T).
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TP-Comp</b>	Composto de pensamento e percepção (uma substituição totalmente dimensional do PTI do SC).
<b>u</b>	Qualidade formal incomum, mas uso bastante acurado da forma; em nível de protocolo é identificado como FQu.
<b>V</b>	Determinante vista em que o sombreado cria o sentido de dimensionalidade (igual ao escore SumV do SC que inclui FC, VF e V).
<b>V-Comp</b>	Composto de vigilância ou <i>Vigilance Composite</i> (uma substituição totalmente dimensional do HVI do SC).
<b>Vg</b>	Vago, um código de qualidade de objeto (corresponde aos códigos DQv e DQv/+ do SC).
<b>Vg%</b>	Porcentagem de respostas vagas; Vg dividido por R.
<b>W</b>	Resposta de localização global.
<b>W%</b>	Porcentagem de respostas de localização global; W dividido por R.
<b>WD-</b>	Soma de W e D com códigos FQ-.
<b>WD-%</b>	Porcentagem de WD-, calculado WD-/WD
<b>WSum6</b>	Soma ponderada dos códigos especiais críticos no Sistema Compreensivo
<b>WSumC</b>	Soma ponderada dos determinantes de cor; (Cx1,5)+CF+FCx0,5).
<b>WSumCog</b>	Soma ponderada dos códigos cognitivos (igual ao WSum6 do SC).
<b>X-%</b>	Percentual de respostas com forma distorcida no Sistema Compreensivo

<b>X+%</b>	Porcentagem de forma convencional no Sistema Compreensivo
<b>Xu%</b>	Percentual de respostas com forma inusual no Sistema Compreensivo
<b>Y</b>	Determinante de sombreado difuso (igual ao escore SumY do SC que inclui FY, YF e Y).
<b>YF</b>	Determinante de sombreado difuso dominante com forma como elemento secundário do Sistema Compreensivo
<b>YTVC'</b>	Sombreados e cor acromática; número total de determinantes de sombreados (Y, T, V) e de cor acromática (C') (igual a SumShading do SC).



## Apresentação

Esta Dissertação de Mestrado, intitulada “*Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*”, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (PSSP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), na linha de pesquisa Psicopatologia Clínica e Psicologia da Saúde. A presente dissertação é fruto de um projeto de pesquisa maior intitulado “*Características da Personalidade de Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes por meio do Rorschach e da Escala Hare PCL-R*”, com registro no Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás sob o CAA 0110.0.168.168-11. O projeto contou com o apoio financeiro de uma instituição de fomento à pesquisa, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), por meio de bolsas de estudos de mestrado de outros membros do grupo; e uma bolsa de estudos também na modalidade mestrado por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a autora desta dissertação.

No decorrer desta dissertação, o termo Autor de Violência Sexual (AVS) foi empregado para pessoas maiores de dezoito anos, de sexo masculino, que haviam cometido qualquer crime de natureza sexual e estavam respondendo processo por tal comportamento. O AVS é alguém que possui o desejo sexualmente desviante, e diante do impulso de seu desejo comete a violência sexual para se satisfazer, sendo assim incriminado por seu ato.

Para avaliar as características de personalidade dos AVS no presente estudo fez-se uso do Rorschach de acordo com o Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS, Meyer, Viglione, Mihura, Erald & Erdberg, 2017); e com objetivo de identificar traços de psicopatia utilizou-se o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R, Hare, 1991, 2003). Embora exista uma gama de instrumentos para avaliação da personalidade, o teste de Rorschach tem ocupado posição privilegiada e admissibilidade diante das avaliações da personalidade na área forense. Essa justificativa pode ser em razão das propriedades psicométricas e projetivas do teste, que fornecem um sistema aberto e estruturado, com base no desempenho de uma tarefa perceptiva de resolução do problema, fazendo dele um instrumento que dificulta a manipulação ou dissimulação por parte do examinando, em relação aos demais instrumentos como escalas e inventários (Exner, 2003; Gacono, Kivisto, Smith & Cunliffe, 2016; Nørbech, Fodstad, Kuisma, Lunde, & Hartmann, 2016; Rovinski, 2006).

O Rorschach, ou teste de manchas de tinta, é constituído por dez cartões com manchas de tinta, os quais foram cuidadosamente selecionados e aperfeiçoados artisticamente pelo autor, Hermann Rorschach, em 1921, na Suíça, de modo a proporcionar múltiplas possibilidades de percepção formadoras de imagens visuais que competem entre si. Após alguns anos de pesquisa, analisando como uma amostra de mais de 400 pessoas de grupos clínicos e não clínicos descreviam as suas percepções nas manchas, Hermann Rorschach publicou o seu livro *Psicodiagnóstico*. Este livro apresenta os fundamentos básicos de aplicação, correção e interpretação, e os dez cartões padronizados do teste. Contudo, o autor morreu em 1922, sete meses após a publicação de sua obra, deixando lacunas a serem investigadas em pesquisa (Exner, 2003). Após sua morte, vários estudiosos desenvolveram diferentes sistemas de correção do teste, mas sempre seguindo os princípios básicos do seu criador. O sistema mais recentemente desenvolvido foi o R-PAS (Meyer *et al.*, 2017).

Para o R-PAS, o teste de Rorschach trata-se de uma medida de avaliação da personalidade que é baseada no desempenho ou no comportamento da pessoa enquanto ela descreve o que percebe nos dez cartões com manchas de tinta do teste. Assim, as respostas dadas ao teste, que são corrigidas de acordo com diretrizes padronizadas, refletem a forma de perceber as coisas no mundo, ou seja, refletem o modo de pensar, sentir e agir de maneira relativamente estável e duradoura do examinando. Por meio desse teste é possível avaliar uma ampla gama de características de personalidade, tais como: os recursos eficientes que a pessoa dispõe para solucionar problemas e enfrentar situações estressantes e de sofrimento emocional; organização, precisão e convencionalidade do pensamento; aspectos da autopercepção; disponibilidade de recursos para as interações interpessoais; atitudes e preocupações subjacentes (Resende & Pianowski, no prelo).

Apesar da aparente simplicidade da tarefa, a resposta da pessoa consiste em uma solução bastante complexa, pois cada mancha de tinta oferece múltiplas possibilidades concorrentes de respostas, que são analisadas em várias dimensões do estímulo. O Rorschach exige uma amostra de comportamentos, observados ao vivo, de como o examinando analisa e lida com os estímulos do teste, manejando as suas inconsistências, contradições e ambiguidades perceptuais e conceituais. Desse modo, a pessoa não precisa relatar diretamente como pensa, sente e se comporta, como ocorre em uma entrevista, questionário, escala ou inventário de personalidade. As informações sobre a personalidade são apreendidas por meio do modo como o examinando filtra e organiza

as informações a que dedica atenção no cartão, como justifica e aplica significado aos estímulos e às situações, quão convencional ou idiossincrático é sua percepção, e quão lógico ou efetivo se mostra no pensar e na comunicação com o examinador (Meyer *et al.*, 2017).

Cada resposta, e a solução dada para cada cartão, consiste em uma amostra global do comportamento em diferentes situações, recolhida em uma condição padronizada, que permite fazer inferência sobre o funcionamento da pessoa em outros contextos não avaliativos. Comumente, essas informações sobre a personalidade, acessadas por meio do Rorschach, podem revelar características de personalidade que o examinando não reconhece plenamente em si, ou hesita em admitir quando questionadas sobre elas diretamente.

Nacionalmente, o R-PAS é considerado um teste psicológico e de uso privativo dos psicólogos quando utilizado para uma ou mais das seguintes finalidades: Diagnóstico psicológico, Orientação e seleção profissional, Orientação Psicopedagógica ou Solução de Problemas de Ajustamento (Lei nº 4119, 1962; Meyer *et al.*, 2017).

Desde a sua publicação, o teste tem sido aperfeiçoado, apesar de manter em sua essência os princípios norteadores básicos de seu criador. Vários sistemas de aplicação, correção e interpretação surgiram. No período em que o R-PAS se constituiu, o sistema mais amplamente usado era o Sistema Compreensivo (SC), desenvolvido por Jonh Exner de 1974 até a sua morte em 2006. Exner incorporou em seu sistema as informações consideradas cientificamente mais válidas e confiáveis dos cinco principais sistemas norte-americanos disponíveis na época. Assim, o R-PAS foi desenvolvido para administrar as limitações identificadas no SC a partir de um corpo de pesquisas empíricas mais recentes, que comprovassem estatisticamente as alterações no sistema, e, com isso, solidificar as bases psicométricas do instrumento. Mais especificamente os objetivos do R-PAS foram: reduzir a variabilidade entre os examinadores na codificação do teste; otimizar o número de respostas que as pessoas emitem ao teste, assegurar que a interpretação esteja de acordo com a base de evidência de validade de cada variável, por meio de conexões mais transparentes de cada uma delas com os processos psicológicos subjacentes; aprimorar o instrumento para o uso internacional; ampliar a utilidade e parcimônia do instrumento e facilitar a interpretação do teste (Meyer *et al.*, 2017; Resende & Pianowski, no prelo).

O outro teste psicológico utilizado foi o PCL-R, que é um teste de uso específico no contexto da avaliação psicológica forense. O PCL-R é uma escala composta diante

do modelo bifatorial para avaliação da psicopatia, a qual é dividida em dois fatores, de um lado aspectos afetivos e interpessoais, denominados de Fator 1, e do outro lado aqueles aspectos relativos a um estilo de vida impulsivo e comportamentos antissociais, denominados de Fator 2. O modelo bifatorial entende a psicopatia por duas vias, sendo tendências temperamentais relacionadas a inclinações predatórias e à reatividade emocional deficiente, que está associada ao Fator 1, que são pessoas que apresentam mais traços de psicopatia; e a impulsividade/desinibição comportamental, que estariam associadas ao Fator 2 do PCL-R, que são pessoas com traços de psicopatia mais inferior sendo classificados como transtorno de personalidade antissocial (Fowles & Dindo, 2006; Hare, 1991, 2003).

A versão brasileira dessa escala destina-se exclusivamente à população forense masculina. O PCL-R tem sido utilizado em populações de AVS para identificação da psicopatia. Algumas características são possíveis de ser identificadas em pessoas com esse transtorno, como insensibilidade afetiva, diminuição da capacidade empática e elevado comportamento antissocial com manifestação de evidente crueldade na conduta sexual. Logo, o AVS com psicopatia não experimenta o prazer com o sexo, e sim com o sofrimento de sua vítima, que é reduzida a mero objeto sexual.

Estima-se que a psicopatia esteja presente em cerca de 1% da população geral e em 15% a 20% da população carcerária. Entre os AVS, a porcentagem de pessoas com psicopatia é ligeiramente maior do que em criminosos no geral, chegando a aproximadamente 30% (Hare, 2003; Hauck Filho, Teixeira & Dias, 2012; Hare, Hart & Harpur, 1991; Hemphill, Hare & Wong, 1998; Teixeira, 2016; Young, Justice & Edberg, 2010). O PCL-R também tem se mostrado útil para verificação de taxas de reincidência. Diante da amostra de AVS em tratamento, foi possível mensurar uma taxa de 82% em reincidência para os AVS considerados psicopatas, em comparação com 18% em criminosos que não eram psicopatas e não AVS (Hildebrand, de Ruite e de Vogel, 2004).

Referente ao AVS no Brasil, esse típico agressor é homem, com idade média entre 30 a 40 anos, tende a ser próximos de suas vítimas, tem preferência por vitimizar crianças e adolescentes (Martins & Jorge, 2010; Santos, Costa, Amaral, Nascimento, Musse & Costa, 2015; Soares, Silva, Matos, Araujo, Sila & Lago, 2016) e apresenta baixa escolaridade que está diretamente interligada a um baixo nível socioeconômico. Nesse sentido, o que se vê é o agressor com baixo poder aquisitivo encarcerado, enquanto, por outro lado, há aqueles com alto nível socioeconômico e que podem pagar

bons advogados que auxiliam em livrá-los da prisão (Carvalho & Sousa, 2007; Gacono, Meloy & Bridges, 2011).

Algumas características de personalidade dos AVS puderam ser identificadas, como pensamentos distorcido, ou crenças, ou formas diferentes de processar as informações interpessoais sobre sexo e crianças. Estudos têm apontado (Phenix & Hoberman, 2016; Ryan, Baerwald & McGlone, 2008; Soldino & Cabonell-Vaya, 2017), que são maneiras errôneas e patológicas de interpretar questões de convivências entre adultos e crianças. Exemplos dessas crenças ou distorções de interpretação seriam expressas por verbalizações ou pensamentos do tipo: “atividade sexual entre adultos e crianças não é prejudicial”, ou “é positivo crianças saberem sobre sexo e os benefícios da experiência sexual”, e ainda, “uma criança que pede um abraço de um adulto, está sexualmente interessada naquele adulto”. Os autores percebem que os AVS acreditam ainda que estariam se alinhando com o estado emocional da criança no momento do abuso sexual, preenchendo necessidades emocionais da criança por meio da intimidade sexual.

Outras pesquisas têm identificado que é comum os AVS terem prejuízo na capacidade de controlar e administrar seus impulsos, de julgar e de se responsabilizar pelos seus atos. Além disso, frequentemente revelam conflitos psicosexuais, pouca competência social, pouca empatia, baixa autoestima, sendo mais solitários e narcísicos. Ou seja, o comportamento do AVS é resultante de uma imaturidade psicológica e social. (Carabelle, Maniglio, Greco & Catanesi, 2011; Daderman e Jonson, 2008; Ó Ciardha & Gannon, 2011; Phenix & Hoberman, 2016; Ryan *et al.*, 2008; Young, Justice & Erdberg, 2012, 2010).

No desenvolvimento desta dissertação, resultados parciais foram divulgados em eventos científicos da área como apresentações orais e pôster. Foram apresentados quatro trabalhos no ano de 2016. Os dois primeiros no VIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo) na cidade de Florianópolis-SC, na modalidade de pôster: “Autores de Violência Sexual e o teste de Rorschach: Revisão Sistemática” (Carvalho, Perissinotto, Silvestre, Zilki & Resende, 2016), o qual foi premiado em 2º lugar; e o segundo trabalho “A Personalidade de Autores de Violência Sexual por meio do Método de Rorschach: Revisão Sistemática” (Zilki, Aguiar, Perreira Júnior & Resende, 2016). O terceiro, no XVI Encontro de Produção Científica de Psicologia da PUC Goiás, Psicologia: Reflexão e Atuações, na cidade de Goiânia, na modalidade de mesa redonda: “Estudo da Personalidade do Autor de Violência Sexual”

(Resende, Zilki, Teixeira, Perissinotto, Perreira Júnior, 2016). O quarto, no II Congresso de Ciência e Tecnologia da PUC Goiás na cidade de Goiânia, na modalidade apresentação oral: “Produção Científica sobre o Autor de Violência Sexual” (Zilki, Perissinotto & Resende, 2016).

No ano de 2017, foram apresentados outros dois trabalhos provenientes de dados parciais dessa dissertação. O primeiro no 8º Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) na cidade de Florianópolis-SC, na modalidade mesa redonda: “A Psicopatia em Autores de Violência Sexual Avaliado por meio do PCL-R e R-PAS” (Resende, Teixeira, Perissinotto, Zilki e Perreira Júnior, 2017). O segundo no XVII Encontro Científico de Psicologia da PUC Goiás, na modalidade mesa redonda: “Aspectos Psicológicos de Autores de Violência Sexual” (Resende, Zilki, Perissinotto & Teixeira, 2017).

Em busca de consolidar os resultados finais dessa pesquisa, a presente dissertação está organizada em três artigos. O artigo I intitulado “Autores de Violência Sexual e o teste de Rorschach: Revisão da Literatura”, objetivou realizar uma revisão da literatura de publicações nacionais e internacionais que investigaram a personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach. Contudo, realizou-se uma busca em periódicos científicos nacionais e internacionais sobre AVS e o teste de Rorschach nos últimos 10 anos (2008-2018). Foram identificados nove artigos sobre o tema, por meio dos quais foi possível observar comprometimento na maturidade psicológica dos AVS, especialmente nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e na tendência a responder de modo impulsivo.

O artigo II denominado de “Psicopatia, Estresse e Distresse em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes”, trata de um estudo empírico, cujo objetivo foi investigar se AVS contra crianças e adolescentes com e sem psicopatia se diferenciam em relação à capacidade de administrar o estresse, o distresse e a maturidade psicológica (ID). Participaram do estudo 30 reeducandos cumprindo pena em regime fechado por crimes sexuais contra crianças e adolescentes, que foram divididos em dois grupos: G1, composto pelos AVS considerados sem psicopatia (N=20; PCL-R < 30); e G2, composto pelos AVS com psicopatia (N=10; PCL-R ≥ 30). Neste estudo foram utilizados para a coleta de dados um protocolo para registro de dados coletados nos processos criminais, o teste de Rorschach no Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS) considerando as variáveis do domínio de estresse e distresse e o índice de maturidade psicológica (ID) e o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R)

para identificação dos traços de psicopatia. Os dados foram analisados por meio do teste *t* de *student* e análise de regressão linear. Os resultados evidenciaram que 16% da psicopatia em AVS foi explicada por menor nível de estresse e distresse. Quanto à maturidade psicológica, não houve diferença estatística entre os grupos de AVS. Contudo, considerando os resultados de outros grupos investigados na literatura científica, os índices de maturidade psicológica (ID) encontrados nos participantes foram semelhantes aos de pessoas com transtornos psicológicos diversos ou de pessoas em comunidades terapêuticas por ordem judicial.

O artigo III, “Periculosidade e Características de Personalidade em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes”, foi desenvolvido de forma empírica e se constituiu com o objetivo de analisar a periculosidade e as características de personalidade de autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes. Participaram do estudo 69 AVS divididos em dois grupos: G1, vitimizaram apenas crianças (N= 41); e G2, vitimizaram adolescentes e adultos (N= 28). Foram utilizados para a coleta de dados um protocolo de coleta de informações no processo criminal e o Rorschach pelo sistema R-PAS. Para análise dos dados, foi criada uma variável denominada periculosidade por meio da análise fatorial de componente principal (AFCP) e mediante variáveis do perfil criminal para verificar a correlação entre as variáveis do R-PAS e a periculosidade dos participantes, bem como foi realizada a comparação entre os grupos. Os dados foram analisados utilizando correlação de *Pearson*, *t* de *student*, qui-quadrado e *Pearson* ou exato de *Fisher*, e *d* de *Cohen*. Os resultados apontaram que quanto maior é a periculosidade maior é o uso da intelectualização como mecanismo de defesa para não lidar de modo direto e realista com aspectos que geram angústia emocional ou social. Além disso, o G1 apresentou mais perturbações e sentimentos aflitivos (PPD), estresse emocional crônico e situacional (YTVC’, Y), ideações agressivas (AGM) e ações subtas de agressividade por descontrole comportamental (AGC) do que o G2. Contudo, o G2 revelou maior grau de periculosidade.

As referências utilizadas na apresentação, bem como nos artigos I, II e III, são apresentadas ao final da presente dissertação.

## Artigo I

### **Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura**

Áquila Araujo G. R. Zilki

Ana Cristina Resende

#### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão da literatura de publicações nacionais e internacionais que investigam a personalidade do autor de violência sexual (AVS) por meio do teste de Rorschach. Realizou-se uma busca bibliográfica nas bases de dados Psycnet, Web of Science, Pepsic e Scielo utilizando como descritores: Sex Offender, e Pedophile, combinados com Rorschach. A busca está limitada aos últimos dez anos, nos idiomas Inglês, Espanhol e Português, gerando um total de nove publicações. A análise possibilitou um panorama da produção científica nesse campo e foram discutidos os perfis encontrados nos artigos. Os principais achados apontam comprometimento na maturidade psicológica dos AVS, especialmente nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e na tendência a responder de modo impulsivo.

**Palavras-Chave:** Abusador Sexual; Personalidade; Teste de Rorschach.

#### **Sex Offender and the Rorschach Test: Review of Literature**

##### **Abstract**

The objective of this study was to conduct a literature review of national and international publications that investigate the personality of the sex offender (SO) through the Rorschach test. A bibliographic search was performed in the databases Psycnet, Web of Science, Pepsic and Scielo using as descriptors: Sex Offender and Pedophile, combined with Rorschach. The search is limited to the last ten years, in English, Spanish and Portuguese, generating a total of nine publications. The analysis provided an overview of the scientific production in this field and the profiles found in the articles were discussed. The main findings point to a compromise in the authors' psychological maturity, especially in the cognitive, affective, self-perception aspects and tendency to respond impulsively.

**Keywords:** Sex Offender; Personality; Test of Rorschach.



## Introdução

As principais funções da atividade sexual humana são, auxiliar nos vínculos, criar prazer mútuo em cooperação com um parceiro, expressar e estimular o afeto entre duas pessoas e procriar. Para pessoas com parafilias, a atividade sexual implica em comportamentos divergentes, que excluem ou prejudicam as relações com as outras pessoas uma vez que esses atos envolvem agressão, vitimização e unilateralidade (Sadock, Sadock & Ruiz, 2017).

Segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 5ª edição (DSM-5; American Psychiatric Association, APA, 2013), o termo “transtorno parafilico” é reservado para aqueles casos em que uma fantasia ou um impulso sexualmente desviante foi expresso de modo comportamental. Desse modo, compreende-se que a sexualidade de uma pessoa com esse tipo de transtorno está sobretudo restrita a estímulos ou atos desviantes específicos. Os transtornos parafilicos podem variar de um comportamento quase normal até um comportamento destrutivo ou doloroso e ameaçador para a pessoa, para o parceiro e até a comunidade em geral. O DSM-5 lista os transtornos parafilicos em: pedofilia, frotteurismo, voyeurismo, exibicionismo, sadismo sexual, masoquismo sexual, fetichismo e travetismo com critérios diagnósticos explícitos em razão de sua ameaça aos outros e/ou porque são parafilias bastantes comuns.

Uma das parafilias que pode eventualmente consistir em uma agressão sexual contra crianças é a pedofilia. Mais especificamente, a pedofilia é a atração sexual de um indivíduo adulto ou adolescente por crianças pré-púberes (Miranzi & Miranzi Neto, 2017; Taktak, Yilmaz, Karamustafalioglu & Usual, 2016). Trata-se uma doença, não um crime, contudo, é uma doença que causa sofrimento ou prejuízo ao indivíduo e cuja a satisfação, implica em dano ou risco de dano aos outros. É possível que pedófilos não pratiquem nenhuma violência sexual em sua vida. A violência sexual é considerada crime como previsto no Código Penal Brasileiro (2002) no artigo 217-A sobre estupro de vulnerável, é considerado pelo artigo 218 como mediação de menor de 14 anos para satisfazer a lascívia de outrem, e no artigo 214 como contranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça.

A violência sexual contra crianças e adolescentes não se restringe apenas a uma prática realizada por um adulto em relação a uma criança, mas abrange qualquer prática sexual realizada por uma pessoa em relação a outra com menos nível de desenvolvimento psicosssexual. Assim sendo, o contato sexual entre adolescentes e uma criança tam-

bém pode ser considerado abusivo quando há uma diferença significativa de idade, de desenvolvimento ou ainda de tamanho, que não permita com que a vítima tenha condições de dar consentimento consciente para o ato (Arboleta & Duarte, 2005; Espindola & Batistia, 2013; Furniss, 2002).

Uma abordagem para o comportamento de violência sexual que tem se mantido em destaque é a Teoria Integrada de Marshall e Barbarre (1990). Essa teoria considera a infância e a adolescência como fases importantes para o desenvolvimento das disposições agressivas e sexuais, bem como para a maturidade de competências sociais. Nesta abordagem destaca-se que uma socialização violenta e pobre interfere na conquista da autoconfiança e na maturidade das interações sociais e sexuais adequadas, o que pode tornar a pessoa predisposta ao uso da agressão. Diante disso, seria plausível ver pessoas com autoestima inadequada apresentarem prejuízos psicológicos em diversos aspectos, tornando-se assim, adultos voltados apenas aos próprios interesses, e que fazem uso de uma autoimposição violenta por meio de modos não aceitáveis socialmente para garantir o que querem, sendo justamente essas disposições comportamentais e da personalidade que se apresentam com maior ênfase nos AVS (Ward, Polaschek & Beeck, 2006).

A investigação da personalidade de AVS é um árduo desafio, especialmente no cenário brasileiro, uma vez que são escassos os trabalhos nessa área, e as pesquisas nacionais existentes se concentram no impacto do abuso sobre as vítimas (Moura, 2007; Morais, Cerqueira-Santos, Moura, Vaz & Koller, 2007). No âmbito internacional, por outro lado, a produção sobre AVS tem sido mais frequente (Espindola & Batista, 2013; Franks, Sreenivasan, Gacono & Meloy, 2009; Hupricha, Gacono, Schneider & Bridges, 2004; Moura, 2007; Prentky, Knight & Lee, 2008; Spray & Kirkish, 2009; Soldino & Carbonell-Vayá, 2017), já sendo possível observar pesquisa sobre possibilidades e efeitos de programa de tratamento (Craig, Lindsay & Browne, 2010).

Quanto às características sociodemográficas do AVS, observa-se uma homogeneidade diante das pesquisas. Com prevalência de homens AVS, de etnia branca, solteiro, com faixa etária entre 30-40 anos, baixa escolaridade, tendem a ser próximos de suas vítimas, ensino médio incompleto em AVS internacionais e ensino fundamental incompleto para AVS nacionais (Machado, Lueneberg, Régis & Nunes, 2005; Martins & Jorge, 2010; Santos, Costa, Amaral, Nascimento Sobrinho, Musse & Costa, 2015; Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy & Barros, 2009; Soares, Silva, Matos, Araújo, Silva & Lago, 2016). Essa baixa escolaridade está diretamente interligada a um baixo nível socioeco-

nômico, Harckman, Farah e Meaney (2010) afirmam que o fato de crescer em um ambiente com baixo nível socioeconômico está associado a prejuízos no bem-estar psicológico, bem como prejuízo no desenvolvimento cognitivo e emocional ao longo da vida. Além disso, os mesmos autores afirmam que pessoas que cresceram em ambientes com baixo status socioeconômico, tendem a apresentar mais problemas de conduta com comportamentos internalizantes (por exemplo depressão e ansiedade) e externalizantes (por exemplo agressividade e impulsividade).

#### *Autores de Violência Sexual avaliados por meio do teste de Rorschach*

Na busca por tentar compreender o comportamento sexual violento, estudos têm se encarregado de identificar características da personalidade de autores de violência sexual (Prentky, Knight & Lee, 2008). As pesquisas de cunho empírico, que se propõem a avaliar a personalidade do AVS, tendem a usar testes de personalidade, entre eles o teste de Rorschach (Franks *et al.*, 2009; Gacono & Meloy, 2009; Hupricha *et al.*, 2004).

Diante de sua propriedade psicométrica e projetiva, o teste de Rorschach tem se destacado como instrumento psicológico forense no estudo de avaliação da personalidade (Norbech, Gronnerod & Hartmann, 2016; Norbech, Fodstad, Kwisma, Lunde & Hartmann, 2016). Pesquisas que utilizaram o teste de Rorschach afirmam que o AVS não possui uma personalidade singular, no entanto, algumas características se sobressaíram em diversos estudos, tais como: impulsividade, narcisismo, déficit em habilidades sociais, insensibilidade afetiva, pouca capacidade empática e distorção cognitiva (Franks *et al.*, 2009; Gacono & Meloy 2009; Hupricha *et al.*, 2004). Embora não tenham utilizado o teste de Rorschach, demais pesquisadores (Morais *et al.*, 2007; Ó Ciardha & Gannon, 2011; Serafim *et al.*, 2009; Szumiski & Zielona-Jenek, 2016) também encontraram características semelhantes em suas respectivas pesquisas sobre a personalidade do AVS.

De acordo com o estudo de Gacono *et al.* (2011), os resultados do teste de Rorschach Sistema Compreensivo (SC) de 109 participantes, subdivididos em três grupos (psicopatas, homicidas sexuais e pedófilos não violentos), apontaram similaridade e diferenças entre eles. A semelhança entre os grupos foi a elevada incidência de traços de narcisismo (Fr+rF) entre os participantes dos grupos. Quanto às discrepâncias, os psicopatas evidenciaram estatisticamente menos necessidade de proximidade física e emocional (T), pouca disposição para relações interpessoais (H puro e somatório de respostas H) e muito menos incidência de pensamentos suicidas (SC-CON). Nos homicidas sexu-

ais os autores identificaram os maiores prejuízos no teste de realidade ( $X-\%$ ), com maior predisposição para pensamentos desorganizados ( $W\text{Sum}6$ ), e mais ideias não deliberadas associadas a irresponsabilidade e comportamentos impulsivos ( $FM$ ). Por sua vez, os pedófilos apresentaram maior presença de afetos disfóricos ou sofrimento psíquico ( $\text{Sum}V$ ,  $DEPI$ ), formas mais imaturas de interagir com as pessoas, baseando-se mais na fantasia e modos mais idealizados de se perceber e perceber o outro [ $H < Hd + (H) + (Hd)$ ], e mais pensamentos suicidas ( $SC-CON$ ).

Ryan, Baerwald e McGlone (2008) avaliaram as variáveis de mediação cognitivas no teste de Rorschach SC diante de 235 participantes, subdivididos em três grupos: AVS pedófilos, AVS pedófilos sacerdotes e não abusadores sexuais. Os resultados apontaram elevada frequência do estilo de pensamento social pouco convencional ( $Xu\%$ ) e rebaixamento da precisão do pensamento ( $X+\%$ ) em ambos os grupos de pedófilos, quando comparados com os não abusadores sexuais. Para os autores esse parece ser o padrão de pensamento dos AVS, o que pode revelar predisposição para interpretação inadequada da realidade, bem como, prejuízos na identificação com o outro, e formas não convencionais de perceber o ambiente. Assim, pensamentos tais como “atividade sexual entre adultos e crianças não é prejudicial”, ou “uma criança que pede um abraço de um adulto está sexualmente interessada naquele adulto” poderiam fazer parte dessas distorções cognitivas. Esses prejuízos encontrados no presente estudo também foram corroborados pelos estudos de Gacono *et al.* (2011), Ó Ciardha e Gannon (2011), Szumski e Zielona-Jenek (2016) e Zúquete e Noronha (2012).

Outra pesquisa por meio de três estudos de caso em AVS (Marques, 2006), realizado com o teste de Rorschach no sistema francês, encontrou resultados semelhantes aos achados de Gacono *et al.* (2011) quanto ao prejuízo nas relações interpessoais. Os resultados evidenciaram dificuldade na adaptação afetiva e emocional ( $FC < CF + C$ ), com prejuízo no relacionamento interpessoal ( $H\% \downarrow$ ), imaturidade e impulsividade ( $K:C$  ponderada;  $kan$ ) e indicadores de narcisismo ( $Reflexo$ ).

Como pode ser observado, em face da literatura pesquisada, algumas características diante da personalidade dos AVS foram evidenciadas, resultando quase sempre em imaturidade psicológica, com predisposições para prejuízos nos aspectos afetivos, sociais/relacionais e cognitivos.

Desse modo, considerando a carência e a importância de se explorar estudos que investigaram a personalidade de AVS, bem como a possibilidade do uso do teste de Rorschach para esse tipo de investigação, o presente artigo teve como objetivo realizar

uma revisão da literatura científica sobre o estudo da personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach. A partir dos estudos selecionados, buscou-se ainda: levantar a frequência das publicações; identificar o tipo de delineamento utilizado nas pesquisas; categorizar o perfil sociodemográfico dos participantes dos estudos; identificar o contexto em que o abuso ocorreu; classificar o sistema de aplicação e interpretação do teste de Rorschach e descrever os principais resultados encontrados por meio do teste.

### **Método**

Realizou-se uma busca bibliográfica acerca de AVS avaliado por meio do Teste de Rorschach em quatro bases de dados: Web of Science, Psycnet, Pepsic e Scielo. Estas bases de dados científicas foram selecionadas pela grande expressão apresentada no meio científico, com acervo extenso de estudos da área da saúde e Psicologia. Foram usados como descritores “Sex Offender” e “Pedophile” todos combinados com o descritor Rorschach. A coleta de dados foi realizada em janeiro de 2018, limitada aos últimos 10 anos (janeiro de 2008 a janeiro de 2018), nos idiomas português, inglês e espanhol.

Como critérios de inclusão foram considerados: ser estudo empírico, relacionado com avaliação do AVS por meio do teste de Rorschach, com participantes adultos do sexo masculino. Como critérios de exclusão: estudos com grupo profissional específico, teses, dissertações, livros ou capítulos de livros e estudos repetidos nas bases. A busca e seleção dos artigos incluídos na revisão da literatura foram realizadas por mais de um pesquisador de forma independente, garantindo, assim, confiabilidade da busca bibliográfica.

### **Resultados e Discussão**

Ao total foram recuperados 120 resumos. Após leitura criteriosa dos resumos, foram excluídos 109, predominantemente porque tratavam-se de estudos realizados com as vítimas ou estudos que não utilizavam o teste de Rorschach como instrumento de coleta de dados. De acordo com os critérios de exclusão, foram excluídos dois artigos duplicados nas bases de dados. Ao final foram identificados nove artigos científicos: três redigidos em português, quatro em inglês e um em espanhol. Em relação às bases de

dados, duas publicações foram da Web of Science, três da Psycnet, três da Pepsic e uma da Scielo.

No levantamento da frequência das publicações, em 2008 e 2010 e 2013 foram levantadas duas publicações por ano, e em 2009, 2011 e 2012 somente uma por ano. Observou-se que publicações que investigam a personalidade de AVS por meio do Rorschach têm sido escassas. Morais *et al.* (2007) e Moura (2007) já observaram que as produções de estudos brasileiros sobre AVS, independentemente da escolha do teste psicológico, eram reduzidas quando comparadas com as internacionais, sendo no estudo das vítimas a maior concentração das pesquisas nacionais. Tal fato mostra uma lacuna a respeito dos estudos realizados com essa população. Porém, como pode ser observado no presente estudo, foram considerados apenas artigos que fizeram uso de um teste específico o que reduziu ainda mais a quantidade de publicações.

Apesar disso, entende-se que estudar os autores desse crime por meio do teste de personalidade de Rorschach traz inúmeros benefícios tanto para comunidade científica como para a população de forma geral, pois pode oferecer subsídios para os profissionais que trabalham com avaliações de personalidade e pessoas que cometem crimes sexuais, apontar possíveis focos de tratamento e intervenção dos AVS, bem como pode auxiliar na orientação para políticas públicas voltadas a ações preventivas do abuso sexual (Furniss, 2002). Artigos como este oferecem uma oportunidade para entender como os AVS compartilham algumas características de personalidade, envolvem comportamentos semelhantes e requerem intervenções de tratamentos.

Considerando o tipo de delineamento das pesquisas com AVS, foram encontrados estudos de casos ( $n=5$ ) e estudos de comparação entre grupos ( $n=4$ ). Todas as pesquisas foram do tipo descritivas (Quadro 1), as quais buscam conhecer e interpretar a realidade sem interferir nela, descrevendo o que de fato ocorre. Tais estudos fornecem dados relevantes a respeito da população estudada e podem favorecer algumas generalizações (Marczyk, DeMatteo & Festinger, 2005). No entanto, não permitem estabelecer relação de causa e efeito como ocorre em estudos com delineamentos experimentais (Davis & Bremner, 2010) ou quase-experimentais (Fife-Schaw, 2010), sendo esta uma possibilidade para novos estudos diante da temática estudada.

**Quadro 1:** Artigos selecionados, tipo de delineamento e caracterização da amostra

Autores/Data	Delineamento	Amostra
--------------	--------------	---------

1. Scortegagna & Amparo (2013)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	Homens incestuosos (N=3) <ul style="list-style-type: none"> <li>•50 anos, casado, ensino fundamental completo, motorista de ônibus;</li> <li>•43 anos, casado, ensino fundamental incompleto, agricultor;</li> <li>•46 anos, casado, ensino fundamental incompleto, auxiliar de serviços gerais.</li> </ul>
2. Scortegagna & Villemor-Amaral (2013)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	Pedófilo (N=1) <ul style="list-style-type: none"> <li>•38 anos, divorciado, ensino fundamental completo, comerciante.</li> </ul>
3. Young, Justice & Erdberg (2012)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	Estupradores (N=45) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Média de 35-24 anos, ensino médio incompleto, 20 brancos não latinos, 6 latinos, 19 afros americanos.</li> </ul> Molestadores (N=15) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Média de 32-27 anos, ensino médio incompleto, sendo 11 brancos não latinos, 1 latino e 3 outras etnias.</li> </ul>
4. Carabellese, Maniglio, Greco & Catanesi (2011)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	Estuprador (N=1) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Homem de 38 anos, casado, com duas filhas (de 4 e 11 anos), ensino superior completo, enfermeiro.</li> </ul>
5. Young, Justice & Edberg (2010)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	Amostra mista de AVS (N=60) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Média de 32 anos predominantemente com ensino médio incompleto, 52% caucasianos, 32% negros, 12% latinos, e 4% identificados como outras etnias, 77% solteiros e 63% com baixo nível socioeconômico.</li> </ul> Criminosos não AVS (N=60) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Média de 33 anos, predominantemente com ensino médio incompleto, 34% caucasianos, 37% negros, 22% latinos e 7% identificados como outras etnias, 90% solteiros e 71% com baixo nível socioeconômico.</li> </ul>
6. Pimentel (2010)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	Homem incestuoso (N=1) <ul style="list-style-type: none"> <li>•31 anos, ensino fundamental incompleto, pedreiro, solteiro, sem filhos e nascido no estado do Pará.</li> </ul>
7. Etcheverria (2009)	Descritivo do tipo Comparativo	Amostra mista de AVS (N=20) <ul style="list-style-type: none"> <li>•55% com idade entre 31-45 anos, 30% entre 23-58 anos, 70% com ensino fundamental (completo e incompleto), 30% ensino médio (completo e incompleto), 60% solteiros, 25%</li> </ul>

		casados, 15% separados.
8. Pasqualini-Casado, Vagostello, Villemor-Amaral & Nascimento (2008)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	Homens incestuosos (N=3) <ul style="list-style-type: none"> <li>•44 anos, nasceu em Minas Gerais;</li> <li>•47 anos, nasceu em São Paulo;</li> <li>•44 anos, nasceu na Bahia. Todos casados e analfabetos.</li> </ul>
9. Daderman & Jonson (2008)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	Estupradores (N=10) <ul style="list-style-type: none"> <li>•Idade média de 38,7, ensino médio incompleto.</li> </ul>

---

Com relação à categorização do perfil sociodemográfico do AVS, entre os artigos pesquisados as idades variaram de 22 a 59 anos, com prevalência na faixa etária de 30 a 40 anos (n=7). Quanto à escolaridade, predominou ensino médio incompleto para as pesquisas internacionais (Daderman & Jonson, 2008; Etcheverria, 2009; Young *et al.*, 2012, 2010), seguido por ensino fundamental incompleto nas pesquisas nacionais (Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Pimentel, 2010; Scortegagna & Amparo, 2013) e uma pesquisa nacional com ensino fundamental completo (Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) e apenas uma pesquisa com um participante que concluiu ensino superior (Carellese *et al.*, 2011). Referente à etnia, apenas dois estudos internacionais apresentam essa informação (Young *et al.*, 2010, 2012), sendo a maioria brancos e os negros como minoria. Outro dado que pode ser analisado foi o estado civil, e dois dos nove estudos não apresentaram esses dados de seus participantes (n=7). A maior frequência foi de solteiros (n=3), seguida por casados (n=3) e divorciado (n=1).

Observou-se que as características sociodemográficas levantadas na presente revisão convergem para o perfil encontrado em outros estudos (Carvalho & Sousa, 2007; Gacono *et al.*, 2011), ou seja, prevalece entre os AVS, homem de etnia branca, solteiro, com faixa etária entre 30-40 anos, baixa escolaridade, ensino médio incompleto para estudos internacionais e ensino fundamental incompleto para estudos nacionais. Essa baixa escolaridade está intimamente relacionada ao baixo nível socioeconômico de boa parte da população brasileira. Harckman *et al.* (2010) consideram que o fato de a pessoa crescer em um ambiente social instável e inseguro como são os ambientes socioeconômico desfavorecido presumivelmente sem modelos para ensinar-lhes sobre configuração apropriada de limites, habilidades de resolução de conflitos e estratégias efetivas de enfrentamento - está associado a prejuízos nos aspectos psicológico, cognitivo e emocio-



nal no decorrer da vida, e ainda essas pessoas tendem a apresentar mais problemas de conduta com comportamentos internalizantes (por exemplo depressão e ansiedade) e externalizantes (por exemplo agressividade e impulsividade). Marshall, O'Brien e Kingston (2009) observaram que muitos AVS foram adolescentes de baixo nível socioeconômico e com problemas de aprendizagem, comportamentais e abuso de substâncias na escola, com o resultado do abandono escolar.

No que tange à identificação do contexto em que o abuso ocorreu apenas quatro artigos mencionaram essa informação e discutiam o abuso intrafamiliar, tendo como vítimas filhas biológicas, enteadas e sobrinha (Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Pimentel, 2010; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral). De acordo com o levantamento do Ministério da Saúde (Brasil, 2013), a violência sexual contra adolescentes é a segunda violência mais frequente. Nestes casos, a violência sexual comumente acontece nos ambientes intrafamiliares ou com pessoas que confiam no agressor (Machado *et al.*, 2005; Martins & Jorge, 2010; Santos *et al.*, 2015; Serafim *et al.*, 2009; Soares *et al.*, 2016).

Considerando o sistema de aplicação e interpretação do Rorschach, pode ser notada a prevalência do uso do SC nos estudos levantados nesta revisão. Apenas um artigo (Pimentel, 2010) não explicitou qual foi o sistema de correção do teste. Atualmente, o SC vem sendo uma das escolas de Rorschach mais estudadas e pesquisadas no mundo, proporcionando grande subsídio empírico para o teste, até mesmo no Brasil (Exner, 2003; Nascimento, 2010; Resende, Carvalho & Martins, 2012; Pasian, 2010; Villemor-Amaral *et al.*, 2007).

Para analisar os resultados observados referentes à personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach, os autores quase sempre apontam as variáveis do teste que sustentam suas discussões e considerações, como pode ser visto no Quadro 2. No entanto, em dois artigos (Carabellese *et al.*, 2011; Pimentel, 2010), os autores não apresentaram as variáveis que fundamentam suas conclusões. Neste caso, os resultados encontrados nesses dois estudos foram discutidos na medida em que possuíam alguma semelhança semântica com os resultados dos demais autores.

---

**Quadro 2:** Resultados encontrados no Rorschach dos artigos da Revisão Sistemática

---

Autores (Data)	Resultados
1. Scortegagna & Amparo (2013)	• Os AVS apresentaram desempenhos inferiores em 7

- 
- índices considerando as normas nacionais para adultos no teste, destacando a baixa autoestima (EgoIndex↓ com  $Fr+rF=0$ ), pouca introspecção e autocrítica ( $FD=0$  e  $V=0$ ), distanciamento interpessoal ( $T=0$ ) e inabilidades empáticas ( $M↓$ ) e propensão a condutas autograti-ficantes ante pressões instintivas ( $FM=0$ ), ou seja, agem antes mesmo da necessidade básica surgir como pensamento intrusivo;
- E desempenhos superiores às médias em 2 índices, que indicam prejuízo na autoimagem ( $MOR↑$ ) e interpretação distorcida da realidade ( $X-‰↑$ )
2. Scortegagna & Ville-mor-Amaral (2013)
- O AVS apresentou desempenhos inferiores às médias nacionais de adultos em 5 índices, revelando distorção da autoimagem e, incapacidade de formular uma visão realística e integrada de si e dos outros ( $(H<Hd+(H)+(Hd) ↓$ ), inabilidades empáticas e menos disposição para pensamentos deliberados ( $M↓$ ), menos coerência e juízo crítico da realidade ( $X+‰↓$ ) e menos recursos psicológicos eficientes para enfrentar as demandas de estresse situacionais (Notas  $D↓$ ) ou crônicos ( $AdjD↓$ ).
  - E desempenho acima da média em 3 índices, que indicam prejuízo na autoimagem ( $MOR↑$ ), interpretação distorcida da realidade ( $X-‰↑$ ) e pensamentos intrusivos e comportamentos impulsivos ( $FM↑$ ).
3. Young, Justice & Erd-berg (2012)
- Comparação entre os AVS molestadores e estupradores: os AVS molestadores apresentaram desempenhos mais elevados em 3 índices quando comparados aos AVS estupradores, revelando-se mais egocêntricos e narcísicos ( $Fr+rF↑$ ), maior necessidade de vínculos próximos ( $SumT↑$ ) e alienação emocional ( $S↑$ );
  - E os AVS estupradores apresentaram desempenho elevado em 1 índice quando comparados aos AVS molestadores, o que aponta para uma maior predisposição a distúrbios do pensamento ( $WSum6↑$ ).
4. Carabellese *et al.* (2011)
- Mais traços narcísicos e comportamentos impulsivos (Esses autores não explicitaram as variáveis do teste).
5. Young, Justice & Edberg (2010)
- Em comparação aos não ofensores sexuais ¼ da amostra de AVS apresentaram desempenhos mais elevados em 3 índices, que apontam para prejuízos na autopercepção ( $MOR> 2$  em 35% da amostra), traços narcísicos ( $Fr+rF> 0$  em 68% da amostra), imaturidade afetiva com predisposição para expressão de suas emoções de modo lábil e sugestionável ( $CF+C> FC$  em 78% da amostra);

- E desempenhos inferiores em 4 índices que indicam prejuízos nos relacionamentos interpessoais tanto por primar pela distância (Textura= 0 em 77%) quanto por dificuldade de ter um senso estável de quem ele e as pessoas são (conteúdo  $H \leq 2$  em 62%), propiciando relacionamentos menos efetivos. E ainda, apresentaram menos incidência para psicopatologia (índice de esquizofrenia  $\geq 5$  em 24% dos AVS e 27% nos não AVS e índice de depressão  $\geq 5$  em 17% dos AVS e 20% nos não AVS) e imaturidade no manejo das interações interpessoais (CDI  $\geq 4$  em 40% dos AVS e 47% nos não AVS)

#### 6. Pimentel (2010)

- Estrutura de personalidade frágil e uso de recursos defensivos pouco eficazes, típicos das primeiras etapas do desenvolvimento: negação da realidade; experiências de intenso conflito e de impotência para controlar a agressividade que ameaça o próprio *self*; autopercepção e percepção interpessoal prejudicada; experiência subjetiva da necessidade de ajuda que está ligada à atuação de uma imagem materna boa e conciliatória, mas que é fugaz substituída pelos pesadelos internos. (Esses autores não explicitaram as variáveis do teste).

#### 7. Etcheverria (2009)

- Em comparação aos dados normativos nacionais: os AVS apresentaram desempenhos abaixo da média em 12 índices, os quais revelaram resistência e pouco envolvimento com a tarefa realizada (R), processamento simplista e superficial das informações (L, F), nível de desenvolvimento cognitivo baixo (DQo), baixa coerência e juízo crítico da realidade (X+%), imaturidade afetiva com predisposição para expressão de suas emoções de modo lábil e sugestível (CF > FC), dificuldade de vivenciar e expressar os afetos (WSumC), poucos recursos para lidar com as demandas da vida diária (EA), desconforto emocional situacional (SumY), baixa capacidade de refletir sobre suas ações (Ma), incapacidade de formular uma visão realística e integrada de si e dos outros ( $H < (Hd) + Hd$ ) e características egocêntricas e imaturas (PER);
- Os AVS apresentaram desempenhos acima da média para 1 índice, o qual revelou característica de passividade (passivo) em comparação aos dados normativos.
- Em comparação aos delinquentes comuns: os AVS apresentaram desempenhos mais elevados em 8 índices, o que apontou para maior desconsideração pelos comportamentos convencionais ou socialmente esperados (Xu%), mais passividade nas relações interpessoais (passivo), maior nível de desenvolvimento intelectual (DQ+), capacidade para abstração (W), esforço

- cognitivo e criativo (Zf), características egocêntricas e imaturas (PER), necessidade de esconder os verdadeiros sentimentos e pensamentos (Cg) e interesses menos convencionais (Idio);
- Os AVS apresentaram desempenhos inferiores em 5 índices, destacando pobre contato com a realidade e mais distorção cognitiva (X-%), nível de desenvolvimento cognitivo baixo (DQo), capacidade de modular a descarga das emoções (FC) e incapacidade de formular uma visão realística e integrada de si e dos outros ((Hd), Hd).
8. Pasqualini-Casado *et al.* (2008)
- Em comparação aos dados normativos nacionais: os AVS indicaram autopercepção e percepção do outro imatura: baixa autoestima (EgoIndex↓), pouca auto-crítica e introspecção (FD+V=0), desinteresse pelas pessoas (H total=0), autocentramento e egocentrismos (PER), processamento simplista e superficial das informações (L↑) e desconsideração pelos comportamentos convencionais ou socialmente esperados (Xu%↑) reação emocional mais lábil e sugestionável (CF↑), raiva e ressentimento do mundo e das pessoas (S↑), sentimentos de solidão (SumT↑), propensão a condutas autogratiíficantes ante pressões instintivas (FM↓).
9. Daderman & Jonson (2008)
- Em comparação aos dados normativos nacionais os AVS apresentaram: mais prejuízos cognitivos, desorganização do pensamento (WSum6↑), processamento mais simplista e superficial das informações (L>0,85), percepções menos precisas (X+%), mais prejuízos afetivos e interpessoais, retraimento de situações que mobilizam as emoções (Afr <0,55); ausência de sentimentos de serem mais distantes em seus relacionamentos (T=0) e pouca capacidade de introspecção e autocríticas (FD=0 e H↓).

---

Nota: EgoIndex: Índice de Egocentrismo; Fr+rF: soma dos determinantes de reflexo; FD: determinante de forma dimensão; V: determinante de sombreado vista; T: determinante de sombreado textura; M: determinante de movimento humano; FM: determinante de movimento animal; MOR: código temático de conteúdo morbido; X-%: percentual de respostas com forma distorcida; H: conteúdo humano inteiro; (H): conteúdo tipo-humano; Hd: conteúdo de detalhe humano; (Hd): conteúdo detalhe tipo-humano; X+%; percentual de respostas de forma convencional; SumT: soma do determinante sombreado textura; S: resposta com integração do espaço em branco; WSum6: soma ponderada dos códigos especiais críticos; CF: determinante de cor dominante com a forma como elemento secundário; C: determinante de cor pura; FC: determinante de forma dominante e cor como element secundário; CDI: índice de deficit relacional; R: número de respostas, L: lambda; F: determinante de forma; DQo: qualidade evolutiva ordinária; SumPondC: soma ponderada das cores; EA: experiência efetiva; SumY: soma de determinante com sombreado difuso; Ma: determinante de movimento humano ativo; PER: código temático de conhecimento pessoal; Xu%: percentual de respostas com

forma incomum; DQ+: qualidade evolutiva ordinária; W: localização global; Zf: nota que reflete o nível de motivação; Cg: conteúdo de vestimenta; Idio: conteúdo idiossincrático; Afr: quociente afetivo.

No quadro 2 pode ser observado as comparações dos estudos entre os grupos, por meio das variáveis identificadas no teste de Rorschach. A partir dessa identificação das características de personalidade encontrada nos AVS (quadro 2), foi notado que em 77% dos estudos os AVS apresentaram prejuízos nos aspectos cognitivos, na autopercepção em 100% dos artigos, nos afetos em 62% e no controle dos impulsos em 44% dos artigos pesquisados, a partir desses dados levantados foi elaborado o quadro 3, ou seja, o quadro 3 se trata do agrupamento dos prejuízos cognitivos, na autopercepção, nos afetos e controle dos impulsos achados nos AVS.

**Quadro 3.** Resumo dos achados da Revisão da Literatura

<b>Tipos de Prejuízos e No de Estudos</b>	<b>Prejuízos Encontrados (variáveis do Rorschach)</b>
<p><b>Cognitivo</b> N=7 (77%)</p> <p>-Daderman e Jonson (2008); Etcheverria (2009); Pasqualini-Casado <i>et al.</i> (2008); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013) e Young <i>et al.</i> (2012, 2010).</p>	<p>Predisposição para interpretar a realidade de modo idiossincrático (Xu%↑), desconsiderando as convenções sociais (X+%↓), bem como tendência a raciocinar de modo infundado/arbitrário (X-%↑). Observou-se também tendência ao processamento mais simplista e superficial das informações (L↑), prejuízos do pensamento (WSum6↑ e PTI positivo) e poucos recursos eficientes para lidar com situações estressantes (EA↓)</p>
<p><b>Autopercepção</b> N= 9 (100%)</p> <p>-Carabellese <i>et al.</i> (2011); Daderman e Jonson (2008); Etcheverria (2009); Pasqualini-Casado <i>et al.</i> (2008); Pimentel (2010); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013) e Young <i>et al.</i> (2012, 2010).</p>	<p>Visão imatura de si e do outro (Htotal=0), pouca capacidade de introspecção (FD+SumV=0), tendência aos relacionamentos psicologicamente frios e distantes (SumT=0 e H↓). Além de tendência para traços narcísicos e egocentrismo (Fr+rF e PER), baixa autoestima (EgoIndex↓) e autocrítica negativa (MOR↑) geradora de uma visão negativa e pessimista do meio.</p>
<p><b>Afetivos</b> N= 5 (62%)</p> <p>-Daderman e Jonson (2008); Pasqualini-Casado <i>et al.</i> (2008); Pimentel (2010); Young <i>et al.</i> (2012 e 2010).</p>	<p>Reação emocional mais lábil e sugestível (CF↑), retraimento afetivo e situações que mobilizam as emoções ou sentimento (Afr&lt;0,55) pouco indício de remorso e culpa (V= 0), e ainda raiva e ressentimento do mundo e das pessoas ou alienação emocional (S↑).</p>
<p><b>Controle dos Impulsos</b> N=4 (44%)</p>	<p>Inabilidades empáticas e menos disposição para pensamentos deliberados (M↓), propensos a</p>

---

- Carabellese <i>et al.</i> (2011); Pasqualini-Casado <i>et al.</i> (2008); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013).	condutas autogratiscentes ante pressões instintivas (FM=0), ou seja, agem antes mesmo da necessidade básica surgir como pensamento intrusivo e ainda comportamentos impulsivos.
--	---

---

Com relação aos aspectos cognitivos, 77% dos estudos (n=7) observaram que os AVS apresentavam algum prejuízo cognitivo leve, ou seja, insuficiente para caracterizar qualquer tipo de psicose ou deficiência mental (Daderman & Jonson, 2008; Etcheverria, 2009; Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Young *et al.*, 2012, 2010). O que mais se destacou foi a disposição para interpretar a realidade de modo idiossincrático, um pouco distorcido ou mais subjetivo, típico de deliberada desconsideração pelos comportamentos convencionais ou socialmente esperados ( $Xu\% \uparrow$  e  $X+\% \downarrow$ ), bem como a predisposição para percepções errôneas de si mesmo e das ações dos outros ( $X-\% \uparrow$ ), por meio de porcentagem acima da média de  $X-\%$  e  $Xu\%$  e abaixo da média de  $X+\%$ , mas insuficientes para caracterizar pensamentos psicóticos ou típicos de retardo mental ou qualquer tipo de insanidade mental (n=4).

Ainda sobre os aspectos cognitivos, dos sete estudos, três deles indicavam mais distorções do pensamento (WSum6 $\uparrow$  e PTI positivo; n=3) nesse grupo do que em outros grupos de criminosos ou quando comparados com dados normativos para a população geral. Isso sugere a tendência nos AVS de raciocinar de modo infundado ou arbitrário, com uma sequência de ideias incompreensíveis ou divagações irrelevantes que acabam por comprometer a lógica e a coerência do pensamento. Observou-se por meio dos aspectos cognitivos que outros estudos indicaram (n=2) que essas pessoas também tendem a ter processamentos cognitivos simplistas e superficiais das informações, assinalando que possuem poucos recursos eficientes para enfrentar situações estressantes ( $L \uparrow$  e  $EA \downarrow$ ).

Algum grau de distorção da realidade, bem como estilo de pensamento rígido e simplista, também pode ser observado em AVS estudados por Ryan *et al.* (2008) e Gacóno *et al.* (2011). Esse tipo de comprometimento cognitivo pode ser percebido quando esses AVS muitas vezes afirmam que “foram as vítimas que pediram para ter o intercurso sexual e que foi tudo consensual”, quando acreditam que “não há violência nos jogos sexuais” ou que “friccionar as áreas genitais das crianças não gera qualquer prejuízo para elas” ou que “o sexo com crianças é bom para elas e não gera traumas” (Ó Ciardha

& Gannon, 2011; Szumski & Zielona-Jenek, 2016). Todos esses pensamentos são incompatíveis com as normas sociais e indicam que a subjetividade, ou o raciocínio superficial, ou ainda crenças distorcidas dessas pessoas podem sobressair à percepção e elaboração mais convencional e lógica da realidade, pois muitas dessas vítimas são crianças e adolescentes que tendem a ter sérios prejuízos no seu desenvolvimento em função dessas experiências.

Com relação à autopercepção, todos os estudos (N=9) apontam para algum prejuízo nesse aspecto (Carabellese *et al.* 2011; Daderman & Jonson, 2008; Etcheverria, 2009; Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Pimentel, 2010; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Young *et al.*, 2010, 2012). Uma das características que se destacaram foi o traço narcisista (n=3), desvelando a tendência a olhar somente para si, a ponto de ignorar o que está acontecendo com o outro. Normalmente são mais egoístas, arrogantes e propensos a superestimar o próprio valor. Eventualmente essas características narcísicas se revelam como mecanismos de defesa para não entrar em contato com a baixa autoestima (EgoIndex↓, n=3), o que predispõe as pessoas a cair em uma depressão profunda. Observou-se, ainda, outros prejuízos, tais como: muitas autocríticas negativas geradoras de uma visão negativa do meio (MOR↑; n=5), pouca capacidade de introspecção e autocrítica (FD+SumV=0; n=3), visão imatura de si e do outro (Htotal=0, PER; n=3), bem como predisposição para relacionamentos psicologicamente frios e distantes (SumT=0, H↓; n=6). Surpreendentemente, em outros dois estudos, observou-se a necessidade de proximidade física e emocional (SumT↑; n=2), contrariando a maioria dos estudos (n=6 e SumT=0). Isso sugere que essas pessoas eventualmente se tratam de pessoas solitárias, emocionalmente carentes e com necessidade de atenção interpessoal. Entretanto, essa carência emocional muito provavelmente esteja relacionada com a situação do encarceramento que estavam vivenciando.

Esses prejuízos na autopercepção e predisposição para relacionamentos interpessoais distantes também foram observados em AVS nos estudos de Ryan *et al.* (2008) e Gacono *et al.* (2011). Ou seja, os AVS possuem pobres recursos interrelacionais quando comparados com outros adultos, entretanto também querem ter seus desejos sexuais atendidos. Diante disto, buscam vítimas vulneráveis e essas vítimas tendem a ser em sua maioria crianças e adolescentes que se encontram em pleno desenvolvimento biopsicosocial, ou ainda pessoas adultas que de alguma forma também estejam vulneráveis. Essas pessoas priorizam seus desejos, por meio de uma visão em que ter relações sexuais com criança é tido como “normal”, pois não reconhecem o outro, e muito menos as se-

quelas físicas e psicológicas resultantes da violência sexual, pois não a veem como violência; tais apontamentos indicam percepções errôneas e imaturas de si e do outro por parte dessas pessoas (Zúquete & Noronha, 2012).

Quanto aos aspectos afetivos, 62% dos estudos (n=5) verificaram que os AVS possuem dificuldade em lidar com questões emocionais ou afetivas (Daderman & Jonson, 2008; Pasqualini-Casado *et al.* 2008; Pimentel 2010; Young *et al.* 2012 e 2010). Desses cinco estudos, dois deles destacaram que os AVS não são receptivos aos afetos, evitam trocas afetivas e situações que mobilizam mais intensamente as emoções ( $Afr < 0,55$ ), bem como tendem a não vivenciar sentimentos de remorso e culpa ( $V=0$ ).

Ainda sobre os aspectos afetivos, três estudos indicaram predisposição para perda do controle emocional ( $CF\uparrow$ ; n=3). Isso implica em pouca capacidade de administrar descargas afetivas em relação às demais pessoas, mostrando-se mais sugestionáveis, lábeis e egocêntricos quanto às suas emoções, colocando-as como mais importante do que às emoções das demais pessoas. Além disso, raiva e ressentimento ( $S\uparrow$ ; n=2) podem interferir na percepção da realidade. Todos esses aspectos observados podem interferir prejudicialmente nas relações interpessoais e, conseqüentemente, propiciar relacionamentos interpessoais superficiais, pobres e sem trocas empáticas.

Essas mesmas dificuldades emocionais e afetivas foram observadas em AVS estudados por Ryan *et al.* (2008) e Gacono *et al.* (2011). O tipo de prejuízo nos aspectos afetivos pode ser notado no modo como sentem e vivenciam suas emoções, que vão na contramão das normas sociais e indicam menor capacidade em administrar suas descargas afetivas do que a maioria dos adultos. Assim, quanto maior for a imaturidade das organizações afetivas maior será a impulsividade na liberação dessas emoções. Os autores também observaram nos AVS participantes de suas pesquisas a falta de remorso e culpa diante de seus atos.

Referente ao controle dos impulsos, 44% dos estudos (n=4) identificou nos AVS impulsividade no controle dos impulsos em termos de pensamento (Carabellese *et al.*, 2011; Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013). Dentre esses estudos, dois (Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) referenciam a inabilidade empática e baixa disposição para pensamentos deliberados ( $M\downarrow$ ), e quatro artigos (Carabellese *et al.*, 2011; Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) apontaram que os AVS são mais propensos a condutas autogratiíficantes



ante pressões instintivas (FM=0), o que indica, que eles agem antes mesmo da necessidade básica surgir como pensamento intrusivo.

Na pesquisa de Gacono *et al.* (2011) a presença de mais pensamentos não deliberados associados a irresponsabilidades e comportamentos impulsivos (FM) foi maior no grupo de AVS, o que corrobora com os achados evidenciados na presente revisão. Harckman *et al.* (2010) apontaram que o desenvolvimento de uma pessoa em um ambiente com baixo nível socioeconômico está relacionado com prejuízos no bem-estar psicológico, no desenvolvimento cognitivo e emocional no decorrer da vida. Tais prejuízos podem refletir em problemas maiores na conduta com comportamentos internalizantes (como a depressão e ansiedade) e externalizantes (como agressividade e impulsividade). Essa impulsividade nos AVS faz deles pessoas mais propensas a agirem em busca de satisfazer seus desejos sexuais antes mesmo que eles apareçam, ou seja, não chegam a registrar essa necessidade sexual, e tendem a agir mais rápido que a maioria das pessoas, fazendo com que a necessidade nem chegue a aparecer.

Os resultados encontrados mostram que não há um padrão único no que diz respeito aos aspectos cognitivos, na autopercepção, nos afetivos e no controle dos impulsos do AVS. Tais divergências podem ter ocorrido em função de 55% dos estudos serem de estudos de caso. De qualquer forma, a maioria das investigações enumeradas apontam distorções cognitivas, mas não necessariamente o mesmo tipo de distorção, bem como diversos tipos de prejuízos na autopercepção e na forma de ver o outro; e ainda dificuldade em modular seus afetos. Embora parece provável que a cognição distorcida, os problemas na autopercepção, nos afetivos e no controle dos impulsos desempenhe um papel em crimes sexuais, de um ponto de vista científico, as pesquisas levantadas neste estudo não podem ser usadas nem para apoiar e muito menos para refutar este ponto de vista.

### **Considerações Finais**

O presente artigo buscou realizar uma revisão da literatura de publicações científicas nacionais e internacionais dos últimos 10 anos, considerando o autor de violência sexual (AVS) avaliado pelo teste de Rorschach. Por este levantamento observou-se que o teste de Rorschach revelou-se um instrumento eficaz para gerar dados de personalidade implícitos nos diferentes processos de adaptação à realidade social dos participantes desses estudos, destacando a imaturidade em sua organização psicológica, em específico nos aspectos cognitivos, na autopercepção, afetivos e no controle dos impulsos do AVS.

Apesar disso, notou-se limitações nos estudos levantados que investigam a personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach também. Uma delas seria a prevalência de estudos de caso, que embora aprofundem na compreensão de um ou poucos AVS, dificultam generalizar ou entender os aspectos da personalidade que mais corroboram com tal comportamento. Outras limitações foram aqueles estudos que não apontam quais foram as variáveis do teste observadas e que sugerem suas discussões.

Contudo, os resultados evidenciaram que comumente os AVS podem apresentar prejuízos nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e no controle dos impulsos, mas que não são suficientes para comprometer a capacidade de discernir o que é certo do que é errado, bem como não perturbam a capacidade de entender as consequências de seus atos. Para esses tipos de prejuízos em AVS têm sido indicado, nos Estados Unidos, tratamento por meio da terapia cognitivo comportamental, pois esse tipo de tratamento tem mostrado melhora na empatia sobre as vítimas, no auxílio da redução das distorções cognitivas, na forma de ver a si mesmo e ao outro de modo mais realista, na aprendizagem de modular aspectos afetivos e emocionais, além favorecer o controle de seus impulsos sexuais (Craig, Lindsay & Browne, 2010; Soldino & Cabonell-Vaya, 2017).

Sugere-se ainda, que pesquisas futuras nesta área se concentrem no desenvolvimento de novos delineamentos de estudos, como por exemplo pesquisas longitudinais que podem contribuir na investigação da efetividade ou eficácia dos programas de tratamento; que outras pesquisas permitam também a medição das distorções cognitivas, afetivas e na autopercepção do AVS por meio de delineamentos experimentais e que possibilitem avaliar os fenômenos em termos de causa e efeito. Entende-se que dessa forma será possível avançar o conhecimento do *status* científico dos prejuízos dos AVS e, com isso, promover uma prática clínica empiricamente mais eficaz para essas pessoas. Tais pesquisas se fazem necessárias não só como forma de ampliação do conhecimento do funcionamento psicológico do AVS, mas também como possibilidades para uma contribuição de forma técnica, tanto para o planejamento de tratamentos individualizados que auxiliem na definição de qual intervenção é mais efetiva e para quem. Pesquisas sobre essa temática podem subsidiar orientações para políticas voltadas a ações preventivas do abuso sexual, como, por exemplo, o convívio social no ambiente escolar, vizinhança e entre outros e ainda auxiliar os profissionais que atuam de forma direta com esse público.

## Artigo II

### Psicopatia, Estresse e Distresse em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes

#### Psychopathy, Stress and Distress in Sex Offender against Children and Adolescents

Áquila Araujo G. R. Zilki  
Ana Cristina Resende

#### Resumo

O objetivo deste artigo foi investigar se autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes, com e sem psicopatia, se diferenciam em relação à capacidade de administrar o estresse e distresse e a maturidade psicológica (ID). Participaram do estudo 30 reeducandos cumprindo pena em regime fechado por crimes sexuais contra crianças e adolescentes, que foram divididos em dois grupos: G1, composto pelos AVS considerados sem psicopatia (N=20; PCL-R <30); e G2, composto pelos AVS com psicopatia (N=10; PCL-R ≥30). Os instrumentos utilizados foram: um protocolo de coleta de informações no processo criminal; o teste de Rorschach de acordo com o Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS), considerando as variáveis do domínio de estresse e distresse e o índice de maturidade psicológica (ID), e o *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R). Os dados foram analisados por meio do teste *t* de *student* e análise de regressão linear. Os resultados evidenciaram que 16% da psicopatia em AVS foi explicada por menor nível de estresse e distresse. Quanto à maturidade psicológica não houve diferença estatística entre os grupos de AVS. Contudo, considerando os resultados de outros grupos investigados na literatura científica, os índices de maturidade psicológica encontrados nos participantes foram semelhantes ao de pessoas com transtornos psicológicos diversos ou de pessoas em comunidades terapêuticas por ordem judicial.

**Palavras-Chaves:** Abuso Sexual; Teste de Rorschach; Psicopatia; Estresse Psicológico.

#### Abstract

The objective of this article was to investigate whether sex offender (SO) against children and adolescents with and without traits of psychopathy differ in their ability to manage stress and distress and psychological maturity (ID). The instruments used were: a protocol for recording data collected in criminal proceedings; the Rorschach test according to the Performance Evaluation System (R-PAS) considering the variables of the stress and distress domain and the psychological maturity index (ID), and the Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R). 30 re-educators serving a prison sentence for sexual offenses against children and adolescents participated in the study which was divided into two groups: G1, composed of SO with psychopathy (N= 10; PCL-R≥30); and G2, composed of SO without psychopathy (N= 20; PCL-R <30). The data were analyzed using the student *t* test and linear regression analysis. The results showed that 16% of AVS psychopathy was explained by lower level of stress and distress. Regarding psychological maturity there was no statistical difference between the SO groups. However, considering the results of other groups investigated in the scientific literature, the indexes of psychological maturity found in the participants were similar to those of people with different psychological disorders or people in therapeutic communities by judicial order.

**Keyword:** Sexual Abuse; Rorschach Test; Psychopathy; Psychological Stress.

## Introdução

Considerado um construto psicológico complexo, a psicopatia envolve diversos comportamentos e disposições de personalidade. Segundo a literatura, a psicopatia pode ser definida como um transtorno de personalidade grave, cuja etiologia e desenvolvimento ainda têm sido estudados. Esse transtorno envolve alguns comprometimentos cognitivos sutis, características comportamentais desviantes ou socialmente indesejáveis e não aceitas, incluindo aqui comportamentos sexuais agressivos e deficientes referentes à compreensão e à experiência de determinadas emoções em que a pessoa se mostra menos afetada pelas emoções alheias, bem como falta de relacionamentos interpessoais significativos. Esses indivíduos tendem a ser mais propensos a agir contra as pessoas com as quais estabelecem interações sociais e temem punição para seus atos, o que os tornam mais suscetíveis aos padrões de comportamentos violentos (Hare, 2003; Hauck Filho, Teixeira & Dias, 2009, 2012; Hiatt & Newman, 2006; Vasconcelos, Salvador-Silva, Dias, Davoglio & Gauer, 2014).

Os psicopatas que se encontram no sistema prisional são identificados como mais indisciplinados e perigosos em relação aos demais criminosos, sendo eles os responsáveis pelo maior número de crimes violentos, e frequentemente apresentam respostas não satisfatórias aos programas de reabilitação, evidenciando índices elevados na reincidência criminal (Balsis, Buch, Wilfong, Newman & Edens, 2017; Hare, 2013; Hauck Filho, Teixeira & Dias, 2013).

Pessoas que cometem crimes e apresentam esse transtorno podem ser diferenciadas dos demais criminosos por seus padrões característicos de sintomas interpessoais, afetivos e comportamentais. Considerando os sintomas interpessoais, os psicopatas se destacam por serem egocêntricos, manipuladores, dominadores e por estabelecerem vínculos superficiais e instáveis. Quanto aos sintomas afetivos, os psicopatas revelam superficialidade, frieza, falta de empatia, remorso ou culpa e falta de ansiedade. No que diz respeito aos sintomas comportamentais, os psicopatas são impulsivos e irresponsáveis, ávidos de sensações, violam regras sociais e estão mais predispostos a fazer uso de substâncias psicoativas (Hare, 2006; Hare & Neumann, 2006; Hill, Habermann, Klusmann, Berner & Brikeen, 2008; Morana, 2003; Van Ghesel, Grothe, Waldorp, Watts, Edens, Skeem & Noordhof, 2017).

Atualmente, pode-se destacar dois modelos teóricos utilizados para definir e avaliar a psicopatia: o modelo teórico bifatorial de Hare (1991) e triárquico de Patrick,

Fowles e Krueger (2009). Considerando o modelo Bifatorial de Hare (1991) a psicopatia é compreendida por meio de dois fatores (*two-factor model*): o Fator 1 que consiste nas inclinações predatórias e reatividade emocional deficiente; e o Fator 2 que consiste na impulsividade/ desinibição comportamental. Desse modo, de um lado têm-se as características afetivas e interpessoais (Fator 1) na escala *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 2003), que foi desenvolvida pelo autor para avaliar a psicopatia, enfatizando os traços mais comprometedores do caráter, típicos da condição de psicopatia (superficialidade, insensibilidade/crueldade, ausência de afeto, culpa, remorso ou empatia, grandiosidade, charme, dissimulação e manipulação). Por outro lado, estão aqueles aspectos relativos a um estilo de vida impulsivo, instável e comportamentos sociais desviantes, típicos de traços antissociais (Fator 2) no PCL-R (Fowles & Dindo, 2006). O PCL-R é um dos instrumentos mais utilizados na investigação da psicopatia em populações forenses, e seus resultados têm gerado ferramentas válidas para avaliações no âmbito judicial (Hare & Neumann, 2006; Southard & Ziegler, 2016).

Em 2009, surge o modelo Triárquico de psicopatia proposto por Patrick, Fowles e Krueger. A essência desse modelo abrange três construções fenotípicas distintas da psicopatia, que tem subjacentes processos desenvolvimentais e etiológicos distintos, no qual são denominados: desinibição (*disinhibition*), maldade (*meanness*) e ousadia (*boldness*). Para os autores, esses três construtos possibilitam compreender a psicopata na totalidade de suas manifestações, sejam elas no âmbito criminal ou não, consideram ainda que esses construtos embora estejam inter-relacionados com a psicopatia, eles assumem identidades fenotípicas distintas o que permite que sejam conceptualizados, medidos e compreendidos de forma independente.

O termo desinibição (*disinhibition*), reflete uma propensão geral em relação aos problemas de controle de impulsos, que implicam em falta de planejamento, redução da regulação de afetos, insistência na gratificação imediata e restrição comportamental deficiente, o que reflete uma tendência para a impulsividade, irresponsabilidade e raiva ou hostilidade. A vulnerabilidade para a desinibição normalmente tem sua origem em déficits no funcionamento de sistema superior do cérebro – o córtex pré-frontal e o córtex cingulado anterior (Patrick *et al.*, 2009).

A maldade (*meanness*) é definida como empatia deficiente, desdenho pelo outro, falta de vínculos estáveis e busca por excitação, exploração, agressividade e crueldade. Reflete uma tendência para a frieza, a agressão predatória e a procura de sensações

fortes. Apesar de a maldade ser fenotipicamente distinta da ousadia, ambas partilham a mesma base etiológica: déficits no sistema de medo (*trait fearlessness*). Existem influências ambientais que também são suscetíveis de desenvolver a maldade, tais como os maus-tratos parentais e o abuso sexual físico precoce, e, provavelmente, também contribuem para influências constitucionais genéticas distintas (Newman, MacCoon, Vaughn & Sadeh, 2005; Patrick *et al.*, 2009).

A ousadia (*boldness*), por sua vez, corresponde à combinação de dominância ou domínio social alto, ansiedade baixa ou baixa reatividade ao estresse e busca constante por emoção e aventura. Ela é a capacidade de se manter calmo e concentrado em situações que envolvem pressão ou ameaça, bem como a habilidade de se recuperar rapidamente de acontecimentos que envolvem estresse e perigo. A ousadia é considerada uma expressão fenotípica adaptativa de uma disposição para a falta de medo. Foi postulado que déficits em estruturas cerebrais, especialmente a amígdala, desempenham um papel na emergência dessa disposição. Existem também outros fatores que contribuem para este fenótipo, tais como o funcionamento do circuito cerebral superior implicado na regulação emocional, bem como as influências parentais que promovem competência e autoridade (Patrick *et al.*, 2009).

Considerando a relação entre o modelo Triárquico de Patrick *et al.* (2009) e o Bifatorial de Hare (1991), a ousadia (*boldness*) é o domínio que está mais relacionado com os aspectos interpessoais do PCL-R (F1), refletindo o charme, a grandiosidade, a dissimulação e a manipulação. A maldade (*meanness*), por sua vez, é a que está mais relacionada com a faceta afetiva do PCL-R (também foco do F1), considerando a frieza, a ausência de remorso, o afeto superficial e a falta de planos a longo prazo. E, a desinibição (*disinhibition*) está mais relacionada com a característica de estilo de vida do PCL-R, resultando em impulsividade, irresponsabilidade, propensão para o tédio, estilo de vida parasita e a falta de planos a longo prazo (F2). Todos os três construtos observados no modelo triárquico contribuem independentemente na predição do comportamento antissocial e psicopático no PCL-R. Assim, os itens do PCL-R parecem codificar os domínios ousadia e a maldade primeiramente (F1), e codificam a desinibição secundariamente (Patrick *et al.*, 2009).

Diante da falta de ansiedade, sofrimento e baixo nível de estresse identificados em pessoas com psicopatia, espera-se que no presente estudo os participantes considerados psicopatas revelem índices menores de estresse e distresse no teste de Rorschach. Ou seja, os participantes com psicopatia provavelmente apresentarão maior

tolerância ao estresse e distresse, o que corroboraria com a teoria de Patrick *et al.* (2009) em que a ousadia (*boldness*) e a maldade (*meanness*) em pessoas com psicopatia são favorecidas pelo baixo nível de estresse.

#### *Autores de Violência Sexual e a Psicopatia*

Estudos apontam correlações significativas entre AVS e psicopatia. A incidência de psicopatia é verificada, em média, em 1% da população geral e entre 15% a 20% da população carcerária (Balsis *et al.*, 2017; Gacono, Meloy e Bridges, 2011; Gacono, Gacono & Evans, 2011; Hare, 2003, Hauck Filho, Teixeira & Dias, 2012). Considerando os AVS encarcerados, a incidência de psicopatia aumenta de forma significativa para aproximadamente 30% (Young, Justice & Edberg, 2010; Teixeira, 2016).

Especificadamente sobre a reincidência criminal, Hildebrand, de Ruiter e de Vogel (2004) examinaram as taxas de reincidência de crimes sexuais de uma amostra de AVS inseridos em um programa de tratamento. Os autores identificaram uma taxa de 82% em reincidência sexual em AVS considerados psicopatas, em comparação com 18% para os criminosos que não eram psicopatas e nem AVS. Corroborando esse estudo, Hawes, Boccaccino e Murrie (2013), por meio de um estudo de meta-análise, observaram que características de psicopatia e o interesse sexual desviante são considerados fortes aliados para reincidência no crime sexual.

Knight e Guay (2006) observaram que o AVS com psicopatia tende a ser promíscuo, com propensão a se envolver em diversas relações interpessoais, e sentir prazer com o uso da força para provocar dor, angústia, e medo na vítima de seus crimes sexuais. Outros pesquisadores têm observado que é comum aos AVS com psicopatia evidenciarem conflitos psicosexuais, pouca competência social, baixa capacidade empática, narcisismo, com prejuízo na capacidade de julgar, de se responsabilizar pelos seus atos, de controlar e administrar seus impulsos, o que potencializar as reincidências criminais e as condutas sexuais que evidenciam crueldade. Assim, o comportamento desses AVS comumente é resultante de comprometimentos cognitivos, imaturidade psicológica e social, associado a experiências de prazer diante do sofrimento da vítima que é reduzida a um mero objeto de degradação e rejeição (Daderman & Jonson, 2008; Gacono *et al.*, 2011; Ó Ciardha & Gannon, 2011; Riquelme, Pérez & Muñoz, 2004; Szumski & Zielona-Jenek, 2016; Young, Justice & Erdberg, 2010).

Diante disso, espera-se que, no presente estudo, a maturidade psicológica dos participantes com psicopatia seja menor do que a maturidade psicológica daqueles participantes considerados não psicopatas.

*Autores de Violência Sexual, Estresse e Distresse e Maturidade Psicológica por meio do teste de Rorschach*

O Rorschach tem sido um dos testes mais usados, aceitos e frequentemente requisitados na prática de avaliação psicológica forense (Gacono *et al.*, 2011; Meyer *et al.*, 2011; Weiner & Greene, 2017). O seu uso se justifica por ser uma medida comportamental baseada no desempenho do sujeito que pode revelar características de personalidade que as pessoas não reconhecem plenamente em si ou hesitam em admitir quando questionadas sobre elas diretamente (Weiner & Greene, 2017). Nesse sentido, o instrumento é menos suscetível à manipulação ou dissimulação consistente e intencional por parte do examinando, quando comparado com os instrumentos de autorrelato, tais como escalas e inventários (Gacono, Kivisto, Smith & Cunliffe, 2016; Meloy, 2008; Nørbech, Fodstad, Kuisma, Lunde, & Hartmann, 2016; Rovinski, 2006).

Desde sua publicação em 1921, por Hermann Rorschach, o teste tem sido aperfeiçoado, apesar de manter em sua essência os princípios norteadores básicos de seu criador. Vários sistemas de aplicação, correção e interpretação surgiram. No período em que o R-PAS se constitui, em 2011, o sistema mais amplamente usado era o Sistema Compreensivo (SC), desenvolvido por John Exner entre os anos de 1974 até a sua morte em 2006. Exner incorporou em seu sistema as informações consideradas cientificamente mais válidas e confiáveis dos cinco principais sistemas norte-americanos disponíveis na época. Assim, o R-PAS foi desenvolvido para administrar as limitações identificadas no SC a partir de um corpo de pesquisas empíricas mais recentes, que comprovasse estatisticamente as alterações no sistema, e, com isso, solidificar as bases psicométricas do instrumento (Meyer, Viglione, Mihura, Erard & Erdberg, 2017).

O Rorschach consiste em uma medida de avaliação da personalidade que é baseada no desempenho, ou no comportamento da pessoa enquanto ela descreve o que percebe nos dez cartões com manchas de tinta do teste. Assim, as respostas dadas ao teste, que são corrigidas de acordo com diretrizes padronizadas, refletem a forma de perceber as coisas no mundo, ou seja, refletem o modo de pensar, sentir e agir de maneira relativamente estável e duradoura do examinando. Por meio desse teste é possível avaliar uma ampla gama de características de personalidade, entre elas, os



recursos que a pessoa dispõe para solucionar problemas e enfrentar situações estressantes e de sofrimento emocional, por meio das variáveis do domínio do estresse e distresse, e a maturidade psicológica por meio do índice de desenvolvimento (Stanfill, Viglione & Resende, 2013).

Como boa parte dos estudos realizados sobre os AVS por meio do Rorschach utilizaram o Sistema Compreensivo (SC), quando as variáveis tiverem recebido um novo nome no R-PAS o equivalente nesse sistema será apresentado entre barras duplas (// //) e quando as variáveis do SC não foram incluídas será classificada como “não incluída”.

Considerando o domínio do estresse e distresse, alguns estudos que observaram que os AVS predominantemente contra crianças e adolescentes, quando comparados com outros criminosos (condenados por assalto e roubo), revelam mais passividade e subserviência na relação com outras pessoas (p), mais necessidade de esconder os verdadeiros sentimentos e pensamentos (Cg), menos capacidade de modular os afetos (FC), evidenciando um baixo ajuste na percepção da realidade (X+%↓ //FQo%↓//). Quando comparados com criminosos (condenados por assalto roubo) com psicopatia (PCL-R $\geq$ 30), evidenciaram mais afeto disfóricos ou sofrimento psíquico (SumV //V, DEPI//não incluída//) e mais intencionalidade suicida ou autodestrutiva (S-COM //SC-Comp//) (Etcheverría, 2009; Gacono *et al.*, 2011).

Por meio desses estudos, observou-se que a pessoa que comete crimes e possui o diagnóstico de psicopatia tende a ser menos predisposta ao estresse e à ansiedade e mais propensa à frieza emocional. Segundo Patrick *et al.* (2009), esses traços podem predispor a pessoa à busca de excitação e de sensações fortes, o que facilita uma pessoa com psicopatia à exploração do outro e a agir de modo agressivo e cruel em seus relacionamentos.

Comparando os níveis de estresse e distresse de AVS com valores de referência para adultos não pacientes (Vinet, 2000; Nascimento 2002, 2010), notou-se novamente nos AVS mais passividade nas relações interpessoais, com tendência a esperar que as pessoas ou o destino resolva os seus problemas (p). Notou-se também menos produtividade mental (R), menos disponibilidade para expressar afetos e sentimentos (FC, CF, WSumC), menos estresse (Nota D e AdjD ajustada//MC-PPD), menos estresse situacional (SumY //Y//), menos proatividade (Ma), menos abertura para experiências (Lambda↑ //F%↑//) e menos recursos para enfrentar as demandas do dia a dia (EA //MC//) (Etcheverría, 2009; Pasqualini-Casado, Vagostello, Villemor-Amaral &

Nascimento, 2008; Scortegagna & Amparo, 2013). Esses dados apontam que os AVS tendem a ter menos recursos psicológicos para lidar com as demandas da vida diária, com destaque para a dificuldade de pensar em formas alternativas para lidar com problemas, para a falta de recursos afetivos para administrar situações que mobilizam os afetos positivos ou agradáveis e desagradáveis, bem como falta de habilidades sociais para interagir com as pessoas. Tudo isso o deixa mais predisposto a agir de modo impulsivo e a não pensar antes de agir.

Assim, esses dados permitem estabelecer a hipótese 1 desse estudo, que os AVS com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) apresentam menos estresse e distresse no Rorschach, mais especificamente: hipótese 1.1) menos pensamentos intrusivos provocados por estressores do ambiente (IM); hipótese 1.2) menos sentimento de desamparo ou angústica também provocados por estressores do meio (Y) e hipótese 1.3) menos estresse subjetivamente sentido (PPD).

Quando a comparação do nível de estresse e distresse ocorre entre AVS com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) e criminosos (condenados por roubo e assassinato) que não possuem esse transtorno, notou-se que os AVS se mostraram mais críticos e insatisfeitos com sua autoimagem e menos sensíveis e interessados no que as pessoas fazem ou falam, e bem menos preocupados em se aproximar para relacionamentos de intimidade ou cumplicidade ( $MOR \uparrow$ ;  $T < 1$ ;  $H \downarrow$ ;  $Fr+rF \uparrow // r //$ ), revelando capacidade prejudicada de se vincular às pessoas. Notou-se ainda a tendência às reações emocionais mais impulsivas ( $FC < C+CF // CF+C/SumC //$ ) e mais intencionalidade suicida ou autodestrutiva ( $S-CON // SC-Comp //$ ). Contudo Young *et al.* (2010) destaca que a elevada intencionalidade autodestrutiva pode ser interpretada devido à situação desconfortável de encarceramento na qual se encontram, ou como um ganho secundário na tentativa de cumprir a pena em programas de tratamento. Cleckley (1976) ressalta que os psicopatas não são pessoas que se tornam suficientemente angustiadas a ponto de terem preocupações suicidas, e chegam a cometer o suicídio. Esses dados, também sugerem a hipóteses que os AVS com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) apresentam menos estresse e distresse no Rorschach. Mais especificamente, esses AVS com psicopatia deverão apresentar: hipótese 1.4) menos ideias pessimistas (MOR); hipótese 1.5) menos intencionalidade suicida (SC-Comp) e hipótese 1.6) menos experiências traumáticas e de dissociações (CritCont%).

Os AVS com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ), quando comparados com grupo de pessoas de amostra normativa (Exner, 1991), revelaram ausência de afetos disfóricos

relacionados a rumações de autocríticas negativas ( $V=0$ ), baixa receptividade a estímulos emocionais ( $Afr\downarrow/R8910\%/$ ) e menor abertura para as experiências ( $\Lambda\uparrow/F\%/$ ) (Daderman & Jonson, 2008). Tais dados ainda sustentam a hipótese do presente estudo que os AVS psicopatas ( $PCL-R \geq 30$ ) demonstrarão menos estresse e distresse do Rorschach do que os AVS considerados não psicopatas. Particularmente, os AVS com psicopatia poderão apresentar: hipótese 1.7) menos estresse emocional ( $YTVC'$ ); hipótese 1.8) menos ambivalência afetiva ( $CB\text{blend}$ ) e hipótese 1.9) menos contração afetiva ( $C'$ ).

Destaca-se que o estresse e o distresse psicológico, são aspectos que auxiliam a pessoa a estar predisposta para mudar sua forma de pensar, sentir e agir (Exner, 2003), os quais são normalmente pouco presentes em AVS, especialmente aqueles com psicopatia. A capacidade de manejar o estresse e se manter satisfeito e estável, mesmo diante de comportamentos desadaptativos, evita que a pessoa entre em contato com vivências de fragilidade, de desamparo e desconforto. Enquanto o distresse seria a presença de angústia, aflição ou sofrimento causado pelo estresse, ou seja, vivências de inquietações psicológicas devido a eventos estressores (Meyer *et al.*, 2017). O ideal seria que o estresse e o distresse estivessem altos diante de qualquer transtorno ou prejuízo psicológico, ou desajuste comportamental, pois supõe-se que ao ver resolvido o problema a pessoa poderá recuperar a direção do seu comportamento e autocontrole diante das demandas diárias da vida. O baixo nível de estresse e distresse em AVS é um aspecto preocupante, pois isso mostra a predisposição para um comportamento egossintônico, com pouca abertura em reavaliar sua postura e adotar condutas diferentes.

No que tange à avaliação da maturidade psicológica no Rorschach, têm-se o índice de desenvolvimento (ID) (Stanfill *et al.*, 2013). Esse índice é composto por uma variedade de domínios do funcionamento psíquico que têm implicações no processamento de informações ( $F\%$ ,  $T$  e  $V$ ), na progressão da capacidade cognitiva de planejamento, julgamento e tomada de decisões em longo prazo ( $FQ-\%$  e  $FQ+\%$ ), na condição de reconhecer as pressões do meio externo (IM), no domínio de perceber e internalizar influências emocionais mais sutis que normalmente estão ausentes em pessoas com pouca experiência de vida ( $V$  e  $T$ ), na formação de identidade (FD) e, finalmente, no entendimento suficiente para se preocupar com questões que surgem e são comunicadas com o amadurecimento psicológico ( $An$ ,  $Sx$  e  $Art$ ). A sintaxe dessa variável está disponível com Stanfill *et al.* (2013).

A maturidade psicológica é compreendida como a presença do raciocínio lógico e do controle emocional diante de uma situação que provoca algum tipo de estresse ou mudança no ambiente, pessoas com maturidade psicológica são geralmente mais abertas à aprendizagem, à escuta, ao reconhecimento dos próprios erros e ao respeito às diferenças. Por outro lado, a imaturidade psicológica seria a falta do desenvolvimento de tais capacidades. Assim, com o aumento da idade, os seres humanos tendem a aprender a administrar com mais competência cognitiva e emocional os desafios da vida cotidiana mais complexos, socialmente mais exigentes e estressantes. Esses atributos não são ensinados por meio de aulas teóricas, mas sim pelo contato com outros seres humanos e pela imitação de boas qualidades (Gracia, 2010).

A maturidade psicológica mensurada por meio do ID no Rorschach é uma variável recentemente desenvolvida e carece ainda de futuras pesquisas. Além disso, é importante estudar esse índice também pelo fato de que a maturidade e a imaturidade psicológica podem estar associadas a patologias em diversas configurações (Stanfill *et al.*, 2013). Por esse motivo, serão destacados os estudos mais pertinentes para a presente investigação. Após o estudo de Stanfill *et al.* (2013), ressaltam-se os trabalhos de Resende, Nascimento, Ribeiro e Yazigi (2015) e Giromino, Viglione, Brusadelli, Lang, Reese e Zannero (2015), porque são estudos que pesquisaram esse índice com amostras que incluíram adultos.

Resende *et al.* (2015) investigaram o ID em amostra brasileira de participantes não clínicos com o teste de Rorschach no SC, em três grupos etários: o primeiro grupo composto por 331 crianças com idade entre 07 a 12 anos (ID: M= 12,4; DP= 3,2), o segundo com 210 adolescentes com idade entre 13 a 21 anos (ID: M= 16,5; DP= 3,3) e o terceiro grupo com 350 adultos com idade de 22 a 64 anos (ID: M= 19,5; DP= 4,1). O estudo forneceu suporte adicional para o ID como uma medida de maturidade psicológica, e revelou que à medida que aumenta a idade há fortes tendências ao aumento do ID. Observou também que quanto maior é o ID maior tende a ser a complexidade psicológica, ou seja, maior tende a ser a flexibilidade para lidar com situações adversas do dia a dia e a sofisticação cognitiva. Além disso, esses achados também fornecem provas favoráveis de validade para o uso da ID em amostras fora dos Estados Unidos, onde o índice foi validado, embora, em seu processo de construção, os autores consideraram amostras de diferentes países para levantar as possíveis variáveis do índice, entre eles o Brasil.

Giromini *et al.* (2015) analisaram o ID em amostras de pacientes clínicos de duas regiões da Itália e dos Estados Unidos com o teste de Rorschach no SC. A amostra total foi composta por 902 pessoas (crianças, adolescentes e adultos) com idade média de 17,9 anos (DP= 4,9), variando entre 05 e 25 anos. O primeiro grupo de Turim foi constituído por 68 pessoas em tratamento em comunidades terapêuticas por ordem judicial (ID: M= 15,5; DP= 3,9), o segundo grupo de Milão foi formado por 562 pessoas em tratamento devido a transtornos psicológicos diversos (ID: M= 18,3; DP= 4,6) e o terceiro grupo de Ohio, Estados Unidos, também formado por 272 pessoas em tratamento devido a transtornos psicológicos diversos (ID: M= 15,9; DP= 4,1). Como o esperado, o ID correlacionou-se significativamente com a idade, com pequenas variações nas três amostras, bem como correlacionou com a complexidade. Os autores ressaltam que a correlação entre ID e idade permaneceu estatisticamente significativa mesmo após o controle de produtividade (ou seja, o número de respostas) e complexidade.

A maturidade psicológica do AVS investigada por meio do ID no Rorschach, também requer investigação, pois ainda não há pesquisas que abarcaram essa amostra específica. Estudos com AVS e o Rorschach, que incluíram algumas variáveis que compõem o ID (FQ%, FQ+%, FQo%, Y, V, T, m// IM), apontam que os AVS possuíam percepções menos precisas e mais idiossincráticas da realidade, menos estresse situacional, menos sofrimento psíquico e menor disponibilidade para se aproximar e para estabelecer relacionamentos mais próximos ou íntimos com as pessoas (Daderman & Jonson, 2008; Etcheverría, 2009; Gacono *et al.*, 2011; Pasqualini-Casado *et al.*, 2008; Ryan, Baerwald & McGlone, 2008; Scortegagna & Amparo, 2013 e Young *et al.*, 2010, 2012).

A partir dessas informações, espera-se que quanto maior o comprometimento psicológico menor deveria ser o índice de maturidade psicológica no Rorschach. Assim, uma das hipóteses do presente estudo é que os AVS com psicopatologia apresentarão índice de maturidade psicológica menor do que os AVS sem essa psicopatologia.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo foi investigar se autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes com psicopatologia (PCL-R  $\geq 30$ ) e sem psicopatologia (PCL-R  $< 30$ ) se diferenciam em relação à capacidade de administrar o estresse, o distresse e a maturidade psicológica (ID). Nesse sentido, hipóteses podem ser estabelecidas a partir do que é evidenciado na literatura para alguns indicadores do R-

PAS. Entre esses, destacam-se as variáveis que compõem o domínio do estresse e distresse e a variável maturidade psicológica (ID).

Portanto, como hipóteses espera-se que:

1) os AVS com psicopatia (PCL-R  $\geq 30$ ) apresentem menos estresse e distresse do que os AVS sem psicopatia (PCL-R  $< 30$ ), mas, especificamente, que os AVS com psicopatia revelem:

- 1.1) menos pensamentos intrusivos provocados por estressores do ambiente (IM);
- 1.2) menos sentimento de desamparo ou angústia também provocados por estressores do meio (Y);
- 1.3) menos estresse subjetivamente sentido (PPD);
- 1.4) menos ideias pessimistas (MOR);
- 1.5) menos intencionalidade suicida (SC-Comp),
- 1.6) menos experiências traumáticas e de dissociações (CritCont%);
- 1.7) menos estresse emocional (YTVC'),
- 1.8) menos ambivalência afetiva (CBlend),
- 1.9) menos contração afetiva (C'),

2) os AVS com psicopatia (PCL-R  $\geq 30$ ) apresentem menos maturidade psicológica do que os AVS sem psicopatia (PCL-R  $< 30$ ).

## **Métodos**

### *Delineamento do Estudo*

Trata-se de uma pesquisa descritiva e correlacional, que busca conhecer e interpretar a realidade estudada, com uso de métodos padronizados para a coleta de dados.

### *Participantes*

Participaram do presente estudo 30 AVS contra crianças e adolescentes, com idades variando de 18 a 65 anos. Essa amostra foi dividida em dois grupos, sendo um grupo (G1) formado por AVS sem de psicopatia (PCL-R  $< 30$ ; N=20) com idade média ao ser preso de 28,4 anos (DP=7,6) e o outro grupo (G2) composto por AVS com psicopatia (PCL-R  $\geq 30$ ; N=10), com média de idade de 36,1 anos (DP=9,2). Os 30 participantes da presente pesquisa são oriundos de uma população carcerária de 1.504 reeducandos de uma penitenciária da região Centro Oeste, os quais foram sentenciados

por crimes diversos e encontravam-se sob regime fechado. Desses reeducandos, 13,3% (N=200) cumpriam pena por crimes sexuais. Entre os criminosos sexuais, 68,0% (N=136) eram AVS contra crianças e adolescentes e, assim, participaram da presente pesquisa 22,0% (N=30) desses AVS contra crianças e adolescentes.

Trata-se de uma amostra por conveniência e os critérios de inclusão para o preenchimento do protocolo de pesquisa foram: a) ser condenados por crimes sexuais; b) ter vitimizado criança e/ou adolescente; e c) cumprir pena em regime fechado. Para os critérios de exclusão: a) não ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE-Anexo A) devidamente preenchido; b) apresentar um desempenho insuficiente nos testes para fornecer informações interpretativamente confiáveis e c) ter progredido de regime (do fechado para o semi-aberto ou aberto), durante a coleta de dados da pesquisa. Ao total foram excluídos três reeducandos: dois por alegarem indisposição para responder a todos os instrumentos de coleta de dados e um deles por não ter interesse em assinar o TCLE.

#### *Instrumentos*

- *Protocolo de Coleta de Informações no Processo Criminal*: foi utilizado um protocolo para auxiliar na coleta de informações dos processos criminais, disponíveis no cartório da unidade prisional, sobre os dados sociodemográficos (idade, escolaridade, estado marital, raça/cor, se tinham filhos) e perfil criminal (número de vítimas: vítimas por crime sexual; número de processos respondidos: processos totais; número de processos por violência sexual: processos apenas sexuais; tipo de crime: artigos referentes ao crime cometido; sexo das vítimas: masculino e feminino; proximidade com a vítima: pai, padrasto, tio, avô, primo, irmão, vizinho, amigo, ou sem nenhuma proximidade com a vítima; local do crime: casa do abusador, casa da vítima, terreno baldio ou outros locais). Todas essas informações foram coletadas em sua forma original como se encontrou nos processos criminais de cada participante.

- *Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R)*: teste psicológico utilizado para discriminar os participantes do G1 (sem psicopatia) e G2 (com psicopatia). Foi desenvolvido e validado por Rorbert Hare (Hare,1991 e 2003), nos Estados Unidos, para avaliar a psicopatia em populações forenses masculinas. No Brasil, foi validada por Morana (2004), que apresentou também pontos de cortes para a população brasileira.

A escala é composta por três etapas. A primeira etapa consiste em uma entrevista com roteiro semiestruturado que tem como objetivo orientar posteriormente

no preenchimento das pontuações dos itens da escala; esse roteiro investiga os aspectos sobre: a) ajustamento escolar; b) histórico profissional; c) metas profissionais/carreira; d) finanças; e) saúde; f) vida familiar; g) relacionamentos sexuais; h) uso de álcool e outras drogas; i) comportamentos antissociais na infância e adolescência; j) comportamentos antissociais na vida adulta; k) questões gerais; e l) outras informações (registro de comentários ou informações adicionais). A segunda etapa consiste em um roteiro de informações objetivas que pode ser investigado a partir do processo criminal, entrevista com familiares e outros profissionais, ou ainda por meio de outros documentos do examinando: a) dados demográficos; b) histórico familiar; c) histórico escolar; d) histórico profissional; e) casamentos/uniões conjugais; f) histórico médico; g) histórico criminal; h) histórico do uso de substâncias (psicoativas); i) comportamento institucional; j) resultados de testes psicológicos; e k) informações adicionais. Na presente pesquisa, essa etapa do roteiro foi preenchida somente com informações provenientes do processo criminal.

A terceira etapa, é composta por um *checklist* de 20 itens, que deve ser respondido pelo examinador, considerando as informações recolhidas a partir dos dois roteiros de informações descritos acima. O *checklist* é dividido em dois fatores. O Fator 1 é composto por oito itens de traços mais frequentes em pessoas com psicopatia: loquacidade/charme superficial; superestima; mentira patológica; vigarice/manipulação; ausência de remorso ou culpa; insensibilidade afetivo-emocional; indiferença/falta de empatia e incapacidade de aceitar responsabilidades pelos próprios atos. O Fator 2 é composto por nove itens mais frequentes em pessoas com transtorno de personalidade antissocial (TPA): necessidade de estimulação/tendência ao tédio; estilo de vida parasitário; descontroles comportamentais; transtornos de conduta na infância; ausência de metas realistas e de longo prazo; impulsividade; irresponsabilidade; delinquência juvenil e revogação da liberdade condicional. Além desses dois fatores, há três itens na escala que não se enquadraram estatisticamente em nenhum dos fatores, porém são usados para derivar um escore total no PCL-R. Esses itens avaliam: a promiscuidade sexual; a existência de muitas relações conjugais de curta duração e versatilidade criminal. Cada item é qualificado em uma escala numérica ordinal de até três pontos, sendo 0 quando não preenche os critérios do item, 1 preenche parcialmente e 2 preenche de forma total. Após os valores serem atribuídos, faz-se a soma dos 20 itens para obter a pontuação total do examinando no PCL-R.



Na padronização brasileira, o ponto de corte para homens que cometeram crimes e possuem maior probabilidade de reincidência criminal foi fixado em 23 pontos entre os 40 possíveis na escala. As faixas de pontuação do PCL-R da população forense estudada correspondem a: Sem Transtorno (0 a 12 pontos); Transtorno Parcial (13 a 22 pontos); e Transtorno Global (23 a 40 pontos). Contudo, neste estudo, foi utilizado o ponto de corte de 30 pontos para os participantes que compuseram a amostra com psicopatia, que foi o ponto de corte estabelecido por Hare (1991) ao desenvolver a escala, para identificar indivíduos com maior número de traços de psicopatia. Esse ponto de corte também foi utilizado por DeMatteo *et al.* (2014); Krstic, Neumann, Robertson, Kninght e Hare (2017); Young *et al.* (2010) para discriminar os participantes que preenchiam critérios para serem considerados psicopatas (PCL-R  $\geq$ 30 pontos). Morana (2004) encontrou excelente confiabilidade interavaliadores para os itens do PCL-R por meio do coeficiente de correlação intraclassa (ICC, *do inglês Intraclass Correlation Coefficient*), sendo 0,91 na amostra de prisioneiros e 0,93 em pacientes forenses.

- Rorschach pelo *Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS)* (Meyer *et al.*, 2017): é um teste psicológico composto por dez cartões com manchas de tinta construídos por Hermann Rorschach em 1921, na Suíça, para avaliar diferentes aspectos da personalidade. A aplicação é individual e requer que os examinandos identifiquem o que os borrões de tinta construídos parecem em resposta à pergunta “Com o que isso se parece?”. Ao resolver esta tarefa o indivíduo em avaliação expressa conteúdos associativo-perceptivos e representativos de seu modo de pensar, sentir e agir no dia a dia. O R-PAS é um sistema recentemente desenvolvido de aplicação, codificação e interpretação, que se originou do SC (Exner, 2003), mas com revisões e alterações voltadas para otimizar as propriedades psicométricas do instrumento. Publicado em 2011 nos Estados Unidos e em 2017 no Brasil, o R-PAS fornece uma abordagem rigorosamente baseada em evidências empíricas mais recentes. O R-PAS é composto por quatro domínios: engajamento e processamento cognitivo, problemas de percepção e pensamento, estresse e distresse, representação de si e outro. Neste estudo será investigado o domínio de estresse e distresse e o índice de maturidade como identificado na Quadro 1.

**Quadro 1:** Descrição e Interpretação das variáveis do domínio Estresse e Distresse e ID no R-PAS

	Variáveis do R-PAS	Mensuração das Variáveis	Interpretação
Estresse e Distresse	IM	Soma dos determinantes de movimento inanimado;	Pensamentos intrusivos provocados por estressores do ambiente;
	Y	Soma dos determinantes sombreados difusos;	Sentimento de desamparo ou angústia também provocados por estressores do meio;
	MOR SC-Comp	Soma dos conteúdos mórbido; Sintaxe derivada das variáveis V, FD, CBlend, Simetria, MOR, Complexidade LSO, SR, SI, MC-PPD, CF+C Prop, FQo%, P e H;	Ideações pessimistas; Intencionalidade suicida;
	PPD	Soma dos determinantes FM+IM+Y+T+V+C’;	Estresse subjetivamente sentido;
	YTVC’	Soma dos determinantes Y+T+V+C’;	Estresse emocional (angústia ansiedade, irritação, tristeza, disforia, solidão ou desamparo);
	CBlend	Soma dos determinantes FC, CF ou C com Y, T, V ou C’;	Ambivalência afetiva ou vulnerabilidade para afetos mistos;
	C’	Soma dos determinantes de cor acromática;	Constricção Afetiva;
	CritCont%	Derivado de (MOR+AGM+An+Bl+Ex+Fi+Sx)/R.	Experiências traumáticas e de dissociações.
ID	Sintaxe derivada das variáveis F%, T, V, FQ-%, FQo%, IM, FD, An, Sx, Art.	Aspectos da maturidade psicológica.	

Este domínio estresse e distresse com suas respectivas variáveis (Quadro 1), está relacionado com a vivência de desconforto afetivo, estresse, tensão, angústia e confusão emocional. Assim, os sentimentos de desamparo, profunda insegurança, sentimentos de desvalorização e de autocrítica são investigados nesse domínio (Meyer *et al.*, 2017). A partir dessa compreensão, faz-se necessário entender que o estresse é importante na tomada de decisões e na resolução de problemas da vida, sua ausência ou seu excesso pode ser indicador de um quadro patológico (Barros, 2017).

A análise do ID tem com objetivo avaliar o desenvolvimento psicológico por meio de habilidades cognitivas e a capacidade de autopercepção, de se envolver em relacionamentos interpessoais, de discriminar e de regular os estados emocionais, aproveitando e incorporando as influências emocionais de modo mais maduro, inclusive

com maior capacidade de internalizar angústias, habilidades pouco presentes nos mais jovens (Exner, 2003; Meyer, Erdberg & Shaffer, 2007; Meyer *et al.*, 2017).

Estudos de confiabilidade interavaliadores têm sido considerados excelentes (com valores entre 0,79 e 1,00) com ICC médio variando de 0,81 e 1,00 para as variáveis em diferentes estudos (Kivisalu, Lewey, Shaffer & Canfield, 2016; Meyer *et al.*, 2017; Viglione, Blume-Marcovici, Miller, Giromini & Meyer, 2012).

### *Procedimentos*

Para o desenvolvimento deste estudo, o projeto foi aprovado para o Centro de Excelência de Execução Penal para que a coleta de dados fosse realizada na unidade prisional. O projeto foi encaminhado e aprovado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP - SGC/PUC Goiás) sob o CAAE 0156.0.168.000-11 (Anexo B). Após aprovação da penitenciária e do CEP foi realizado um novo contato com a unidade prisional para iniciar a triagem, as entrevistas e aplicações dos testes psicológicos com os reeducandos. Os procedimentos para coleta de dados seguem as seguintes etapas:

1) Análise de todos processos no cartório da penitenciária, para identificação e levantamento da história de vida de cada reeducando, tendo em vista os critérios de inclusão e exclusão do presente estudo, sendo selecionados processos de reeducando que tinham cometido apenas os crimes sexuais (correspondentes aos artigos 213 e 217-A).

2) Após a identificação dos reeducandos que poderiam participar do estudo, eles foram chamados individualmente. A interação inicial acontecia por meio do *rapport*, esclarecendo que a referida pesquisa visava estudar características psicológicas da população carcerária, e então era feito o convite por parte do pesquisador ao reeducando para participar da presente pesquisa. Neste momento foi esclarecido ainda os procedimentos implicados, os riscos e os benefícios da participação na pesquisa, do sigilo da identidade de cada um dos participantes da integral privacidade dos dados pessoais que poderiam identificar qualquer um dos participantes da pesquisa. Ao final de todos os esclarecimentos, se o participante aceitasse participar da pesquisa, era realizado a assinatura do TCLE em duas vias, ficando uma delas com o participante e arquivada e em seu processo e a outra via com a equipe de pesquisa.

3) Ainda nesse primeiro encontro, caso o reeducando aceitasse participar da pesquisa e assinasse o TCLE, era iniciada a aplicação dos instrumentos, começando pela Escala Hare PCL-R. A entrevista com o roteiro da escala foi realizada de forma individual, em aproximadamente 90 minutos, numa sala na própria instituição, que garantia a privacidade do participante durante esse procedimento.

4) Em outro dia, o reeducando que foi submetido à Escala Hare era submetido ao teste de Rorschach, que também ocorreu numa sala na própria instituição, garantindo a privacidade do participante durante o procedimento, num encontro com duração de aproximadamente 90 minutos. Nesse encontro, a participação do reeducando na pesquisa era finalizada. A aplicação de ambos os testes psicológicos (Rorschach e PCL-R) foram feitos por psicólogos integrantes do grupo de pesquisa da PUC Goiás, o qual a primeira autora deste artigo faz parte, sendo todos habilmente treinados pela coordenadora do grupo de pesquisa e segunda autora deste artigo, para o uso dos testes psicológicos. Todos os pesquisadores que realizaram a coleta de dados tinham no mínimo 60 horas de estudo e treino em cada um dos testes.

5) Quanto ao armazenamento do material coletado, ele foi realizado por meio físico e eletrônico de forma que todos os protocolos de testes e questionários foram cadastrados com códigos que garantiam o sigilo da identificação dos participantes.

#### *Análise dos dados*

Inicialmente, os protocolos do PCL-R (N=30) foram corrigidos por dois juízes para o cálculo da fidedignidade do teste por meio de concordância interavaliadores. Como valores de referência para os coeficientes de fidedignidade interavaliadores, por meio do ICC, foram: entre 0,40 e 0,59 considerou-se os valores moderados, entre 0,60 e 0,74 bons; e acima de 0,74 excelentes (Hunsley & Mash, 2007). O valor médio de fidedignidade deste presente estudo foi 0,89, com desvio padrão de 0,22, variando entre 0,62 a 0,96. O ICC encontrado foi semelhante àqueles alcançados nos estudos de Morana (2004), bem como nos estudos de Hare e Neumann (2006) e Olver e Wong (2015) para amostra de prisioneiros.

Outra análise de fidedignidade foi realizada por meio da consistência interna, realizada com o coeficiente alfa de *Cronbach*, com valor de consistência aceitável acima de 0,7. Para o Fator 1 (traços de psicopatia), o coeficiente alfa foi 0,79 e para o Fator 2 (traços antissociais) foi 0,94. No geral, a consistência interna do total de pontuações com o PCL-R pode ser considerada aceitável para uma escala clínica, com

índice de 0,93 para todos os itens. Esses valores alcançados foram próximos daqueles alcançados no estudo brasileiro do PCL-R realizado por Morana (2003).

Posteriormente, todos os protocolos do Rorschach (N=30) foram codificados pelo grupo de pesquisa da PUC Goiás, o qual pertence ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Psicossociológicos (NEPSI), coordenado pela segunda autora desse artigo. Destes, 30% foram selecionados aleatoriamente e encaminhados para serem codificados por dois juízes *experts* no R-PAS, cegos em relação aos objetivos da pesquisa, para o cálculo da análise de concordância entre avaliadores, por meio do ICC. O valor médio do ICC foi 0,86, com desvio padrão de 0,22, mediana de 0,92, variando entre 0,13 e 1,00. O ICC das variáveis do domínio Estresse e Distresse foram, IM 0,87 (DP=1,85); Y 0,82 (DP=0,88); MOR 0,92 (DP=1,27); SC-Comp 0,84 (DP=1,38); PPD 0,95 (DP=5,11); YTVIC' 0,96 (DP=2,91); CBlend 0,64 (DP=0,70); C' 0,97 (DP=2,31); CritCont% 0,98 (DP=17,23) e o ID 0,95 (DP=3,17). Todos esses valores foram considerados excelentes e com forte evidência de confiabilidade acerca da classificação de resposta sob os referenciais do R-PAS.

Todos os protocolos do R-PAS foram lançados na categoria específica *Insert Protocol (insert data from an application of Rorschach)* localizado no site oficial do R-PAS® ([www.r-pas.org](http://www.r-pas.org)), que viabilizou o *download* de um banco de dados com informações do grupo avaliado. Em seguida, realizou-se o levantamento dos índices individuais, como também foram realizadas estatísticas descritivas referentes aos grupos e comparações com os dados. Os dados processados no banco do R-PAS e também aqueles referentes aos dados sociodemográficos e PCL-R, foram incluídos no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 24.0 para realização das análises estatísticas.

Realizou-se, ainda, o teste de normalidade de *Kolmogorov-Smirnov (K-S)* com correção de *Lillifors* para as variáveis analisadas no teste de Rorschach. Verificou-se que apenas duas variáveis (20%) estiveram dentro da normalidade no teste de K-S ( $p > 0,05$ ; SC-Comp  $p = 0,20$  e ID  $p = 0,20$ ). Assim, oito variáveis (80%) apresentaram desvio de normalidade da distribuição. Por esse motivo, utilizou-se o *bootstrap*, que ajusta a normalidade das variáveis e optou-se pela utilização de testes paramétricos para as análises inferenciais.

Verificou-se a estatística das variáveis do teste de Rorschach entre G1 e G2 por meio de média, com intervalo de confiança (IC 95%), mediana, desvio padrão (DP), mínimo e máximo, teste *t* de *student (t)*, significância estatística (*p*) e tamanho do efeito

(*d* de *Cohen*). Com relação ao tamanho do efeito calculado pelo *d* de *Cohen*, foi classificado como pequeno ( $d= 0,20$  a  $0,49$ ), médio ( $d= 0,50$  a  $0,79$ ) e grande ( $d\geq 0,80$ ) com base nos valores de referência sugeridos por *Cohen* (1988). Por fim, foi realizada a análise de regressão linear que explorou a associação entre as variáveis idade, estresse e distresse (variáveis independentes) e os escores do PCL-R (variáveis dependentes). Somente as variáveis idade e aquelas do estresse e distresse com  $p < 0,20$  na análise de correlação foram incluídas em um modelo de regressão linear. Em todas as análises foram consideradas como estatisticamente significantes variáveis com  $p < 0,05$ .

## Resultados

Tendo em vista o objetivo deste artigo que foi investigar se AVS contra crianças e adolescentes com (PCL-R  $\geq 30$ ) e sem (PCL-R  $< 30$ ) traços de psicopatia se diferenciam em relação à capacidade de administrar o estresse e distresse e em relação ao grau da maturidade psicológica (ID), os resultados encontrados serão apresentados na seguinte ordem: descrição do perfil sociodemográfico e criminal; estatística descritiva e comparativa entre os grupos para as variáveis do domínio de estresse e distresse e para a variável ID, e o resultado evidenciado na análise de regressão linear.

### *Perfil sociodemográfico e criminal dos participantes*

Considerando o perfil sociodemográfico dos participantes, observou-se que a idade variou entre 18 e 60 anos, com uma média de 33,5 anos (DP= 9,2). No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos participantes (N= 19, 63,3%) possuía de cinco a oito anos de estudo. Quanto à raça/cor da pele, 43,3% (N= 13) dos participantes se autodeclararam brancos, seguidos de 30% (N= 9) de raça parda e 13,3% (N= 4) da raça negra. Com relação ao estado marital, 40% (N= 12) eram casados. Do total de participantes, 46,7% (N= 14) possuíam filhos, sendo a média de filhos de 2,9 (DP= 2,2; Mínimo: 1, Máximo: 9). A profissão predominante foi o trabalho braçal, especialmente da construção civil com 40,0% (N= 12), seguido de manutenção/serviços gerais com 16,7% (N= 5) dos participantes. A Tabela 1 dispõe com mais detalhes os dados sociodemográfico dos participantes.

**Tabela 1.** Perfil sociodemográficas dos AVS

Variáveis	N = 30	%
-----------	--------	---

<b>Idade (anos), média (DP)</b>	33,5 (9,2)	
<b>Escolaridade (anos)</b>		
≤ 4	8	26,7
5-8	19	63,3
> 8	3	10,0
<b>Estado marital</b>		
Com companheira*	12	40,0
Sem companheira**	18	60,0
<b>Raça/cor da pele (autodeclarada)***</b>		
Branca	13	43,3
Parda	9	30
Negra	4	13,3
<b>Filhos</b>		
Não	16	53,3
Sim	14	46,7
<b>Número de filhos (N = 14), média (DP)</b>	2,9 (2,2)	
<b>Profissão</b>		
Trabalho braçal	12	40,0
Manutenção/serviços gerais	5	16,7
Vigilante/motorista	4	13,3
Autônomo	3	10,0
Trabalhador rural	2	6,7
Outro	2	6,7
Desempregado	2	6,7

\*Agrupado as categorias casado e união consensual;

\*\*Agrupado as categorias solteiro e divorciado;

\*\*\*Missing: 4

Quanto as características do perfil criminal, no que se refere à idade das vítimas, a média foi de 10,0 anos (DP= 2,9; Mínimo: 5; Máximo: 15). Quanto ao número de vítimas, a média foi de 1,6 (DP= 1,1; Mínimo: 1; Máximo: 6). Com relação ao sexo da vítima, 86,7% (N= 26) eram do sexo feminino e 13,3% (N= 4) eram do sexo masculino. Com relação à proximidade do agressor com a vítima, 66,7% (N= 20) dos participantes tinham algum tipo de proximidade (pai, padrasto ou tio), sendo que desses, 85% (N= 17) eram pais ou padrastos. Quanto ao local do crime, 50% (N= 15) dos abusos ocorreram na residência da vítima, e 26,7% (N= 8) ocorreram na residência do AVS.

Quanto aos processos criminais, 76,7% (N= 23) dos participantes respondiam a um processo e 23,3% (N= 7) entre 2 e 5 processos criminais. Com relação aos processos por crimes sexuais, 86,7% (N= 26) respondiam a um processo por violência sexual e 13,3% (N= 4) entre 2 e 5 processos dessa natureza. Quanto à versatilidade criminal, a maioria dos participantes (76,7%, N= 23) apresentou somente crimes sexuais. Com relação à reincidência, o dado não pôde ser mensurado estatisticamente devido à

ausência de dados referentes a essa variável, tanto no processo, como na entrevista (para mais detalhes ver Tabela 2).

**Tabela 2.** Perfil criminal dos AVS

Variáveis	N = 30	%
<b>Número de processos, média (DP)</b>	1,6 (DP= 1,1)	
1	23	76,7
2-5	7	23,3
<b>Número de processos por violência sexual, média (DP)</b>	1,3 (DP= 0,8)	
1	26	86,7
2-5	4	13,3
<b>Tipo de crime</b>		
Somente sexual	23	76,7
Sexual e outro	7	23,3
<b>Número de vítimas, média (DP)</b>	1,6 (DP= 1,1)	
<b>Número de vítimas crianças, média (DP)</b>	1,0 (DP= 0,5)	
<b>Número de vítimas adolescentes, média (DP)</b>	0,3 (DP= 0,6)	
<b>Número de vítimas adultas, média (DP)</b>	0,3 (DP= 0,9)	
<b>Idade das vítimas*, média (DP)</b>	10,0 (DP= 2,9)	
<b>Sexo das vítimas*</b>		
Masculino	4	13,3
Feminino	26	86,7
<b>Proximidade com a vítima*</b>		
Parentesco	20	66,7
Nenhum	6	20,0
Vizinho, amizade	4	13,3
<b>Local do crime*</b>		
Residência da vítima	15	50,0
Residência do AVS	8	26,7
Terreno baldio ou matagal	3	10,0
Outro	4	13,3

Os participantes foram divididos em dois grupos: o G1 formado pelos participantes com pontuação PCL-R <30 (N= 20), considerados não psicopatas e G2 composto por participantes com PCL-R  $\geq$  30 (N= 10), considerados psicopatas. A Tabela 3 apresenta a estatística descritiva e comparativa das variáveis do teste de Rorschach por grupos.

**Tabela 3:** Variáveis do Rorschach com diferenças significativas entre os grupos

Variáveis	N	M	IC 95%	DP	Min	Max	$t^1$	$p$	$d^2$	
<b>Domínio Estresse e Distresse</b>										
SC_Comp	GT	30	4,17	3,70-4,67	1,38	2,4	7	3,661	<b>0,001</b>	1,462
	G1	20	4,72	4,15-5,22	1,25	3,1	7			
	G2	10	3,09	2,55-3,67	0,96	2,4	4,9			
YTVC'	GT	30	2,83	1,89-3,85	2,91	0	13			



	G1	20	3,55	2,18-5,09	3,20	0	13			
	G2	10	1,40	0,57-2,33	1,50	0	4	2,002	<b>0,055</b>	0,860
	GT	30	0,30	0,08;-0,57	0,70	0	3			
CBlend	G1	20	0,45	0,13-0,84	0,82	0	3			
	G2	10	0,00	0,00-0,00	0,00	0	0	2,438	<b>0,025</b>	*

Abreviações: M: média; DP: desvio-padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%;

<sup>1</sup>Teste *t* de *student* para amostras independentes.

<sup>2</sup>*d* de Cohen.

No que se refere ao domínio do estresse e distresse, as médias das variáveis intencionalidade suicida (SC-Comp), estresse emocional (YTVC') e ambivalência afetiva (CBlend) foram significativamente menores no grupo com psicopatia ( $p \leq 0,050$ ) com tamanho do efeito grande ( $d \geq 0,80$ ) para as variáveis SC-Comp ( $d = 1,462$ ) e YTVC' ( $d = 0,860$ ); contudo, a variável CBlend foi impossibilitada de ser calculada devido ao G2 ter apresentado zero como média. Assim, foram confirmadas as hipóteses 1.5, 1.7 e 1.8 anteriormente estabelecidas para este estudo, em que os AVS com psicopatia (PCL-R  $\geq 30$ ) apresentariam menos intencionalidade suicida (SC-Comp), estresse emocional (YTVC') e menos ambivalência afetiva (CBlend) do que os AVS sem psicopatia.

Quanto às demais variáveis, no que se refere aos pensamentos intrusivos (IM), ideias pessimistas (MOR), estresse e aflições subjetivamente sentido (PPD), experiências traumáticas (CritCont%) e maturidade psicológica (ID), o tamanho do efeito foi considerado pequeno ( $d = 0,14$  a  $d = 0,49$ ). E médio para as demais variáveis, sendo sentimento de desamparo ou angústia provocados por estressores do meio (Y) e constrição afetiva (C') ( $d = 0,53$  e  $d = 0,63$  respectivamente). Não havendo diferença estatisticamente significativa entre os grupos, desse modo, G1 e G2 tiveram desempenhos semelhantes em relação à essas variáveis. Assim, não foram confirmadas as hipóteses 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.6, 1.9, e 2 estabelecidas para este estudo, pois não houve diferença entre os AVS com psicopatia (PCL-R  $\geq 30$ ) e sem psicopatia (PCL-R  $< 30$ ) quanto aos pensamentos intrusivos provocados por estressores do ambiente (IM), aos sentimento de desamparo ou angústia provocados também por estressores do meio (Y), ao estresse subjetivamente sentido (PPD), às ideias pessimistas (MOR), aos indícios de experiências traumáticas (CritCont%), à constrição afetiva (C') e maturidade psicológica (ID).

A Tabela 4 mostra a matriz de correlação de Spearman ( $r_s$ ) entre o PCL-R e as variáveis do domínio de estresse e distresse e ID. Verificou-se correlação positiva e

moderada entre as variáveis IM e SC\_Comp ( $r_s = 0,578$ ;  $p = 0,001$ ), IM e PPD ( $r_s = 0,471$ ;  $p = 0,009$ ), IM e CritCont% ( $r_s = 0,480$ ;  $p = 0,007$ ), MOR e CritCont% ( $r_s = 0,572$ ;  $p = 0,001$ ), SC\_Comp e YTVC' ( $r_s = 0,430$ ;  $p = 0,018$ ), SC\_Comp e PPD ( $r_s = 0,435$ ;  $p = 0,016$ ), PPD e CBlend ( $r_s = 0,406$ ;  $p = 0,026$ ). Correlação positiva fraca foi verificada entre IM e CBlend ( $r_s = 0,371$ ;  $p = 0,044$ ), YTVC' e CBlend ( $r_s = 0,378$ ;  $p = 0,001$ ) e YTVC' e ID ( $r_s = 0,372$ ;  $p = 0,043$ ). Correlação forte e positiva foi verificada entre Y e PPD ( $r_s = 0,616$ ;  $p = <0,001$ ), Y e YTVC' ( $r_s = 0,749$ ;  $p = <0,001$ ), SC\_Comp e CBlend ( $r_s = 0,636$ ;  $p = <0,001$ ) e PPD e YTVC' ( $r_s = 0,855$ ;  $p = <0,001$ ). O PCL-R foi negativamente e moderadamente correlacionado com SC\_Comp ( $r_s = -0,468$ ;  $p = 0,009$ ).

**Tabela 4.** Matriz de Correlação entre o PCL-R e as variáveis do domínio estresse e distresse e o ID do R-PAS.

Variáveis	IM	Y	MOR	SC_Comp	PPD	YTVC'	CBlend	C'	CritCont %	ID	PCL-R
IM ( $r_s$ )	1,000	0,126	0,230	0,578	0,471	0,248	0,371	-0,182	0,480	0,126	0,111
p-valor		0,508	0,221	<b>0,001</b>	<b>0,009</b>	0,187	<b>0,044</b>	0,335	<b>0,007</b>	0,508	0,560
Y ( $r_s$ )	0,126	1,000	0,019	0,259	0,616	0,749**	0,274	0,146	0,198	0,263	-0,264
p-valor	0,508		0,919	0,166	<b>&lt; 0,001</b>	<b>&lt; 0,001</b>	0,143	0,440	0,294	0,161	0,158
MOR ( $r_s$ )	0,230	0,019	1,000	0,324	0,143	0,082	0,186	-0,184	0,572**	0,020	0,085
p-valor	0,221	0,919		0,081	0,451	0,666	0,324	0,330	<b>0,001</b>	0,917	0,654
SC_Comp ( $r_s$ )	0,578	0,259	0,324	1,000	0,435	0,430	0,636	-0,247	0,433	-0,028	-0,468
p-valor	<b>0,001</b>	0,166	0,081		<b>0,016</b>	<b>0,018</b>	<b>&lt; 0,001</b>	0,188	<b>0,017</b>	0,884	<b>0,009</b>
PPD ( $r_s$ )	0,471	0,616	0,143	0,435	1,000	0,855	0,406	-0,011	0,135	0,275	-0,150
p-valor	<b>0,009</b>	<b>&lt; 0,001</b>	0,451	<b>0,016</b>		<b>&lt; 0,001</b>	<b>0,026</b>	0,955	0,478	0,141	0,428
YTVC' ( $r_s$ )	0,248	0,749	0,082	0,430	0,855	1,000	0,378	0,076	0,167	0,372	-0,353
p-valor	0,187	<b>&lt; 0,001</b>	0,666	<b>0,018</b>	<b>&lt; 0,001</b>		<b>0,039</b>	0,689	0,378	<b>0,043</b>	0,055
Cblend ( $r_s$ )	0,371	0,274	0,186	0,636	0,406	0,378	1,000	-0,092	0,307	0,072	-0,295
p-valor	<b>0,044</b>	0,143	0,324	<b>&lt; 0,001</b>	<b>0,026</b>	<b>0,039</b>		0,628	0,099	0,704	0,113
C' ( $r_s$ )	-0,182	0,146	-0,184	-0,247	-0,011	0,076	-0,092	1,000	0,129	0,225	0,225
p-valor	0,335	0,440	0,330	0,188	0,955	0,689	0,628		0,497	0,231	0,231
CritCont% ( $r_s$ )	0,480	0,198	0,572	0,433	0,135	0,167	0,307	0,129	1,000	0,347	0,037
p-valor	<b>0,007</b>	0,294	<b>0,001</b>	<b>0,017</b>	0,478	0,378	0,099	0,497		0,060	0,847
ID ( $r_s$ )	0,126	0,263	0,020	-0,028	0,275	0,372	0,072	0,225	0,347	1,000	-0,018
p-valor	0,508	0,161	0,917	0,884	0,141	<b>0,043</b>	0,704	0,231	0,060		0,923
Hare ( $r_s$ )	0,111	-0,264	0,085	-0,468	-0,150	-0,353	-0,295	0,225	0,037	-0,018	1,000
p-valor	0,560	0,158	0,654	<b>0,009</b>	0,428	0,055	0,113	0,231	0,847	0,923	

$r_s$ : Correlação de Spearman.

A Tabela 5 apresenta a análise de regressão linear que explorou a associação entre as variáveis idade, estresse e distresse e a psicopatologia (escores do PCL-R). Somente as variáveis idade e aquelas do estresse e distresse (YTVC', Y e SC-Comp) com  $p < 0,20$  na análise de correlação foram incluídas em um modelo de regressão linear. O modelo ajustado explicou 16,3% ( $R^2$  ajustado: 0,163) da variância da psicopatologia. Assim, os resultados mostram que as variáveis idade ( $\beta$ : -0,27;  $p = 0,037$ ), Y ( $\beta$ : -2,83;  $p = 0,045$ ), SC\_Comp ( $\beta$ : -1,69;  $p = 0,064$ ) e YTVC' ( $\beta$ : -0,95;  $p = 0,025$ ), foram negativamente associados com o desfecho, ou seja, com a psicopatologia. Assim, quanto menor é o estresse emocional (Y e YTVC'), quanto menos ideias suicidas (SC\_Comp), e quanto menos a idade mais traços de psicopatologia.

**Tabela 5.** Análise de regressão múltipla dos fatores associados à psicopatologia.

Variáveis	$\beta$	Erro padrão robusto	$T$	$p$	$R^2$	$R^2$ Ajustado
Idade	-0,27	0,12	-2,19	0,037		
Y	-2,83	1,35	-2,10	0,045		
SC_Comp	-1,69	0,87	-1,93	0,064		
YTVC'	-0,95	0,40	-2,37	0,025		
					0,308	0,163

Por fim, as hipóteses 1.5, 1.7 e 1.8, foram confirmadas nos seguintes aspectos: o grupo com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) apresentou como esperado menos intencionalidade suicida (SC\_Comp), estresse emocional (YTVC') e ambivalência afetiva (CBlend). Entretanto, para as demais variáveis, as hipóteses 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.6, 1.9 não foram confirmadas no presente estudo.

Considerando a hipótese 2, ela também foi refutada, pois os dois grupos apresentaram desempenhos semelhantes no que diz respeito à maturidade psicológica (G1:  $M= 15,32$ ;  $DP= 3,54$ / G2:  $M= 15,75$ ;  $DP= 2,38$ /  $t= 0,344$ ;  $p= 0,733$ ;  $d= 0,142$ ).

### Discussão

Os dados apontam que a incidência de psicopatia na presente pesquisa foi ligeiramente maior que aquelas identificadas na literatura científica sobre o tema (Daderman & Jonson, 2008; Young *et al.*, 2010). Neste estudo, a incidência de psicopatia na amostra foi de 33%. No estudo de Young *et al.* (2010), a incidência foi de 28% dos AVS ( $PCL-R \geq 30$ ). De qualquer forma, a porcentagem do presente estudo se aproxima das porcentagens descritas na literatura, em que a psicopatia está presente em 15% a 20% da população carcerária no geral, e se torna ligeiramente maior quando se trata de AVS (Hare *et al.*, 1991; Hare, 2003; Hauck Filho *et al.*, 2012; Hemphill *et al.*, 1998).

Os resultados apontaram que os AVS identificados com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) apresentaram menos nível de estresse em três variáveis desse domínio (YTVC', CBlend e SC\_Comp), o que indica que eles vivenciam menos ansiedade, irritação, tristeza, disforia, solidão ou desamparo (YTVC'), bem como menos experiências de afeto misto, ou vulnerabilidade de afetos mistos, especificamente sentimentos negativos que destroem reações positivas e de satisfação (CBlend), assim como menos pensamento autodestrutivo ou intencionalidade suicida (SC\_Comp). Constatações semelhantes

(Daderman & Jonson, 2008) evidenciaram o baixo nível de estresse em AVS com psicopatia, com ausência de afetos disfóricos ou sofrimento psíquico ( $V=0$ ) e baixa receptividade a estímulos emocionais ( $Afr \downarrow // R8910\%/ /$ ).

Contudo, quanto ao aspecto da intencionalidade suicida, o presente estudo não ratificou o que Young *et al.*, (2010) observaram, ou seja, os AVS do presente estudo não revelaram aumento das ideias suicidas. Entretanto, esses autores sugerem que a elevação dessa variável em protocolos de pessoas com psicopatia pode ser resultado da desconfortável situação de encarceramento na qual se encontram, ou ainda como um ganho secundário diante da tentativa de cumprir a pena de forma alternativa, como por exemplo em programas de tratamento específico para AVS. Cleckley (1976) ressalta ainda que, provavelmente, os psicopatas nunca se tornem suficientemente angustiados para cometer suicídio. No entanto, o autor observou que os psicopatas frequentemente fazem ameaças vazias de autoagressão e se envolvem em muitas tentativas falsas de perpetrar violência contra si mesmos, caracterizadas por extraordinária astúcia, premeditação e histrionismo. De acordo com essa visão, a agressão auto-dirigida por psicopatas pode ocorrer, mas é altamente instrumental e raramente letal, ao contrário da agressão auto-dirigida por outros que estão associadas à problemas de sintomas internalizantes, como, por exemplo, a depressão, ansiedade ou angústia.

Em relação ao baixo nível de estresse encontrado em AVS com psicopatia no presente estudo, por meio das outras duas variáveis (menos estresse emocional - YTVCS' e menos ambivalência afetiva - CBlend), Patrick (2009) considera que um dos fatores encontrado em pessoas com psicopatia, que auxiliam na compreensão de tais características peculiares é a capacidade de se manter calmo e concentrado em situações que envolvem pressão ou ameaça, bem como a habilidade de se recuperar rapidamente de acontecimentos que envolvem estresse e perigo (ousadia). Nesses casos, a ansiedade é baixa, ou há pouca reatividade ao estresse, e nota-se um déficit no sistema do medo, o que faz com que tenham interesse em situações que demandam alta adrenalina, e busca constante por emoções e aventura.

Além da ousadia, teria também uma tendência para a frieza, a agressão predatória e a procura de sensações fortes. Essa tendência seria o traço da maldade, definido como empatia deficiente, desdenho pelo outro, prazer em explorar as pessoas, em ser agressivo e cruel. Assim, apesar de a maldade ser fenotipicamente distinta da ousadia, ambas partilham a mesma base etiológica: déficits no sistema de medo (*trait fearlessness*). Entretanto, existem influências ambientais que podem agir como fator

colaborador para tais características, como maus-tratos parentais e o abuso sexual físico precoce, que provavelmente, também contribuem para influências constitucionais genéticas distintas (Newman *et al.*, 2005; Patrick *et al.*, 2009).

Tais apontamentos de Patrick (2009) e Daderman e Jonson (2008) corroboram com os achados do presente estudo, os quais evidenciam baixo nível de estresse em AVS com psicopatia e, conseqüentemente, menos intencionalidade suicida do que normalmente é encontrada em outros grupos pesquisados. Contudo, quando essas intenções de autoagressão se encontram altas, como no estudo de Young *et al.* (2010), podem indicar presença de ganhos secundários ou ainda, como mencionado por Cleckley (1976), essa ideação suicida observada em psicopatas se resume em tentativas falsas de concretizar a violência contra si mesmo.

Segundo Exner (2003), a capacidade de manejar bem o estresse e, assim, se manter satisfeito e estável, mesmo com comportamentos desadaptativos, evita que a pessoa entre em contato com vivências de fragilidade, de desamparo e desconforto. Como observado na introdução deste artigo, o ideal seria que o estresse estivesse em nível elevado para qualquer tipo de transtorno psíquico ou desajuste no comportamento, pois é suposto que ao ver resolvido o problema a pessoa poderá recuperar a direção do seu comportamento e autocontrole em sua vida diária. Logo, o estresse é um dos aspectos que favorece a pessoa estar predisposta à mudança. Sem esse estresse a pessoa pode se sentir satisfeita e confortável mesmo evidenciando traços de personalidade problemáticos, mostrando-se resistente à mudança em seu comportamento ou personalidade que possa contribuir na melhoria dos aspectos psicológicos, sejam eles afetivos, comportamentais ou interpessoais.

Os apontamentos mencionados por Cleckley (1976), Daderman e Jonson (2008) e Patrick (2009) destacaram que a baixa reatividade ao estresse ou sofrimento psíquico, baixa intencionalidade suicida, e ainda pouco impacto à situações que envolvem estresse e perigo puderam ser observadas em pessoas que cometem crimes e também em AVS com psicopatia. Esses dados corroboram com o resultado evidenciado por meio da análise de regressão linear, a qual possibilitou a compreensão da menor reatividade ao estresse emocional ( $Y$  e  $YTVC'$ ), menor predisposição para ideações suicidas (SC-Comp) e a jovialidade explicaram 16,3% da variância da psicopatia.

Sendo assim, observou-se que os AVS que preenchem os critérios para o diagnóstico de psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) tendem a ter menos predisposição ao estresse e à ansiedade, sendo mais propensos à frieza emocional. É possível considerar que esse

baixo nível de estresse e ansiedade face às demandas da vida diária, pode ser indicativo de forte resistência a mudança nessas pessoas. Na presente pesquisa 16,3% da variância da psicopatologia dos AVS, foi explicada pelo baixo nível de estresse, de intencionalidade suicida e pela jovialidade, enquanto os outros 83,7% da variância da psicopatologia poderão ser explicados por outros fatores, sejam eles interpessoais, cognitivos, afetivos e comportamentais a serem investigados em pesquisas futuras.

No que diz respeito à maturidade psicológica (ID), não houve diferença estatística entre os AVS com (G2;  $PCL-R \geq 30$ ) e sem (G1;  $PCL-R < 30$ ) psicopatologia (G1:  $M=15,3$ ;  $DP=3,5$ / G2:  $M=15,7$ ;  $DP=2,3$ /  $t=0,344$ ;  $p=0,733$ ;  $d=0,142$ ), o que indica que ambos os grupos vivenciam de modo semelhante o processo de maturação psicológica avaliado pelo ID do R-PAS.

Contudo, ao comparar a maturidade psicológica dos AVS do presente estudo com a de adultos (22 a 64 anos) de uma amostra brasileira não clínica ( $N=350$ , ID:  $M=19,5$ ;  $DP=4,1$ ) (Resende *et al.*, 2015), observou-se que o desempenho dos AVS com e sem psicopatologia foi menor, com tamanho de efeito grande respectivamente ( $d=-1,14$  e  $-1,10$ ), isso indica uma maior manifestação do fenômeno imaturidade psicológica nos AVS do presente estudo quando comparados com uma amostra não clínica do Brasil. Essa imaturidade psicológica encontrada nos AVS resulta em menor capacidade para aprender a administrar com mais competência cognitiva e emocional os desafios mais complexos ou socialmente mais exigentes da vida.

Observando ainda o índice de desenvolvimento (ID) dos AVS do presente estudo com o ID de uma outra amostra composta por participantes de 05 a 25 anos ( $N=902$ , Giromini *et al.*, 2005), que estavam em tratamento em comunidades terapêuticas por ordem judicial (ID:  $M=15,5$  e  $DP=3,9$ ) e em tratamento devido a transtornos psicológicos diversos (ID:  $M=15,9$  e  $DP=4,1$ ), na Itália e Estados Unidos, notou-se que a manifestação da imaturidade foi semelhante ao grupo de AVS desta pesquisa, com tamanho de efeito muito pequeno ( $d=0,05$  e  $d=-0,16$ ).

Tais apontamentos revelam que o índice de desenvolvimento (ID) dos AVS esteve inferior quando comparado com amostras não clínicas, entretanto semelhante quando comparado com amostras clínicas em tratamento por ordem judicial e transtornos psicológicos diversos. Isso indica que os AVS com ( $PCL-R \geq 30$ ) e sem ( $PCL-R < 30$ ) psicopatologia podem apresentar imaturidade psicológica quando seus desempenhos são observados em relação ao de outros grupos não clínicos e até mesmo ao de outros grupos de criminosos sob tratamento psicológico.

## Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo investigar se AVS contra crianças e adolescentes com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) e sem psicopatia ( $PCL-R < 30$ ) se diferenciavam em relação à capacidade de administrar o estresse e distresse e a maturidade psicológica (ID) por meio do desempenho no R-PAS.

O resultado, identificado por meio da análise de regressão linear dos fatores associados à psicopatia, evidenciou que 16% da psicopatia em AVS foi explicada por menor nível de estresse e distresse ou por maior capacidade de tolerância ao estresse. Utilizando o teste *t* de *student* e o *d* de Cohen, observou-se que os AVS com psicopatia ( $PCL-R \geq 30$ ) apresentaram menos intencionalidade suicida (SC\_Comp), menos estresse emocional (YTVC') e ambivalência afetiva (CBlend) quando comparados com os AVS não psicopatas, com tamanhos de efeito grandes (com exceção da variável CBlend que foi zero no grupo sem psicopatia). Assim, a hipótese 1 desse trabalho foi confirmada no que diz respeito a estas três variáveis do domínio estresse (hipóteses 1.5, 1.6, 1.7). Entretanto, quanto às demais seis variáveis do domínio, referentes aos aspectos de pensamentos intrusivos (IM), sentimento de desamparo ou angústia (Y), ideias pessimistas (MOR), estresse subjetivamente sentido (PPD), constrição afetiva (C'), experiências traumáticas (CritCont%), os AVS com e sem psicopatia apresentaram desempenhos semelhantes no teste, não havendo diferença significativamente estatística entre os grupos (refutadas as hipóteses 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.6 e 1.9).

Considerando a hipótese 2, ela não foi confirmada, ou seja, os AVS com e sem psicopatia apresentaram desempenhos semelhantes no teste no que diz respeito à maturidade psicológica (ID). Contudo, considerando os resultados de outros dois estudos com o ID, verificou-se que os resultados dos AVS com e sem psicopatia foram mais próximos dos resultados de pessoas com psicopatologia do que dos resultados de pessoas não pacientes da mesma faixa etária ou até mesmo mais novas.

Algumas limitações podem ser identificadas no presente artigo, como o número da amostra pesquisa, e apenas o uso de um domínio do estresse e distresse e o índice de maturidade psicológica (ID) do teste de Rorschach. Assim, novas pesquisas com os demais domínios presentes no Rorschach poderão investigar características de personalidade sobre a população carcerária de AVS com psicopatia.

Entende-se que algumas implicações práticas são relevantes sobre a importância do presente estudo. Como pode ser notado, AVS considerados psicopatas apresentaram

maior tolerância ao estresse. Trabalhar o adequado manejo e controle do estresse em AVS com psicopatia pode ser importante diante da possibilidade de tornar essas pessoas mais capazes de se preocuparem com as consequências de seus atos, e também para o desenvolvimento da empatia diante das vítimas. É possível que, automaticamente, a ousadia e a maldade também possam ser moduladas. Contudo é importante lembrar que a psicopatia tem sido considerada um transtorno psicopatológico de difícil remissão, tratamento e com índices elevados em reincidência criminal (Balsis *et al.*, 2017; Gacono *et al.*, 2011). Por fim, esses resultados podem servir como sinalizadores para futuras pesquisas brasileiras, que considerem os aspectos cognitivos, interpessoais e até mesmo a adesão do AVS em relação às estratégias de tratamento, enriquecendo o processo de investigação nessa área.



### Artigo III

#### Periculosidade e Características de Personalidade em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes

Áquila Araujo G. R. Zilki  
Ana Cristina Resende

##### Resumo

O objetivo deste artigo foi analisar a periculosidade e as características de personalidade de autores de violência sexual (AVS) contra crianças e adolescentes. Participaram do estudo 69 AVS divididos em dois grupos: G1, vitimizaram apenas crianças (N= 41); e G2, vitimizaram adolescentes e adultos (N= 28). Foram utilizados para a coleta de dados um protocolo de coleta de informações no processo criminal e o Rorschach pelo sistema R-PAS. Para análise dos dados, foi criada uma variável denominada periculosidade por meio da análise fatorial de componente principal (AFCP), mediante variáveis do perfil criminal para verificar a correlação entre as variáveis do R-PAS e a periculosidade dos participantes, bem como foi realizada a comparação entre os grupos. Os dados foram analisados utilizando correlação de Pearson, *t* de *student*, qui-quadrado e Pearson ou exato de Fisher, e *d* de Cohen. Os resultados apontaram que quanto maior é a periculosidade maior é o uso da intelectualização como mecanismo de defesa para não lidar de modo direto e realista com aspectos que geram angústia emocional ou social. Além disso, o G1 apresentou mais perturbações e sentimentos aflitivos (PPD), estresse emocional crônico e situacional (YTVC' e Y), intenções e comportamentos agressivos (AGM e AGC) do que o G2. Contudo, o G2 revelou maior grau de periculosidade. Todos esses achados são discutidos neste artigo.

**Palavras-Chaves:** Abuso sexual; Teste de Rorschach; Periculosidade.

#### Perilousness and Personality Characteristics of the Sex Offender against Children and Adolescents

##### Abstract

The objective of this article was to analyze the perilousness and personality characteristics and of sex offenders against children and adolescents through the Rorschach test in the Performance Evaluation System (R-PAS). 69 SO who were serving a closed sentence participated in the study were 69 AVS who were serving a closed sentence for sex offender, which were divided into two groups: G1, victimized only children (N= 41); and G2, victimized adolescents and adults (N= 28). A data collection protocol was used for data collection in the criminal process and the Rorschach in the Performance Evaluation System (R-PAS) and a variable denominated periculosness, which was constructed through the factorial analysis of the main component (FAMC), using variables of the criminal profile. Data were analyzed using Pearson's correlation, student *t*, chi-square and Pearson's or Fisher's exact, and Cohen's *d*. The results showed that the greater the use of intellectualization as a defense mechanism, a more superficial processing of reality and that is linked to fantasy and ideations, the greater the danger; and as for the differences between groups, G1 presented more aggressive intentions, while G2 revealed a low level of stress; referring to the level of dangerousness among the groups, G2 was more dangerous than G1.

**Keywords:** Sexual Abuse; Rorschach Teste; Perilousness.

## **Introdução**

Dicionários jurídicos definem periculosidade como a potencialidade ou probabilidade (não mera possibilidade) de uma pessoa praticar condutas proibidas pela sociedade, considerando seus atos anteriores ou circunstâncias em que praticou um delito. Seria o estado de quem pode expor alguém a perigo, ou lhe proporcionar um dano, que é determinado por qualquer enfermidade mental que lhe tire ou restrinja o discernimento, ou por suas próprias ações, ou inclinações especiais para o mal ou para a prática de atos criminosos. A periculosidade criminal é a que evidencia ou resulta da prática do crime, e se funda no perigo da reincidência (Horcaio, 2008; Slaibi Filho & Gomes, 2014).

Não se pode negar que tanto a reincidência quanto a periculosidade são características próximas e próprias de pessoas que cometem crimes. Na prática há uma constante aproximação desses fatores. Como visto anteriormente, judicialmente a reincidência é considerada uma especificidade da periculosidade, denominada de periculosidade criminal (Horcaio, 2008; Slaibi Filho & Gomes, 2014).

A legislação determina a periculosidade de um indivíduo considerando o seu risco de cometer mais atos infracionais. No caso dos autores de violência sexual (AVS), Rowlands, Palk & Young (2017) e Riquelme, Pérez & Muñoz (2004) apontam que o risco de reincidir no crime sexual é determinado por vários fatores, entre eles a sua história de vida, as suas respostas aos programas de tratamento psicológico, o uso indevido de substâncias, a proximidade com a vítima e a presença de transtornos psicopatológicos, entre eles a psicopatia.

O risco neste contexto geralmente refere-se à probabilidade de uma reincidência individual após a liberdade da prisão. O conceito data por volta do início do século XX, quando os pesquisadores utilizaram arquivos oficiais para coletar informações sobre o histórico demográfico e criminal do AVS (Howitt, 2006). Conceitualmente, há uma distinção entre a probabilidade de um indivíduo cometer outro crime no futuro (risco de reincidência) e o nível de periculosidade ou consequências adversas para a vítima de um crime (risco de periculosidade). Portanto, uma pessoa pode ser julgada com alto risco de reincidência, mas o ato previsto pode ser roubar; por outro lado, uma pessoa pode ter um baixo risco de reincidência criminal, mas, se o crime for cometido, esperam-se consequências expressivamente graves para a vítima (Sheldon & Howells, 2017).

Uma boa mensuração do risco avalia tanto o risco de reincidência como o risco de periculosidade que o indivíduo apresenta para sociedade (Sheldon & Howells, 2017). Diante do exposto, algumas características fazem-se como preditoras nos fatores de risco para detecção da reincidência no crime sexual, como, por exemplo, idade do AVS, histórico de prisão por crimes sexuais e não sexuais, padrões de violência associados ao comportamento ofensivo sexual, características antissociais, descontrole dos afetos e humor como raiva e cooperação com os requisitos de supervisão, interesses sexuais desviantes, problemas de autorregulação sexual e atitudes ou crenças distorcidas que favorecem a ofensa sexual. No caso de AVS contra crianças, incluem-se certas características da vítima, como, por exemplo, a idade e o sexo (Stinson & Becker, 2016).

A justificativa para se avaliar a periculosidade criminal é facilitar tomadas de decisões clínicas, auxiliando nas intervenções médicas e psicológicas mais adequadas, assim como facilitar tomadas de decisões legais, auxiliando o juiz na compreensão real do caso no momento da sentença. Stinson e Becker (2016) salientam que a forma como esse risco é determinado tipicamente envolve o uso de instrumentos de avaliação adequados para prever o risco na população forense, que é administrado por profissionais da área.

Seto (2008) e Seto e Eke (2005) observaram que os homens que fazem uso da pornografia infantil, mas que não praticaram nenhuma ofensa contra crianças, são menos prováveis a cometer futuras ofensas sexuais de contato envolvendo crianças do que homens que utilizam a pornografia infantil, mas já cometeram delitos sexuais com crianças. Isso sugere que o comportamento é um fator altamente preditivo para a periculosidade criminal.

Em estudo posterior, Langton, Barbaree, Harkins e Peacock (2006) analisaram a relação dos riscos de reincidência em AVS que foram submetidos a programas de tratamento com base cognitivo-comportamental. Os resultados evidenciaram que 25,4% da amostra estudada reincidiu no mesmo crime no período médio de 5,1 anos, e 11,1% reincidiu também no crime sexual em tempo médio de 5,5 anos, o que indica que 36,5% da amostra pesquisada reincidiu no crime sexual no período médio de cinco anos e meio após cumprida a pena de um crime sexual anterior.

A pesquisa realizada por Riquelme, Pérez e Muñoz (2004), com AVS e criminosos sentenciados por outros tipos de crimes que não sejam sexuais, avaliados por meio do *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) para identificação de psicopatia,

indicou que os AVS apresentaram significativamente mais características afetivas e interpessoais próprias da psicopatia do que os demais criminosos, evidenciando assim maior probabilidade de reincidência no crime sexual. O estudo desses autores corrobora com outros que sustentam que o comportamento sexual desviante associado à psicopatia tem se mostrado um forte aliado para a reincidência criminal e de periculosidade. Contudo, diante da versatilidade criminal que é uma das características dos criminosos com psicopatia, alguns autores têm destacado que o psicopata não é um expert em um crime específico, mas que ele transita pelas variadas categorias criminais (Hare, 2006; Hare & Neumann, 2006; Hill, Habermann, Klusmann, Berner'e & Briken, 2008).

Pesquisas têm apontado que AVS que apresentam alta reincidência criminal são mais jovens que os AVS com baixa reincidência; essas pessoas frequentemente iniciam na vida criminosa ainda jovens e facilmente se envolvem em medidas socioeducativas para cumprimento de seus atos fora da lei; apenas após os 40 anos que há um decréscimo considerável em seu comportamento criminal (Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2000; Huss, 2011). Assim sendo, quanto mais jovem ou menor a idade do AVS, maior será o nível de periculosidade que pode oferecer para as vítimas.

#### *Características de Personalidade do Autor de Violência Sexual contra Crianças e o Teste de Rorschach*

Pode-se definir como autor de violência sexual (AVS) contra crianças aquele que pratica violência sexual infantil como os atos ou jogos sexuais em que uma criança é submetida por esse autor a participar, e esse alguém possui desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que o da criança, utilizando-se de uma relação de poder para satisfazer seus próprios desejos em detrimento do bem-estar da criança vitimizada (Spaziani & Maia, 2015).

Considerando os dados sociodemográficos, no Brasil, os AVS, mais frequentemente, são do sexo masculino, com idade entre 30 a 40 anos, condenados em sua maioria somente por crimes sexuais, são comumente próximos de suas vítimas (como por exemplo, pais, padrastos, tio, vizinhos etc). Preferem vítimas crianças e adolescentes e como consequência da proximidade escolhem a casa da vítima ou até mesmo sua própria residência como local para o abuso sexual (Martins & Jorge, 2010; Santos, Costa, Amaral, Nascimento, Musse & Costa, 2015; Serafim, Rigonatti, Casoy & Barros, 2009; Soares, Silva, Matos, Araújo, Silva & Lago, 2016).

Estudos na área da Psicologia, mais especificadamente na avaliação de personalidade, realizados com AVS não são numerosos. Considerando os testes projetivos, o Rorschach tem sido um dos mais utilizados, aceitos e requisitados na prática de avaliação psicológica forense (Gacono & Evans, 2011; Rovinski, 2006). O seu uso se justifica por ter potencial de revelar características de personalidade que as pessoas não reconhecem plenamente em si ou hesitam em administrar quando questionadas sobre elas diretamente. Nesse sentido, o instrumento é menos suscetível à manipulação ou dissimulação consciente e intencional por parte do examinando (Exner, 2003; Gacono & Evans, 2011; Gamboa, 2006; Rovinski, 2006).

Recentes atualizações sobre o teste de Rorschach culminaram no surgimento de um novo sistema de aplicação, codificação e interpretação baseado no desempenho apresentado durante o teste, que recebeu o nome de Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS; Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2017). Como boa parte dos estudos realizados sobre esse tema utilizaram o Sistema Compreensivo (SC), quando as variáveis tiverem recebido um novo nome no R-PAS o equivalente nesse sistema será apresentado entre barras duplas (// //), e quando variáveis do SC não foram incluídas será classificada como “não incluída”.

Ryan, Baerwald e McGlone (2008) avaliaram 235 participantes, subdivididos em AVS pedófilos, AVS pedófilos sacerdotes e não AVS, por meio do Rorschach SC. Esse estudo evidenciou um estilo de pensamento mais incomum e menos convencional (Xu% // FQu%; X+% // FQo%) em ambos os grupos de pedófilos quando comparados com os não AVS. Vários outros estudos (Gacono, Gacono & Evans, 2011; Ó Ciardha & Gannon, 2011; Szumski & Zielona-Jenek, 2016; Zúquete & Noronha, 2012) também encontraram distorções cognitivas semelhantes, que proporcionam falhas na interpretação de uma situação de convivência entre adultos e crianças, que enfatizam a interação sexual ou interesse sexual entre ambos. Exemplos dessas crenças ou distorções de interpretação seriam expressos por verbalizações ou pensamentos do tipo: “atividade sexual entre adultos e crianças não é prejudicial”, ou “é positivo crianças saberem sobre sexo e os benefícios da experiência sexual”, e ainda, “uma criança que pede um abraço de um adulto, está sexualmente interessada naquele adulto”. Alguns autores perceberam que os AVS acreditavam que estariam se alinhando com o estado emocional da criança no momento do abuso sexual, preenchendo necessidades emocionais da criança por meio da intimidade sexual.

No estudo de Young, Justice e Erdberg (2010) também foram investigadas as características de personalidade de AVS por meio do Rorschach SC, com uma amostra de 60 delinquentes sexuais e 60 delinquentes criminosos sem condenação por crimes sexuais. Os delinquentes sexuais evidenciaram características de personalidade peculiares, como distúrbio do pensamento (PTI// TP-Comp), prejuízo na autopercepção (MOR, reflexo), prejuízo nos relacionamentos interpessoais, (T, H) e ainda tendência a responder de modo emocionalmente impulsivo e não modulado (CF+C>FC// FC:FC+C) quando comparados com os demais criminosos.

Uma revisão da literatura de Zilki e Resende (em fase de submissão), de estudos que investigam a personalidade de AVS por meio do teste de Rorschach, nos últimos 10 anos, nas bases de dados Web of Science, Pycnet, Pepsic e Scielo, indicaram que os AVS apresentam comprometimentos nos aspectos cognitivos, na autopercepção, nos afetos e no controle dos impulsos.

Quanto aos aspectos cognitivos, interpretam a realidade de maneira idiossincrática, desconsiderando as convenções sociais com um processamento mais simplista e superficial das informações (X-%// FQ-%; X+%// FQo%; Xu%// FQu%; WSum6// WSumCog; PTI positivo// TP-Comp; L// F%; EA// MC).

Referente à autopercepção, os resultados apontaram uma visão imatura de si e do outro, com relacionamentos interpessoais distantes, tendência acentuada a superestimar o próprio valor (narcisismo) e pouca capacidade de perceber como o seu comportamento afeta os outros ou pouca capacidade de introspecção (Fr+rF// Refl; MOR; FD; SumV// V; Htotal// SumH; PER; SumT// T; H). Quanto aos aspectos afetivos indicaram retraimento emocional, evitando as trocas afetivas e situações que mobilizam emoções e sentimentos, facilidade para a perda do controle emocional, ausência de indícios de remorso, culpa, além de maior predisposição para a raiva e o ressentimento (Afr// R8910%; CF; V; S). Por fim, referente ao controle dos impulsos, pensamentos intrusivos e comportamentos impulsivos (FM), (Carabellese, Maniglio, Greco & Catanesi, 2011; Daderman & Jonson, 2008; Etcheverria, 2009; Pasqualini-Casado, Vagostello, Villemor-Amaral & Nascimento, 2008; Pimentel, 2010; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Young *et al.*, 2012, 2010).

Diante do exposto, o presente estudo de cunho exploratório tem como objetivo geral investigar a periculosidade criminal e as características de personalidade do AVS. Os objetivos específicos foram: 1) verificar se AVS que abusam de crianças (G1) e

aqueles que abusam de adolescentes e adultos (G2) apresentam diferenças no perfil criminal, 2) no nível de periculosidade e 3) nas características de personalidade; e ainda 4) explorar as relações entre periculosidade e as características de personalidade e perfil criminal em AVS.

## **Método**

### *Delineamento do Estudo*

Este é um estudo classificado como exploratório, descritivo e correlacional, o qual procura entender e interpretar a realidade pesquisada, por meio de métodos padronizados para a coleta dos dados.

### *Participantes*

Participaram do presente estudo 69 dos AVS contra crianças e adolescente (N=69), que foram selecionados aleatoriamente e que foram subdivididos em dois grupos, sendo o primeiro grupo (G1) composto por 41 AVS com vítimas exclusivamente crianças e o segundo (G2) constituído por 28 AVS de vítimas mistas (adolescentes e adultos).

As características sociodemográfica da amostra total (N= 69) foi tipificada pela média de idade de 31,44 anos (DP= 10,78), com idade mínima de 18 e máxima de 65 anos. No que diz respeito à escolaridade, esta variável apresentou elevada frequência de *missings* (N= 31), no entanto, 73,7% (N= 28) tinham menos de 4 anos de estudo. Quanto à raça/cor da pele, 40,0% (N= 22) dos participantes se autodeclararam brancos, 40,0% (N= 22) de raça parda e 20,0% (N= 11) da raça negra. Com relação ao estado marital, 42,0% (N= 29) eram casados, 46,4% (N= 32) tinham filhos, sendo a média de filhos 2,47 (DP= 1,66; Mín: 1, Máx: 9). Quanto à profissão, 82,6% (N= 57) dos participantes realizavam trabalho braçal (especialmente da construção civil).

Em relação aos critérios de inclusão para o preenchimento do protocolo de pesquisa o reeducando deveria: a) ter sido condenado por crimes sexuais; b) ter vitimizado criança e/ou adolescente; c) estar cumprindo pena em regime fechado. Posteriormente, como critérios de exclusão destacaram-se: a) não ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE-Anexo A) devidamente preenchido; b) ter apresentado um desempenho insuficiente nos testes para fornecer informações interpretativamente confiáveis; c) ter progredido de regime (do fechado para o semi-aberto ou aberto), no decorrer da coleta de dados da pesquisa. Ao longo da pesquisa,

três reeducandos foram excluídos: dois por alegarem indisposição para responder a todos os instrumentos de coleta de dados e um por não ter interesse em assinar o TCLE.

#### *Instrumentos*

- *Protocolo de Coleta de Informações no Processo Criminal*: para coletar os dados sociodemográficos (idade, escolaridade, estado marital, raça/cor, se tinham filhos) e dados do perfil criminal (número de vítimas: vítimas por crime sexual; número de processos respondidos: processos totais; número de processos por violência sexual: processos apenas sexuais; tempo de abuso: duração entre o primeiro e o último abuso sexual; reincidência: no crime sexual; tempo de pena: tempo total da condenação; tipo de crime: artigos referentes ao crime cometido; sexo das vítimas: masculino e feminino; proximidade com a vítima: pai, padrasto, tio, avô, primo, irmão, vizinho, amigo, ou sem nenhuma proximidade com a vítima; local do crime: casa do abusador, casa da vítima, terreno baldio ou outros locais; se houve morte da vítima: se o abuso resultou na morte da vítima; fuga da prisão: fuga da unidade prisional e participação em rebelião: realizou um papel ativo em rebelião). Foi por meio de quatro variáveis do perfil criminal (número de processos, número de processos por crimes sexuais, número de vítimas e reincidência) que a variável periculosidade foi criada, sendo entendida como o estado de quem pode expor alguém ao perigo, ou lhe proporcionar um dano.

- *Periculosidade*: está variável foi criada utilizando as variáveis do perfil criminal, mensuradas por meio do Protocolo de Coleta de Informações no Processo Criminal. Após a coleta das informações, foi realizado a análise fatorial de componente principal (AFCP), que identificou quatro variáveis para compor a periculosidade: 1) número de processos, 2) número de processos por crimes sexuais, 3) número de vítimas e 4) reincidência.

- Rorschach no *Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS)* (Meyer *et al.*, 2017): teste utilizado para avaliar a personalidade dos AVS. O Rorschach, tal como foi concebido no R-PAS, consiste em uma atividade que permite ao examinador observar e avaliar a “personalidade em ação”, quantificando e documentando comportamentos importantes, enquanto o examinando descreve o que as suas dez manchas de tinta poderiam ser. Por meio dessas informações, o examinador pode avaliar a capacidade de adaptação do examinando, estilo de enfrentamento em situações adversas, atitudes e preocupações subjacentes, e disposições para pensar, sentir e agir de determinada maneira.



Neste estudo serão utilizados o Índice de Desenvolvimento (ID) (Stanfill, Viglione & Resende, 2013) e 60 variáveis distribuídas em dados interpretativos relacionados a cinco domínios do teste:

a) Aspectos da Aplicação do Teste (Pr, Pu e CT): abrange a forma como o examinando maneja o Rorschach durante sua aplicação e evoca aspectos comportamentais típicos que usa na resolução de problemas cotidianos;

b) Engajamento e Processamento Cognitivo (Complexidade, R, F%, *Blend*, Sy, MC, MC-PPD, M/MC, (CF+C)/SumC, W%, Dd%, SI, IntCont, Vg%, V, FD, R8910%, WSumC, e MP/(Ma+Mp)): envolve o nível de sofisticação do processamento cognitivo, a flexibilidade para lidar com as demandas da vida e responder aos desafios, bem como a disponibilidade de recursos psicológicos eficientes (ideativos e afetivos) e a capacidade de adaptação;

c) Percepção e Pensamento (EII-3, TP-Comp, WSumCog, FQ-%, WD-%, FQo%, P e FQu%): associado aos problemas no pensamento, no julgamento e na percepção, presença de transtornos graves do pensamento ou pensamentos idiossincráticos ineficientes e imaturos, bem como interpretações equivocadas ou pouco convencionais da realidade, que implicam em comportamentos disfuncionais e falhas na adaptação; e

d) Estresse e Sofrimento (Y, IM, MOR, SC-Comp, PPD, YTVC', CBlend, C', V e CritCont%): relaciona-se com o sofrimento provocado por eventos estressores provenientes do meio em que o indivíduo está inserido, com a predisposição para a desesperança, bem como para uma visão pessimista de si e dos acontecimentos;

e) Autopercepção e Representação Interpessoal (ODL%, SR, MAP/MAHP, PHR/GPHR, M-, AGC, V-Comp, H, COP, MAH, SumH, NPH/SumH, r, p/(a+p), AGM, T, PER e An): traduz aspectos vinculados à autoimagem, autoestima e percepção de si, bem como alude à forma como são estabelecidos os contatos e as interações.

No que se refere aos estudos de confiabilidade entre avaliadores com coeficiente de correlação intraclassa (ICC, *do inglês Intraclass Correlation Coefficient*), os valores médios são de 0,81 a 1,00 para as variáveis em diferentes estudos (Kivisalu, Lewey, Shaffer & Canfiel, 2016; Meyer *et al.*, 2017; Viglione, Blume-Marcovici, Miller, Giromini & Meyer, 2012).

### *Procedimentos*

O projeto de pesquisa foi aprovado pela instituição carcerária e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP - SGC/PUC Goiás) sob o CAAE 0156.0.168.000-11 (Anexo B). Os procedimentos para coleta foram:

- 1) Seleção aleatória de processos de reeducandos que tinham cometido crimes sexuais contra crianças e adolescentes, contato com o possível participante do estudo para verificar sua disponibilidade para a pesquisa. E obtenção da assinatura do interessando no TCLE em duas vias;
- 2) Coleta de dados no processo criminal;
- 3) Aplicação do teste de Rorschach.

### *Análise dos dados*

Todos os protocolos do Rorschach (N=69) foram codificados pelo grupo de pesquisa da PUC Goiás, pertencente ao Núcleo de Pesquisa e Estudos Psicossociológicos (NEPSI), coordenado pela segunda autora desse artigo. Trinta por cento dos protocolos foram selecionados aleatoriamente e encaminhados para serem codificados por dois juízes *experts* no R-PAS, cegos em relação aos objetivos da pesquisa, para o cálculo da análise de concordância entre avaliadores, por meio do ICC. O valor médio do ICC foi 0,86, com mediana de 0,92, variando entre 0,60 e 1,00. Todos esses valores foram considerados entre bons e excelentes, e indicando evidência de confiabilidade acerca da classificação de resposta sob os referenciais do R-PAS.

Em seguida, todos os protocolos do R-PAS foram inseridos na categoria *Insert Protocol (insert data from an application of Rorschach)* localizado no site oficial do R-PAS® ([www.r-pas.org](http://www.r-pas.org)), que viabilizou o *download* de um banco de dados com os índices dos protocolos de Rorschach do grupo avaliado. Posteriormente, os dados desse banco de R-PAS e aqueles referentes ao perfil sociodemográfico e criminal foram incluídos no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 24.0 para realização das análises estatísticas.

Realizou-se o teste de normalidade de *Kolmogorov-Smirnov (K-S)* com correção de *Lillifors* para as 61 variáveis analisadas do Rorschach. Verificou-se que em uma delas (1,58%; Pu) não foi possível o cálculo devido à prevalência zero e apenas 12 (19,05%) apresentaram  $p > 0,05$  no teste de K-S (F%  $p = 0,20$ ; MC  $p = 0,06$ ; EII-3  $p = 0,05$ ; TP-Comp  $p = 0,20$ ; FQ-%  $p = 0,07$ ; WD-%  $p = 0,08$ ; FQo%  $p = 0,20$ ; SC-Comp  $p = 0,20$ ; V-

Comp  $p=0,20$ ; W%  $p=0,05$ ; FQu%  $p=0,07$  e ID  $p=0,20$ ), indicando normalidade dessas variáveis. Assim, a maioria delas ( $N= 50$ ; 79,37%) apresentou desvio de normalidade da distribuição.

Subsequentemente, fez-se o levantamento dos dados sociodemográficos e dos dados do perfil criminal da amostra total ( $N=69$ ) e a comparação desses aspectos entre os participantes do G1 versus G2. Para a criação da variável periculosidade realizou-se análise fatorial de componente principal (AFCP) utilizando as variáveis do perfil criminal. A AFCP corresponde a uma técnica multivariada para reduzir a dimensionalidade de dados, potencializando e aumentando a interpretabilidade destes dados (Jolliffe & Cadima, 2016).

Do total de variáveis deste bloco do perfil criminal, seis foram elegíveis para AFCP: *número de processos, número de processos por violência sexual, tempo total da pena, número de vítimas, tempo de abuso e reincidência de violência sexual*. As variáveis fuga, rebelião, morte e tipo de vítima não foram incluídas devido ao elevado número de *missings* e por serem consideradas qualitativas no presente estudo (sim ou não para as três primeiras variáveis). Os *missings* são prejudiciais porque diminuem o tamanho da amostra e prejudicam ou “falsificam” as correlações. Em seguida, foi utilizado o teste de *K-S* com correção de *Lillifors* para testar a normalidade de cada variável isoladamente. Verificou-se que, ao nível de significância 0.05, todas as variáveis são consideradas com distribuição não normal. Estes resultados sugerem que o vetor *X* não é normal. Seguiu-se para a análise do teste de esfericidade de *Bartlett* e a estatística de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) para verificar a adequação dos dados para análise fatorial. O valor do KMO foi de 0,60 e o *p* da estatística de *bartlett* indicaram que os dados eram aceitáveis para análise fatorial ( $X^2$ : 130,84;  $p<0,001$ ) (Hutcheson & Sofroniou, 2009).

Assim, verificou-se a magnitude das correlações entre as variáveis analisadas, e os dados apontaram para: correlações fortes e positivas entre número de vítimas e número de processos por violência sexual ( $r= 0,63$ ), número de vítimas e reincidência por violência sexual ( $r= 0,67$ ); correlações moderadas e positivas entre número de processos e número de processos por violência sexual ( $r= 0,56$ ), número de vítimas e tempo total da pena ( $r= 0,53$ ), número de processos por violência sexual e reincidência por violência sexual ( $r= 0,44$ ); correlação fraca entre tempo total de pena e reincidência por violência sexual ( $r= 0,33$ ). Verificou-se também correlações muito baixas entre a

variável tempo de abuso e as demais variáveis ( $p < 0,30$ ), sendo assim, realizada a exclusão dessa variável e reiniciado o processo de AFCP.

Após a exclusão da variável tempo de abuso, o valor do KMO foi de 0,60 e o  $p$  da estatística de *bartlett* ( $X^2$ : 128,77;  $p < 0,001$ ) indicaram novamente que os dados eram aceitáveis para realização da AFCP (Hutcheson *et al.*, 2009). Na presente análise, não houve valores extremos, sugerindo que não havia problemas quanto às comunalidades.

A análise mostrou a presença de dois componentes principais (variabilidade dos dados: 1: 53%; e 2: 74,58%). O componente 1 (alfa de cronbach 0,09, baixa consistência interna) foi constituído de três variáveis, todas correlacionadas fortemente e positivamente (acima de 0,6): 1) tempo total da pena, 2) número de vítimas e 3) reincidência de violência sexual. O componente 2 (alfa de cronbach 0,65, baixa consistência interna), foi constituído de duas variáveis, todas relacionadas fortemente e positivamente: 1) número total de processos e 2) número total de processos sexuais. Por fim, devido ao baixo valor dos indicadores de consistência dos componentes, foi removida uma variável que poderia contribuir para essa baixa consistência: “tempo de pena”. Nesse sentido, rodou-se nova AFCP com quatro variáveis: 1) número de processos, 2) número de processos por crimes sexuais, 3) número de vítimas e 4) reincidência.

Então, AFCP foi conduzida por quatro variáveis de uma amostra de 69 AVS. Mais da metade das variáveis apresentou correlação  $> 0,3$ , indicando adequabilidade para a análise fatorial. A medida de KMO verificou a adequação amostral para a análise (KMO= 0,63) e o teste de esfericidade de *bartlett* (qui-quadrado= 105,84,  $p < 0,001$ ) indicou que as correlações entre os itens eram suficientes para a realização da análise. A investigação das comunalidades indicou ausência de valores extremos, sugerindo que não havia problemas em relação a isso. A análise inicial mostrou ainda que um componente obedece ao critério de Kaiser do valor (“eigenvalue”) maior que 1 e explicou 61,60% da variância dos dados. O gráfico de *Scree Plot* mostrou que um componente principal está posicionado antes da inflexão. Considerando o tamanho da amostra e a convergência entre o *Scree Plot* e o critério de *Kaiser*, este foi o único componente mantido na análise final. A matriz dos componentes evidenciou que todos os itens correlacionaram positivamente e fortemente e os coeficientes de *alfa de Cronbach* do componente principal foram de 0,75. Após identificação da AFCP, a mesma foi correlacionada com as variáveis do teste de Rorschach e o ID.

Após a identificação da AFCP Periculosidade, as análises foram realizadas por meio de estatística descritiva e comparativa utilizando o *software* SPSS. As variáveis qualitativas foram apresentadas como frequência absoluta e relativa, as variáveis quantitativas como média, com IC 95% da média, desvio-padrão (DP), mínimo e máximo. Verificou-se a diferença estatística entre os grupos G1 e G2: para as variáveis qualitativas foi realizado o teste de qui-quadrado de *Pearson* para tendência ou exato de *Fisher*, e, para as quantitativas, o teste *t* de *student*. Além disso, foram verificados os tamanhos dos efeitos entre os grupos para variáveis quantitativas utilizando o *d* de *Cohen*, e para as variáveis qualitativas o *V* de *Cramer*. O tamanho do efeito foi classificado como pequeno ( $d= 0,20$  a  $0,49$ ), médio ( $d= 0,50$  a  $0,79$ ) e grande ( $d \geq 0,80$ ) com base nos valores de referência sugeridos por Cohen (1988). Para o *V* de *Cramer*, o efeito foi classificado como pequeno ( $V= 0,10$  a  $0,20$ ), médio ( $V= 0,21$  a  $0,60$ ) e grande ( $V= 0,61$  a  $1,0$ ), usando como referência os valores sugeridos por Rea e Parker (1992). Por fim, verificou-se a relação entre variáveis do perfil criminal e a correlação com a variável Periculosidade e as variáveis do teste de Rorschach utilizando a correlação de *Pearson*. Em todas as análises os valores de  $p < 0,05$  foram considerados estatisticamente significativos.

## Resultados e Discussões

As características do perfil criminal da amostra total (N=69) do presente estudo podem ser observadas na Tabela 1. De uma forma geral, aproximadamente 77% dos participantes respondiam a um único processo, sendo quase todos condenados por um crime sexual (87%). No que tange à reincidência, 68% (N=47) não reincidiram no crime e o restante reincidiram entre uma e cinco vezes no crime sexual. Considerando o número de vítimas, 71% abusaram de uma vítima e 29% entre duas a cinco vítimas. Entre as vítimas, 59% abusaram de uma criança e 41% abusaram de adolescentes e eventualmente de adolescentes e adultos. No que se refere à idade das vítimas, a média foi de 15 anos (DP=7,49).

Com relação ao sexo das vítimas, 93% (N=64) eram do sexo feminino. Sobre a proximidade do agressor com a vítima, 42% (N=29) eram considerados parentes da vítima e 16% (N=11) vizinhos ou amigos. No que tange ao local do crime, 42% (N=29) dos abusos ocorreram na residência da vítima, e 23% (N=16) ocorreram na residência do AVS e 21,7% (N=15) em terreno baldio ou matagal. Quanto à variável morte da

vítima, 4,3% (N=3) resultaram na morte da vítima, contudo, e em relação a esta última variável houve a presença de 4 *missing*. Quarenta e seis por cento (N=30) apresentaram fuga da unidade prisional, entretanto nesta variável foram identificados 26 *missing*; apenas 2,3% (N=1) participaram de rebelião, e o tempo médio de pena do grupo total foi de 22 anos (DP=22,52) de condenação.

**Tabela 1.** Características do perfil criminal da amostra total

Variáveis	N = 69	%	IC 95%
<b>Número de processos, média (DP)</b>	1,46 (0,96)		1,13-1,33
1	53	76,8	66,2-85,9
2-5	16	23,2	14,1-33,8
<b>Número de processos por violência sexual, média (DP)</b>	1,17 (0,51)		1,05-1,21
1	60	87,0	78,6-94,2
2-4	9	13,0	5,8-21,4
<b>Tipo de crime</b>			
Somente sexual	40	58,0	45,6-69,1
Sexual e outro	29	42,0	30,9-54,4
<b>Reincidência, média (DP)</b>	0,42 (0,71)		0,26-0,59
0	47	68,1	57,1-78,6
1	17	24,6	14,7-34,8
2-3	5	7,2	1,5-14,1
<b>Número total de vítimas, média (DP)</b>	1,48 (0,91)		1,28-1,71
1	49	71,0	60,6-81,2
2-5	20	29,0	18,8-39,4
<b>Número de vítimas crianças, média (DP)</b>	0,72 (0,87)		0,53-0,94
0	31	44,9	32,8-57,3
1	30	43,5	32,4-55,6
2-5	8	11,6	4,3-20,3
<b>Número de vítimas adolescentes, média (DP)</b>	0,20 (0,50)		0,09-0,32
0	58	84,1	75,0-92,4
1	8	11,6	4,4-20,0
2	3	4,3	0,0-9,99
<b>Número de vítimas adultas, média (DP)</b>	0,55 (0,91)		0,36-0,78
0	42	60,9	48,5-73,4
1	21	30,4	19,5-42,0
2-5	6	8,7	2,8-15,7
<b>Idade das vítimas<sup>1</sup>, média (DP)</b>	15,17 (7,49)		13,44-16,99
<b>Tempo abuso<sup>1</sup>, média (DP) meses</b>	7,87 (16,17)		4,25-11,98
<b>Sexo das vítimas<sup>1</sup></b>			
Masculino	5	7,2	1,5-13,2
Feminino	64	92,8	86,8-98,5

<b>Proximidade com a vítima<sup>1</sup></b>			
Parentesco	29	42,0	30,4-55,1
Nenhum	29	42,0	30,0-53,7
Vizinho, amizade	11	15,9	7,4-24,6
<b>Local do crime<sup>1</sup></b>			
Residência da vítima	29	42,0	31,4-54,5
Residência do AVS	16	23,2	14,3-32,0
Terreno baldio ou matagal	15	21,7	13,0-31,4
Outro	9	13,0	5,8-21,4
<b>Morte da vítima<sup>1</sup></b>			
Não	66	95,7	91,0-100,0
Sim	3	4,3	0,0-9,0
<b>Fuga da prisão</b>			
Não	35	53,8	42,4-66,7
Sim	30	46,2	33,3-57,6
<b>Participação em rebelião (N = 43)</b>			
Não	42	97,7	92,7-100,0
Sim	1	2,3	0,0-7,3
<b>Tempo de pena, média (DP)</b>	22,42 (22,52)		18,09-28,30

<sup>1</sup>considerando a primeira vítima

Quanto ao primeiro objetivo específico, verificar se AVS que abusam de crianças (G1) e aqueles que abusam de adolescentes e adultos (G2) apresentam diferenças no perfil criminal, pode-se observar os dados descritos nas Tabelas 2 e 3. Por meio da Tabela 2, onde constam as estatísticas descritiva e comparativa dos resultados referentes às características do perfil criminal entre os dois grupos, notam-se as diferenças estatisticamente significativas para as variáveis número de processos, tipo de crime, proximidade do AVS com a vítima, local do crime e fuga da prisão.

**Tabela 2.** Estatística descritiva e comparativa do perfil criminal por grupo

Variáveis	G1 (N = 41)	G2 (N = 28)	$p^2$	V Cramer
<b>Número de processos</b>				
1	35 (85,4)	18 (64,3)	<b>0,042</b>	0,245
2-5	6 (14,6)	10 (35,7)		
<b>Número de processos por violência sexual</b>				
1	38 (92,7)	22 (78,6)	0,144	0,206
2-4	3 (7,3)	6 (21,4)		
<b>Tipo de crime</b>				
Somente sexual	34 (82,9)	6 (21,4)	<b>&lt; 0,001</b>	0,612
Sexual e outro	7 (17,1)	22 (78,6)		
<b>Reincidência</b>				
0	31 (75,6)	16 (57,1)	0,208	0,215
1	7 (17,1)	10 (35,7)		
2-3	3 (7,3)	2 (7,1)		
<b>Número total de vítimas</b>				
1	31 (75,6)	18 (64,3)	0,309	0,123

2-5	10 (24,4)	10 (35,7)		
<b>Sexo das vítimas<sup>1</sup></b>				
Masculino	5 (12,2)	-	0,075	0,231
Feminino	36 (87,8)	28 (100,0)		
<b>Proximidade com a vítima<sup>1</sup></b>				
Nenhum	7 (17,1)	22 (78,6)		0,677
Parentesco	29 (68,3)	1 (3,6)	< 0,001	
Vizinho, amizade	6 (14,6)	5 (17,9)		
<b>Local do crime<sup>1</sup></b>				
Residência da vítima	19 (46,3)	10 (35,7)		
Residência do AVS	13 (31,7)	3 (10,7)	0,014	0,387
Terreno baldio/ matagal	4 (9,8)	11 (39,3)		
Outro	5 (12,2)	4 (14,3)		
<b>Morte da vítima<sup>1</sup></b>				
Não	40 (97,6)	26 (92,9)	0,562	0,113
Sim	1 (2,4)	2 (7,1)		
<b>Fuga da prisão</b>				
Não	27 (73,0)	8 (28,6)	< 0,001	0,441
Sim	10 (27,0)	20 (71,4)		

<sup>1</sup> Considerando a primeira vítima;

<sup>2</sup> Teste de qui-quadrado de Pearson ou exato de Fisher.

Observando a significância estatística e o tamanho do efeito por meio do  $V$  de Cramer, os resultados evidenciaram que os participantes do G1 respondem por maior número de processos (entre 2 a 5) ( $p=0,042/ V$  Cramer= 0,245) do que os participantes do G2, com tamanho de efeito médio. Referente ao tipo de crime, o G1 foi significativamente mais condenado por crimes exclusivamente sexuais e o G2 por crimes sexuais e outros ( $p<0,001/ V$  Cramer= 0,612), com tamanho do efeito grande.

No tocante à proximidade do AVS com a vítima, G1 escolhe significativamente mais vítimas das quais tem proximidade como parentes, vizinhos e amigos ( $p<0,001/ V$  Cramer= 0,677) do que o G2, onde se predominam as vítimas sem qualquer proximidade, com tamanho do efeito grande. Quanto ao local escolhido para executar a violência sexual, o G1 preferencialmente escolhe a residência da vítima e a sua própria residência para realizar o crime, já o G2 tende a escolher terreno baldio ou matagal ( $p=0,014/ V$  Cramer= 0,387), com tamanho do efeito médio. E referente à fuga da unidade prisional o G1 apresentou significativamente menos fuga em comparação do G2 ( $p<0,001/ V$  Cramer= 0,441), com tamanho do efeito médio.

Considerando ainda o primeiro objetivo específico sobre as diferenças do perfil criminal, e o segundo objetivo específico, que foi verificar se AVS que abusam de crianças (G1) e aquelas que abusam de adolescentes e adultos (G2) apresentam



diferenças no nível de periculosidade, observe que a Tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas e comparativas dos resultados das variáveis quantitativas das diferenças entre G1 e G2, e os valores do grupo total (GT). Destacaram-se como variáveis estatisticamente diferentes entre os grupos e com tamanhos de efeito por meio do *d* de *Cohen*, que variou entre pequenos e grande, a idade, o número de processos respondidos, o número de processos por violência sexual, o tempo de abuso, o tempo de pena e a periculosidade.

**Tabela 3.** Estatística descritiva e comparativa das variáveis quantitativas do G1 e G2 no perfil criminal.

Variáveis		N	M	IC 95%	DP	Min	Max	t <sup>1</sup>	P	d <sup>2</sup>
Idade	GT	69	31,44	29,05-34,08	10,78	18	65	5,392	< 0,001	1,400
	G1	41	36,32	33,13-39,75	10,89	18	65			
	G2	28	24,32	22,54-26,46	5,32	18	40			
No de vítimas	GT	69	1,48	1,28-1,71	0,91	1	5	-1,237	0,221	0,288
	G1	41	1,37	1,15-1,62	0,79	1	5			
	G2	28	1,64	1,29-2,06	1,06	1	5			
No de processos respondidos	GT	69	1,46	1,13-1,33	0,96	1	5	-2,089	0,041	0,490
	G1	41	1,27	1,07-1,51	0,74	1	4			
	G2	28	1,75	1,35-2,19	1,17	1	5			
No de processos por violência sexual	GT	69	1,17	1,05-1,21	0,51	1	4	-2,017	0,048	0,461
	G1	41	1,07	1,00-1,16	0,26	1	2			
	G2	28	1,32	1,08-1,61	0,72	1	4			
Tempo de abuso*	GT	69	7,87	4,25-11,98	16,17	0	72	3,623	< 0,001	0,969
	G1	41	13,24	7,45-19,70	19,29	0	72			
	G2	28	0,01	0,00-0,03	0,04	0	0			
Reincidência	GT	69	0,42	0,26-0,59	0,71	0	3	-1,109	0,271	0,279
	G1	41	0,34	0,16; 0,59	0,69	0	3			
	G2	28	0,54	0,28; 0,83	0,74	0	3			
Tempo pena	GT	69	22,42	18,09-28,30	22,52	4	180	-2,947	0,018	0,665
	G1	40	16,04	13,75-18,63	7,87	4	46			
	G2	28	31,53	22,30-44,39	31,97	12	180			
Periculosidade	GT	69	0,02	-0,22-0,26	1,01	-0,59	4,27	-2,040	0,045	0,470
	G1	41	-0,18	-0,41-0,05	0,74	-0,59	2,77			
	G2	28	0,31	-0,18-0,80	1,27	-0,59	4,27			

Abreviações: M: média; DP: desvio-padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%;

<sup>1</sup>Teste *t* de *student* para amostras independentes;

<sup>2</sup>Teste de qui-quadrado de *Pearson* ou exato de *Fisher*;

<sup>3</sup>*d* de *Cohen*;

\*Essa média só considerada com o G1.

Quanto à idade, o G1 revelou-se significativamente mais velho ( $p = <0,001/ d=1,400$ ). Sobre o número de processos respondidos, o G2 responde por mais processos criminais ( $p = 0,041/ d = 0,490$ ) com tamanho do efeito considerado pequeno. Referente ao número de processos por violência sexual, o G2 responde a mais processos por

violência sexual ( $p= 0,048/ d= 0,461$ ) também com tamanho do efeito pequeno. Quanto ao tempo do abuso, apenas o G1 prolongou o abuso ( $p= <0,001/ d= 0,969$ ) e o tamanho do efeito foi grande. Entretanto, em relação ao tempo de pena, o G2 foi condenado por maior pena ( $p= 0,018/ d= 0,665$ ) e o tamanho do efeito foi considerado médio.

Características semelhantes quanto às características criminais do AVS foram encontradas na literatura, evidenciando que o AVS no Brasil tem idade entre 30 a 40 anos, em sua maioria é condenado por um crime de violência sexual, tendem a ser pessoa próxima de suas vítimas como pais, padrastos, tios e vizinhos, por exemplo, preferencialmente vitimizam crianças na residência da vítima ou em sua própria residência (Martins & Jorge, 2010; Santos, Costa, Amaral, Nascimento, Musse & Costa 2015; Serafim, Rigonatti, Casoy & Barros, 2009; Soares *et al.*, 2016).

Desse modo, os AVS do G1 se assemelharam com a maioria dos AVS brasileiros, provavelmente por estarem mais relacionados com AVS com traços de pedofilia ou imaturidade psicológica (Martins & Jorge, 2010; Santos *et al.*, 2015; Serafim *et al.*, 2009; Soares *et al.*, 2016). Enquanto os AVS do G2 apresentaram características menos peculiares em comparação ao G1, e como será observado mais adiante, são pessoas que revelam maior nível de periculosidade.

E diante da diferença no nível de periculosidade entre os grupos que se refere ao objetivo dois do presente estudo, a média da análise fatorial de componente principal (AFCP) denominada de periculosidade foi de -0,18 para o G1 e 0,31 para o G2 ( $p= 0,045; d= 0,470$ ) com tamanho do efeito considerado como pequeno, mas com diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Esses resultados indicam que pessoas que abusam de adolescentes e adultos (G2) tendem a apresentar maior nível de periculosidade, bem como maior perigo para as vítimas, quando comparado com pessoas que abusam exclusivamente de crianças (G1).

Para os criminalistas a periculosidade criminal resulta da prática do crime, e se funda no perigo de cometer o crime novamente (Horcaio, 2008; Seto, 2008; Seto & Eke, 2005; Slaibi Filho & Gomes, 2014). Desta maneira, os AVS que abusaram de adolescentes e adultos (G2) apresentaram mais perigo para a sociedade de forma geral, não somente por apresentaram mais versatilidade criminal, o que conseqüentemente está relacionado com um aumento do número de processos, mas também porque tendem a estar relacionados com maior número de vítimas e reincidência criminal ao mesmo tempo.

Alguns dos fatores que agem como preditores para o risco em reincidir puderam ser observados no G2, como histórico de prisão por crimes sexuais e não sexuais; padrões de violência associados ao comportamento ofensivo sexual; características antissociais e descontrole dos afetos e humor (Stinson & Becker, 2016). Características como essas são encontradas em uma população de AVS considerados psicopatas por meio do PCL-R (Riquelme *et al.*, 2004).

Tendo em vista o terceiro objetivo específico, que foi verificar se AVS que abusam de crianças (G1) e aqueles que abusam de adolescentes e adultos (G2) apresentam diferenças nas características de personalidade. Na tabela 4 podem ser observados os resultados com diferenças estatisticamente significativas referente as características de personalidade do G1 e G2 evidenciadas por meio das variáveis do R-PAS, e o tamanho do efeito por meio do *d* de Cohen, o qual variou de pequeno a grande.

**Tabela 4:** Variáveis do teste de Rorschach com diferenças significativas entre os grupos

Variáveis		<i>M</i>	<i>IC 95%</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>	<i>t</i> <sup>1</sup>	<i>p</i>	<i>d</i> <sup>2</sup>
AGC	GT	2,91	2,40-3,44	2,20	0	9	3,272	<b>0,002</b>	0,838
	G1	3,58	2,92; 4,29	2,26	0	9			
	G2	1,92	1,30-2,58	1,71	0	6			
PPD	GT	7,43	6,40-8,51	4,74	0	24	2,130	<b>0,037</b>	0,520
	G1	8,41	7,03; 9,79	4,56	0	24			
	G2	6,00	4,27; 7,88	4,70	0	20			
YTVC <sup>3</sup>	GT	2,53	2,00-3,11	2,38	0	13	2,685	<b>0,009</b>	0,675
	G1	3,14	2,39-4,00	2,56	0	13			
	G2	1,65	1,00-2,36	1,78	0	7			
AGM	GT	0,63	0,42-0,85	0,90	0	4	1,887	<b>0,050</b>	0,474
	G1	0,80	0,51- 1,13	0,98	0	4			
	G2	0,39	0,14- 0,70	0,73	0	3			
Y	GT	0,52	0,33- 0,74	0,85	0	3	1,943	<b>0,056</b>	0,006
	G1	0,68	0,44- 0,97	0,90	0	3			
	G2	0,28	0,06- 0,58	0,71	0	3			

Abreviações: M: média; DP: desvio-padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%;

<sup>1</sup>Teste *t* de *student* para amostras independentes.

<sup>2</sup>*d* de Cohen.

Os resultados apontam que o G1 apresentou mais ideias agressivas (AGM) com tendência a refletir uma identificação com o poder, com o perigo e com a ameaça, bem como maior predisposição para ter mais ações subtas de agressividade por descontrole comportamental, um caráter impulsivo e menos racional (AGC) quando comparado com o G2, com o tamanho do efeito considerado como grande e (AGC,  $p=0,002/ d=0,838$ ) e pequeno (AGM,  $p=0,051/ d=0,474$ ). Considerando as médias normativas internacionais de Meyer *et al.* (2017) para ideias agressivas (AGM) e

ações subtas de agressividade por descontrole comportamental (AGC), o G1 também apresentou resultados acima dos valores de referências para agressividade (AGM:  $M=0,54$ ,  $DP=0,81$ ; AGC:  $M=3,05$ ,  $DP=1,93$ ). Isso reforça no G1 a predisposição para o descontrole subto do comportamento agressivo, ações que apresentam normalmente um caráter impulsivo e menos racional (AGC), contudo, os dados também implicam para o ato planejado, pensado anteriormente (AGM); tais características podem indicar pensamentos agressivos contra crianças, os quais possibilitam gerar sofrimento pelo desejo e a baixa capacidade de controle.

Apesar da agressividade, os AVS contra crianças (G1) também revelaram mais manifestações de sofrimento emocional do que os AVS contra adolescentes e adultos (G2). Isso sugere no G1 mais autocrítica em relação aos seus atos, ou seja, vivenciam mais estresse subjetivamente sentido (PPD,  $p= 0,037/ d= 0,520$ ), estresse emocional (YTVC',  $p= 0,009/ d= 0,675$ ) e mais sentimento de desamparo e pensamentos intrusivos (Y,  $p= 0,056/ d= 0,006$ ), com o tamanho do efeito considerado como médio, quando comparados com os AVS contra adolescentes e adultos (G2). Embora o G1 tenha apresentado sofrimento emocional significativamente mais alto que o G2, destaca-se que esse sofrimento, em termos de médias e desvios padrões estavam abaixo dos valores normativos internacionais apontados por Meyer *et al.* (2017): (PPD:  $M=9,56$ ,  $DP=4,95/$  YTVC':  $M=4,66$ ,  $DP=3,43/$  Y:  $M=1,51$ ,  $DP=1,68$ ). Ou seja, os AVS que abusaram de crianças apresentaram menos sofrimento psíquico e autocrítica do que a amostra normativa, embora tenham revelado significativamente mais sofrimento do que o G2.

Contudo, apesar de mais agressivos os AVS contra crianças (G1), ao apresentarem mais sofrimento psíquico pode favorecer-los em aceitarem ajuda para mudar seus pensamentos, comportamentos e sentimentos para diminuir o estresse emocional subjetivamente sentido. O sofrimento psíquico significativamente menor em AVS contra adolescentes e adultos (G2), faz com que sejam mais perigosos e de difícil predisposição para mudanças em sua personalidade, uma vez que tendem a não sofrer com seus comportamentos criminosos e se manterem ego sintônicos (satisfeitos consigo mesmos embora agindo de modo prejudicial às pessoas e à comunidade de forma geral).

Etcheverría (2009) ao comparar AVS contra crianças e adolescentes com a amostra normativa, observou que os AVS apresentaram menos ideias agressivas (AG// AGM), mas quando comparados com criminosos sentenciados por outro tipo de crime que não sexual. Os AVS apresentaram maior nível de ideias agressivas (AG//

AGM), o que corrobora com os achados da presente pesquisa, em que os AVS contra crianças (G1) tendem a revelar mais pensamentos agressivos (AG// AGM) contra as pessoas do que os demais AVS (G2) que conseguem conter e não explicitar os seus pensamentos agressivos.

Ryan *et al.* (2008), ao pesquisarem pedófilos e efebófilos por meio do teste de Rorschach, encontraram outras características que de certa forma estão relacionadas com a agressividade, como negativismo, raiva e ressentimento (S- //não incluída), o que também pode ter propiciado os AVS contra crianças (G1) apresentarem mais ideias agressivas (AGM) e ações subitas de agressividade por descontrole comportamental (AGC) do que os AVS contra adolescentes e adultos (G2), e também mais agressividade do que pessoas de uma amostra não clínica. E quanto ao baixo nível de estresse e sofrimento psíquico (Y), também pode ser notado essas características nos AVS avaliados por Etcheverría (2009) e Gacono *et al.* (2011), corroborando com os achados do presente estudo em que os AVS (G1 e G2) apresentaram menos estresse emocional do que os padrões médios de sofrimento para uma amostra internacional de não pacientes. E quando comparados entre si, G2 revelou significativamente menos sofrimento do que o G1.

Esses apontamentos ainda nos permitem entender que pessoas que abusam de crianças revelam significativas ideias e ações agressivas, essas características tornam evidentes quando um adulto em plena maturação psicológica passa a desejar sexualmente uma criança que se encontra em fase de desenvolvimento, assim todo ato ou fala de cunho sexual será agressivo para a criança que ainda não está preparada biopsicologicamente para entrar em contato com essa sexualidade. Mas Gacono *et al.* (2011) faz uma ressalva, que dificilmente um psicopata vai revelar mais ideias agressivas (AGM) do que as demais pessoas ou criminosos, porque esses pensamentos podem ser filtrados e não compartilhados, contudo ações subitas de agressividades por descontrole comportamental (AGC), é um tipo de agressividade mais impulsiva, típica de pessoas que perdem o controle e agem para se defender. E mesmo diante da atual situação de privação de liberdade e convívio com a precariedade do cárcere, o nível de sofrimento e estresse psíquico do G1 se encontra à baixo da população geral, ou seja, pessoas de uma amostra não clínica sofrem mais do que o G1, e o G1 sofre mais do que o G2, então o G2 é o grupo que menos evidenciou características de sofrimento psíquico.

Por fim, a Tabela 5 apresenta a relação entre a AFPC denominada Periculosidade e as variáveis do teste de Rorschach e perfil criminal, em resposta ao quarto objetivo específico deste estudo.

**Tabela 5.** Relação entre Periculosidade e variáveis do perfil criminal e do teste de Rorschach

	Variáveis <sup>1</sup>	$r^2$	$p$ -valor
Rorschach	R8910%	0,276*	0,027
	Mp/(Ma+Mp)	0,273*	0,029
	IntCont	0,277*	0,027
Perfil criminal	Fuga da Prisão	0,377**	0,002
	Tempo Total da Pena	0,355**	0,004
	Idade	-0,239	0,057

\*a correlação é significativa no nível 0,05.

\*\*a correlação é significativa no nível 0,01.

Variáveis<sup>1</sup>: do teste de Rorschach e do perfil criminal.

$r^2$ : correlação de *Pearson*.

Como pode ser observado a AFPC periculosidade apresentou correlação fraca, porém significativa, para três variáveis do teste de Rorschach (R8910%  $r$ : 0,28/  $p$ = 0,027; Mp/(Ma+Mp)  $r$ : 0,27/  $p$ = 0,029 e IntCont  $r$ : 0,28/  $p$ = 0,027) e duas do perfil criminal (fuga da prisão  $r$ : 0,38/  $p$ = 0,002 e tempo total de pena  $r$ : 0,36/  $p$ = 0,004) e a idade ( $r$ : -0,239/  $p$ = 0,057).

Esses dados apontam que quanto maior o nível da periculosidade, maior será a predisposição para o uso da intelectualização (IntCont) e para se refugiar em fantasias e ideias passivas, em especial envolvendo pessoas (Mp/(Ma+Mp)) no Rorschach, como mecanismo de defesa para não entrar em contato com situações que provocam dor e angústica, ou seja, mais uso de estratégia de defesa para neutralizar o efeito que as emoções produzem sobre os processos cognitivos.

Estratégias semelhantes de defesas por meio de distorções do pensamento também foram observadas por Stinson e Becker (2016). Segundo os autores atitudes ou crenças distorcidas que favorecem a ofensa sexual é um dos preditores para reincidência criminal. Por sua vez, Ward e Keenan (1999) e Ward (2000), propuseram um modelo cognitivo chamado Teoria das Teorias Implícitas (TI), para explicar as distorções cognitivas presentes em AVS. Assim os AVS possuiriam TI sobre as relações entre

crianças e sexo como: “crianças são seres sexualizados e provocam os adultos”, “Eu mereço ter sexo quando desejo isso”, “o mundo é perigoso e as pessoas não são confiáveis, ter relações com crianças é mais seguro”, e “relação sexual com crianças, não lhes causa mal” (Walton, Duff & Chou, 2017). E assim, isso favoreceria o engajamento em comportamentos sexuais socialmente reprováveis com crianças.

Os dados do presente estudo também apontaram que quanto maior a periculosidade, maior a receptividade por situações emocionalmente estimulantes (R8910%). Tal receptividade pode não ser um aspecto positivo e nem negativo da personalidade de uma pessoa, todavia, Daderman e Jonson (2008) e Gacono *et al.* (2011) observaram que pode ser um aspecto que prejudica pessoas que tem problema em controlar ou modular os afetos, pois tendem a ser pessoas que buscam experiências emocionais que predispõem às reações emocionais intempestivas e passionais.

Considerando as características do perfil criminal, observou-se que quanto maior a periculosidade maior é o número de fugas da unidade prisional, e as sentenças foram mais longas. A jovialidade também esteve relacionada com a periculosidade, revelando que quanto maior a periculosidade mais jovem o AVS tendia a ser. No estudo de Stinson e Becker (2016) a reincidência criminal em AVS, ou a periculosidade, estava relacionada com uma série de aspectos presentes no perfil criminal desses autores. Dentre esses aspectos estava a jovialidade. Estudos evidenciaram que AVS com alta reincidência criminal tendem a ser mais jovens que os AVS com baixa reincidência; essas pessoas frequentemente iniciam na vida criminoso ainda jovens e apenas após os 40 anos que há um decréscimo considerável de seus atos criminais (Huss & Langhinrichsen-Rohling, 2000; Huss, 2011). Portanto, quanto menor a idade do AVS maior o nível de periculosidade que o AVS pode oferecer para as vítimas, o que corrobora com os achados do presente estudo, o qual indicou a jovialidade do AVS como relacionada com maior nível da periculosidade.

Além da idade, Stinson e Becker (2016) apontam o histórico de prisão por crimes sexuais e não sexuais, padrões de violência associados ao comportamento ofensivo sexual, características antissociais, interesses sexuais desviantes e problemas de autorregulação sexual como indício de maior periculosidade no AVS. Tais levantamentos quanto ao histórico de prisão dos AVS, pode ser de certa forma relacionada com sentenças mais longas, pois a dificuldade na autorregulação sexual colabora para que o AVS reincida no crime, fazendo com que seja condenado com sentenças mais longas. Quanto ao maior número de fugas da unidade prisional, pode

estar relacionado com a versatilidade criminal, sendo essas características de personalidade antissocial encontrada em AVS. Entende-se que o comportamento é um fator altamente preditivo para a periculosidade criminal.

### **Considerações Finais**

O presente estudo teve como objetivo geral investigar a periculosidade criminal e as características de personalidade de AVS que abusam de crianças (G1) e AVS que abusam de adolescentes e adultos (G2). Os dados foram coletados por meio de um Protocolo de Coleta de Informações no Processo Criminal e do teste de Rorschach no Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS), o qual revelou que há diferenças entre esses dois grupos de AVS.

Os AVS que abusam de crianças (G1) tendem a ser mais velhos, mais próximos das vítimas e o abuso sexual se estende por um período de tempo maior, pois as crianças tendem a ser manipuladas por esses adultos e demoram mais a denunciar o que o aconteceu. Esses AVS normalmente expressavam mais os seus pensamentos agressivos e tendem a perder mais o controle de seus comportamentos. Mas por outro lado, revelaram mais predisposição para ficar mais angustiados e desolados do que os AVS que abusavam de adolescentes e adultos (G2). Diante desse achado, infere-se que os AVS de crianças (G1) estariam um pouco mais predispostos a receber ajuda para modificar os seus comportamentos, pois normalmente o sofrimento psicológico predispõe as pessoas para mudanças em seus comportamentos e pensamentos para diminuir os sentimentos dolorosos. Contudo, o sofrimento desses AVS de crianças (G1) não pode ser considerado superior ao da população de uma forma geral, e isso mostra que eles tendem a se importarem ou sofrerem menos com seus atos do que a maioria das pessoas de uma forma geral, que não estão envolvidas nesse tipo de crime.

Aqueles que abusavam de adolescentes e adultos (G2) respondiam a mais processos criminais e de violência sexual, foram condenados com penas mais longas, tinham mais controle do seus pensamentos e comportamentos agressivos, eram mais jovens e revelaram menos sofrimento emocional e maior nível de periculosidade do que os AVS que abusavam de crianças (G1). A periculosidade nesse estudo estava intimamente relacionada com a predisposição para reincidir no crime. Infere-se que esse grupo de AVS está mais próximo daqueles criminosos que apresentam traços de



psicopatia, que agem com mais frieza e tendem a não se arrepender ou sofrer com os prejuízos que provocam em suas vítimas. Portanto, tratam-se de pessoas com menos predisposição para mudar sua forma de pensar, sentir e agir.

Nesse estudo também buscou-se explorar as relações entre periculosidade e as características de personalidade e perfil criminal em AVS. Considerando as características de personalidade, observou-se que a periculosidade estava mais relacionada com o uso de mecanismos de defesa da intelectualização, como o refúgio em fantasias e na responsabilização de seus atos devido ao comportamento de outras pessoas, como um mecanismo de distorção do pensamento para normatizar comportamentos sexualmente violentos e não entrar em contato com o sofrimento psicológico. Além disso, a periculosidade também estava relacionada a maior predisposição para reagirem a situações mais emocionalmente mobilizadoras. Considerando o perfil criminal, a periculosidade estava mais associada às pessoas com menos idade, que tinham mais histórico de fugas da unidade prisional e com condenações mais longas.

Algumas limitações podem ser identificadas no presente artigo, como o número pequeno de participantes da amostra pesquisada, e a ausência de informações no processo criminal dos AVS como por exemplo, informações sobre avaliações psicológicas com o reeducando quando realizadas, o período em que exercem atividade laboral dentro da unidade prisional e informações sobre o comportamento do reeducando enquanto detido: se participaram de outros programas laborais dentro da unidade prisional e penalizações ou “castigos” que eram submetidos dentro da prisão. Informações que poderiam ser utilizadas na mensuração da periculosidade e no auxílio da melhor compreensão dos casos. Assim, novas pesquisas que consigam coletar mais informações sobre o histórico criminal dos AVS, poderão colaborar com a investigação de novas descobertas do perfil criminal e a periculosidade dos AVS.

As características de personalidade e periculosidade identificadas nos AVS, podem colaborar com a elaboração de estratégias de intervenções psicológicas em pesquisas futuras, como também em intervenções próprias para aqueles que apresentam maior perigo para a sociedade. Também visa auxiliar com as pesquisas nacionais e internacionais diante de um rastreamento dos programas de tratamento que vem sendo utilizados, e uma avaliação para verificar a aderência dos AVS a esses programas, posteriormente a proposta de aplicação dos programas com maior aderência a locais que ainda não possuem programas de tratamento para esse público, alinhando as estratégias

dos programas já existentes com as características de personalidade identificadas nos AVS.

### Considerações Finais da Dissertação

A presente dissertação de Mestrado intitulada “Aspectos da Personalidade de Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes”, teve como objetivo principal investigar as características da personalidade de autores violência sexual (AVS). Para isso foram delineados três estudos diferentes em formato de artigos. O primeiro, “Autores de Violência Sexual e o teste de Rorschach: Revisão da Literatura” considerou artigos científicos que avaliaram AVS por meio do teste de Rorschach. Neste estudo observou-se que pessoas que cometem crimes sexuais têm apresentado prejuízos nos aspectos cognitivo, afetivo, na autopercepção e no controle dos impulsos. Encontrou-se que 77% dos estudos apontavam prejuízos nos aspectos cognitivos, 100% apontaram para prejuízos na autopercepção, 62% destacaram prejuízo nos aspectos afetivos e 44% evidenciaram prejuízos no controle dos impulsos dos AVS, ou seja, os achados apontam para uma imaturidade na organização psicológica do AVS.

Diante dos achados do primeiro estudo, especialmente sobre a possível imaturidade psicológica na organização da personalidade dos AVS, o segundo artigo “Psicopatia, Estresse e Distresse em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes” foi desenvolvido. O estudo consistiu em um estudo empírico que investigou se AVS contra crianças e adolescentes com psicopatia e sem psicopatia se diferenciavam em relação à capacidade de administrar o estresse, distresse e a maturidade psicológica (ID) por meio do teste de Rorschach. A análise de regressão linear dos fatores associados a psicopatia, evidenciaram que 16% da psicopatia em AVS foi explicada por menor nível de estresse e distresse ou por maior capacidade de tolerância ao estresse. Quanto às nove variáveis do domínio estresse e distresse do teste de Rorschach, apenas três apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, sendo que os AVS com psicopatia apresentaram menos intencionalidade suicida (SC\_Comp), menos estresse emocional (YTVC’) e ambivalência afetiva (CBlend). E referente ao ID, não houve diferença entre os grupos. No entanto, os resultados de ambos os grupos estiveram semelhantes ao de pessoas com psicopatologias encontradas na literatura (Giromini *et al.*, 2015).

O terceiro estudo, “Periculosidade e Características de Personalidade em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes” investigou a periculosidade criminal e as características de personalidade por meio do teste de Rorschach de AVS

que abusaram de crianças e AVS que abusaram de adolescentes e adultos. Os resultados apontaram que quanto maior o nível de periculosidade maior será a predisposição para o uso da intelectualização como mecanismo de defesa (IntCont), maior a receptividade por situações emocionalmente estimulantes (R8910%), maior a tendência a se refugiar em fantasias e a culpar os outros ou o destino pelos seus comportamentos, maior o número de tentativas de fugas da prisão, com condenações mais longas e maior jovialidade. Observou-se também que os AVS que abusaram de adolescentes e adultos apresentaram maior nível de periculosidade do que aqueles que vitimizaram crianças. Quanto as características de personalidade, os AVS que abusaram de crianças apresentaram mais ideias agressivas (AGM), mais ações subitas de agressividade por descontrole comportamental (AGC) e mais estresse (PPD, YTVC'). No tocante as variáveis do perfil criminal, os participantes que abusaram de crianças foram considerados mais velhos e prolongaram por mais tempo o abuso sexual, e aqueles que abusaram de adolescentes e adultos responderam a mais processos criminais, mais processos de violência sexual e foram condenados com penas mais longas.

Os dados levantados nessa dissertação evidenciaram que os AVS com psicopatia apresentavam maior tolerância ao estresse e distresse do que os AVS sem psicopatia. Um desafio para os profissionais que podem vir a trabalhar psicoterapeuticamente com essas pessoas seria propiciar o desenvolvimento da empatia frente ao outro e da preocupação com as consequências de seus atos. Ou seja, aumentando a sensibilidade ao outro, às ações que prejudicam o outro, a sociedade e o meio em que estão inseridos. Vale salientar que a psicopatia tem sido considerada um transtorno psicopatológico de difícil remissão, tratamento e com alta taxa de reincidência criminal (Balsis *et al.*, 2017; Gacino *et al.*, 2011).

Além disso, o presente estudo desenvolveu uma variável denominada periculosidade por meio da análise fatorial de componente principal (AFCP), considerando quatro variáveis do perfil criminal (número de processos, número de processos por crimes sexuais, número de vítimas e reincidência). Essa variável periculosidade foi utilizada para realizar um estudo de correlação com as variáveis do teste de Rorschach. Essa comparação apontou que os AVS que abusam de crianças expressavam mais os seus pensamentos agressivos e tendem a perder mais o controle de seus comportamentos. Mas por outro lado, revelaram mais predisposição para ficar mais angustiados e desolados do que os AVS que abusavam de adolescentes e adultos. O distresse observado em AVS contra crianças, que provoca mal estar emocional, pode ser um dos principais fo-

cos de intervenções psicológica nesses participantes. Pois ao conhecer as principais características da personalidade dos AVS, elas poderão ser usadas para delinear futuras estratégias de intervenção, esperando assim que haja maior aderência ao tratamento por parte desses AVS. E como consequência dessa aderência, espera-se um decréscimo na taxa de reincidência criminal após a intervenção psicológica dessas pessoas.

Os achados da presente dissertação apontaram que as pesquisas nessa área podem subsidiar a criação de estratégias de intervenção psicológica para ser trabalhada nos programas de tratamento, tendo em vista que os estudos recentes apontam prejuízos em quatro aspectos da personalidade: no cognitivo, na autopercepção, nos afetos e no controle dos impulsos ou capacidade de manejar o estresse e distresse. Entende-se que sabendo as limitações encontradas na personalidade dos AVS, abre o caminho para elaboração de um tratamento focal e específico que considere tais limitações na personalidade dessas pessoas. Como sugerido por Craig *et al.* (2010) o tratamento psicológico para AVS pode melhorar o conhecimento do controle sexual e a empatia frente ao outro, além de trabalhar nas distorções cognitivas, a aprendizagem em modular os afetos e impulsos e a maneira saudável de ver a si e ao outro.

Soldino e Cabonell-Vaya (2017) estudaram o efeito do tratamento na reincidência dos AVS por meio de uma meta-análise, no total foram analisados 17 estudos. A taxa de reincidência sexual dos AVS tratados variou de 0,00% a 22,55%, enquanto o grupo controle variou entre 3,23% a 45,83%. Em 12 dos 17 estudos pesquisados a taxa de reincidência sexual do grupo de AVS tratados foi menor que o grupo controle. Foi observado que a terapia multissistêmica apresentou maior efeito, seguido por intervenções com base no apoio social. Já quanto aos tratamentos por meio da terapia cognitivo comportamental e com prevenção de recaídas, evidenciaram-se menos robustos. Os tratamentos individualizados e aqueles com uma duração menor ou igual a um ano não exibiram maiores efeitos, embora tais efeitos não dependem do local de tratamento (instituição ou comunidade). Entretanto, para Craig *et al.* (2010) e Langton *et al.* (2006), o tratamento com a terapia cognitivo comportamental tem evidenciado resultados positivos também com os AVS, pois auxilia para um melhor conhecimento do controle sexual.

Entende-se que estudar a personalidade do AVS é de relevância social, tendo em vista que a violência sexual possui um caráter endêmico, convertendo-se em um problema de saúde pública, cujo enfrentamento torna-se um grande e árduo desafio para sociedade e para a população científica de forma geral. Portanto, pode ser verificado

que os AVS são pessoas com prejuízos em diversos aspectos da personalidade, sendo necessário conhecer para depois criar estratégias de intervenção adequada para esse público. Entretanto, uma lacuna foi observada, como a baixa publicação de pesquisas sobre essa temática, e uma hipótese para essa justificativa poderia ser a dificuldade e a burocracia necessária para que pesquisas como essa sejam feitas dentro do sistema carcerário.

Outra relevância do presente estudo, além do aspecto social, é a importância para a área de avaliação psicológica, especialmente no contexto forense. Para avaliar as características de personalidade dos AVS no presente estudo, utilizou-se o teste de Rorschach no Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS, Meyer *et al.*, 2017), o qual confirmou sua eficácia e relevância no levantamento de características da personalidade com o público de AVS. E com objetivo de identificar os traços de psicopatia fez-se uso do *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R, Hare, 1991, 2003). Embora exista uma diversidade de instrumentos psicológicos para avaliação da personalidade, ambos os testes têm se mostrado capazes em levantar dados diante da avaliação da personalidade na área forense.

E ainda, esse estudo se faz de grande relevância ao público de Autores de Violência Sexual, tendo em vista que pesquisas como essa evidenciam características importantes da personalidade dos AVS, e que poderão ser utilizadas na elaboração de estratégias de tratamentos adequados para pessoas com esse tipo de problema. E também é de grande relevância para os psicólogos que atuam de forma direta e indireta com esse público, pois os resultados evidenciados podem auxiliar na prática desses profissionais. E para a autora da presente dissertação, estudar essa temática foi uma experiência muito rica, a qual proporcionou para uma visão mais madura de pensar diferentes aspectos da Psicologia.

Como pode ser evidenciado nesta dissertação, a investigação da personalidade do AVS, necessita ainda ser melhor e mais explorada cientificamente. Foi notado limitações diante de diversas características de personalidade dos AVS, que precisam da atenção de novos estudos. A permanência do AVS na prisão pode ser uma oportunidade de se tornar efetivamente reabilitado para o seu retorno na sociedade, e não ser uma maneira de manter o “problema” longe da sociedade durante o cumprimento da pena. As despesas financeiras do estado para manter essas pessoas institucionalizadas devem ser melhor utilizadas, como por exemplo, na aplicação de programas de tratamento cujo o efeito tem sido empiricamente demonstrado em outros países, necessitando de pesquisas

futuras sobre o efeito dessas estratégias de tratamento com a população carcerária brasileira de AVS.

### Referências da Dissertação

- American Psychiatry Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders*. 5<sup>a</sup>ed. Washington (DC): American Psychiatric Association.
- Arboleta, M. R. C., & Duarte, J. C. (2005). *Sintomatologia, avaliação e tratamento do abuso sexual infantil*. In V. E. Caballo & M. Á. Simón. *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente – transtornos gerais*. São Paulo: Editora Santos. (pp. 293-321).
- Balsis, S., Busch, A. J., Wilfong, K. M., Newman, J. W. & Edens, J. F. (2017): A Statistical Consideration Regarding the Threshold of the Psychopathy Checklist–Revised. *Journal of Personality Assessment*, 13, 1-9.
- Barros, A. P. (2017). *O Stress Ocupacional Vivenciado por Graduandos em Situação de Inemprego*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Porto, Portugal.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. (2013). *Sistema de vigilância de violência e acidentes (Viva): 2009, 2010 e 2011*. Brasília, DF.
- Carabellese, F., Maniglio, R., Greco, O. & Catanesi, R. (2011). The Role of fantasy in a serial sexual offender: a brief review of the literature and a case report. *Journal of Forensic Sciences*, 56 (1), 256-260.
- Carvalho, L. N. & Sousa, S. M. G. (2007). Perfil da população carcerária condenada por crimes de violência contra mulheres, crianças e adolescentes em Goiás: autores, violência e vítima. In: Oliveira, M. L. M. & Sousa, S. M. G. (p. 99-126). *(Re) Descobrendo faces da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Goiânia: Cãnone Editorial.
- Cleckley, H. (1976). *The Mask of Sanity* (5th ed). Mosby: St Louis.
- Código Penal Brasileiro* (2002). (8 Ed.). São Paulo, SP: Saraiva.
- Cohen, J. (1988) *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associate.
- Craig, L. A., Lindsay, W. R., & Browne, K. D. (2010). Overview and Structure of the Book. In: Craig, L. A., Lindsay, W. R., & Browne, K. D. (p. 03-12). *Assessment*

*and Treatment of Sexual Offenders with Intellectual Disabilities: A Handbook.* Oxford: Wiley-Blackwell.

- Daderman, A. M. & Jonson, C. (2008). Lack of psychopathic character (Rorschach) in forensic psychiatric rapists. *Informa Healthcare*, 62 (3), 176-185.
- Davis, A. & Bremner, G. (2010). O Método Experimental em Psicologia. In: Breakwell, G. M., Hammond, S., Fefi-Schaw, C. Fefi-Schaw & Smith, J. A. *Métodos de Pesquisa em Psicologia.* (pp.78-99). Porto Alegre: Artmed.
- DeMatteo, D., Edens, J. F., Galloway, M., Cox, J., Smith, S. T., Koller, J. P., & Bersoff, B. (2014). Investigating the role of the Psychopathy Check- list-Revised in United States case law. *Psychology, Public Policy, and Law*, 20(1), 96–107.
- Duque, C. (2012). Parafilias e crimes sexuais. In: Taborda, J. G. V., Abdalla-Filho, E. & Chalub, M. (Org.). *Psiquiatria forense* (pp. 297-313). Porto Alegre: Artmed.
- Espindola, G. A. & Batista, V. (2013). Abuso sexual infanto-juvenil: a atuação do programa sentinela na cidade de Blumenau/SC. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33 (3), 596-611.
- Etcheverría, P. J. (2009). Caracterización psicológica de un grupo de delincuentes sexuales chilenos a través del Test de Rorschach. *Psyche*, 18 (1), 27-38.
- Exner, J. E. (2003). *The Rorschach: a comprehensive system. Basic Foundations and Principles of Interpretation.* Hoboken: John Wiley & Sons.
- Fife-Schaw, C. (2010). Modelos Quasi-Experimentais. In: Breakwell, G. M., Hammond, S., Fefi-Schaw, C. & Smith, J. A. (p. 78-99). *Métodos de Pesquisa em Psicologia.* Porto Alegre: Artmed.
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2006). *A dual-deficit model of psychopathy.* In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 14–34). New York: Guilford Press.
- Franks, K. W., Sreenivasan, S., Spray, B. J. & Kirkish, P. (2009). The Mangled Butterfly: Rorschach results from 45 violent psychopaths. *Behavioral Sciences & the Law*, 27, 491–506.
- Furniss, T. (2002). *Abuso Sexual da Criança: Uma Abordagem Multidisciplinar.* Porto Alegre: Artmed.
- Gacono, C. B. & Evans, C. B. (2011). *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment.* New York: Routledge.
- Gacono, C. B. & Meloy, J. R. (2009). Assessing antisocial and psychopathic personalities. In: Butcher, J. N. (Ed.). *Oxford Handbook of Personality Assessment.* (p. 567-581). New York: Oxford University Press.



- Gacono, C. B., Gacoco, L. A., Evans, F. B. (2011). The Rorschach and Antisocial Personality Disorder. In C. Gacono, B. Evans. *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment*. New York, Routledge.
- Gacono, C. B., Kivisto, A. J., Smith, J. M. & Cunliffe, T. B. (2016). The Use of the Hare Psychopathy Checklist (PCL-R) and Rorschach Inkblot Method (RIM) in Forensic Psychological Assessment. In Updesh, K. *The Willey Handbook of Personality Assessmente* (pp.249-267). USA: John Wiley.
- Gacono, C. B., Meloy, J. R. & Bridges, M. R. (2011). *A Rorschach understanding of psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles*. In: Gacono, C. B., Evans, B. F., Kaser-Boyd, N. & Gacono, L. A. *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment*. (p. 3-20). New York: Routledge.
- Ghasemi, A., & Zahedias, S. (2012). Normality Tests for Statistical Analysis: A Guide for Non-Statisticians. *Internacional Journal of Endocrinology and Metabolism*, 10(2): 486-489.
- Giromini, L.; Viglione, D. J.; Brusadelli, E.; Lang, M; Reese, J. B.; & Zennaro, A. (2015). Cross-Cultural Validation of the Rorschach Developmental Index. *Journal of Personality Assessment*, 97 (4), pp. 348-353.
- Gracia, D. (2010). *Pensar a bioética: metas e desafios*. São Paulo: Loyola.
- Groth, A. N. & Birnbaum, H. J. (1978). Adult Sexual Orientation and Attraction to Underage Persons. *Archives of Sexual Behavior*, 7 (3), 175-181.
- Guardiola, P. R. (2017). *Procesamiento de Errores em la Psicopatía Subclínica*. Tese de Doutorado não publicada. Departamento de Psicología Básica, Clínica y Psicobiología, Universitat Jaume I de Castellón.
- Hare, R. D. & Neumann, C. S. (2006). *The PCL-R Assessment of Psychopathy: Development, structural properteis and newdirections*. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford.
- Hare, R. D. (1991). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist*. Toronto, Canadá: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd edition). Toronto, Canadá: Multi-Health Systems. Hare, R. D., Hart, S. D. & Harpur, T. J. (1991). Psychopathy and the DSM-IV criteria for Antisocial Personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 391-398.
- Hare, R. D. (2006). Psychopathy: a clinical and forensic overview. *Psychiatric Clinic of North American*, 29(3), 709-724.
- Hare, R. D., Hart, S. D. & Harpur, T. J. (1991). Psychopathy and the DSM-IV criteria for Antisocial Personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 391-398.

- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 30 (2), 317-327.
- Hawes, S. W., Boccaccini, M. T., & Murrie, D. C. (2013). Psychopathy and the combination of psychopathy and sexual deviance as predictors of sexual recidivism: Meta-analytic findings using the Psychopathy Checklist-Revised. *Psychological Assessment*, 25, 233-243.
- Hemphill, J. F., Hare, R. D., & Wong, S. (1998). Psychopathy and recidivism: A review. *Legal and Criminological Psychology*, 3, 139-170.
- Hildebrand, M., de Ruiter, C., & de Vogel, V. (2004). Psychopathy and sexual deviance in treated rapists: Association with sexual and nonsexual recidivism. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 16, 1-24.
- Hill, A.; Habermann, N; Klusmann, D.; Berner, W. & Briken, P. (2008). Criminal Recidivism in Sexual Homicide Perpetrators. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 52 (1), 5-20.
- Howitt, D. (2006). *Introduction to Forensic and Criminal Psychology* (2nd ed.). Harlow, UK: Pearson Prentice Hall.
- Horaico, I. (2008). Dicionário Jurídico. São Paulo: Primeira Impressão.
- Hunsley, J., & Mash, E. J. (2007). Evidence-based assessment. *Annual Review of Clinical Psychology*, 3, 29-51.
- Huprich, S. K., Gacono, C. B., Schneider, R. B. & Bridges, M. R. (2004). Rorschach oral dependency in psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles. *Behavioral Sciences & the Law*, 22 (3) 345-356.
- Huss, M. T., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2000). Identification of the psychopathic batterer: The clinical, legal, and policy implications. *Aggression and Violent Behavior*, 5, 403-422.
- Huss, M. T. (2011). *Psicologia Forense: Pesquisa, Prática Clínica e Aplicações*. Porto Alegre: Artmed.
- Hutcheson, G. & Sofronio, N. (2009). *The Multivariate Social Scientist: Introductory Statistics Using Generalized Linear Models*. 2. London: Sage Publications.
- Jones, L. & Willmot, P. (2017). Offenders with 'Personality Disorder' Diagnoses. In: Browne, K. D., Beech, A. R., Craig, L. A. & Chou, S. *Assessments in Forensic Practice: A Handbook* (pp. 198-216). USA: John Wiley & Sons.
- Jolliffe, IT., & Cadima, J. (2016). Principal component analysis: a review and recent developments. *Philos Trans A Math Phys Eng Sci*. 374(2065).

- Knigh, R. A. & Guay, J-P. (2006). *The Role of Psychopathy in Sexual Coercion against Women*. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford.
- Krstic, S.; Neumann, C. S.; Roy, S.; Robertson, C.A.; Knight, R. A. & Hare, R. D. (2017). Using Latent Variable- and Person-Centered Approaches to Examine the Role of Psychopathic Traits in Sex Offenders. *Personality Disorders*.
- Langton, C. M., Barbaree, H. E., Harkins, L. & Peacock, E. J. (2006). Sex Offenders' Response to Treatment and its Association with Recidivism as a Function of Psychopathy. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 18 (1), 99-120.
- Machado, H. B., Lueneberg, C. F., Régis, E. I. & Nunes, M P. P. (2005). Abuso sexual: diagnóstico de casos notificados no município de Itajaí/SC, no período de 1999 a 2003, como instrumento para a intervenção com famílias que vivenciam situações de violência. *Texto & Contexto Enferm*. 14, 54-63.
- Marczyk, G., DeMatteo, D. & Festinger, D. (2005). *Essentials of research design and methodology*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Marshall, W. L. & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In: Marshall, W. L., Laws, D. R & Barbarrem H. E. (Ed.), *Handbook's sexual assault: Issues, theories, and treatment of sex offenders* (p. 257-275). New York: Plenum Press.
- Marshall, L. E., O'Brien, M. D., & Kingston, D. A. (2009). *Problematic hypersexual behavior in incarcerated sexual offenders and a socioeconomically matched community comparison group* . Paper presented at the 28th Annual Research and Treatment Conference for the Association for the Treatment of Sexual Abusers. Dallas, TX.
- Martins, C. B. G., & Jorge, M. H. P. M. (2010). Abuso Sexual na Infância e Adolescência: Perfil das Vítimas e Agressores em Município do Sul do Brasil. *Texto Contexto Enfermagem*, 19 (2), 246-255.
- McGlone, G. J., & Viglione, D. J. (2002). Dependency and narcissism among sexually-offending and non-offending Roman Catholic clergy. Em: *XVII International Congress on the Rorschach and Other Projective Measures*, Rome.
- Meloy, J.R. (2008). *The authority of the Rorschach: An update*. In C.B. Gacono, & F.B. Evans, (Eds.), *Handbook of Forensic Rorschach Assessment* (pp. 79–88). New York: Routledge.
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2017). *Rorschach Sistema de Avaliação por Desmpenho Manual de Aplicação Codificação e Interpretação e Manual Técnico*. São Paulo: Hogrefe.

- Meyer, G. J.; Erdberg, P.; & Shaffer, T. W. (2007). Toward International Normative Reference Data for the Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment*, 89 (S1), 201-216.
- Miranzi, M. A. S. & Miranzi Neto, A. (2017). *Pedofilia da Denúncia à Condenação: Revisão da Literatura*. Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde. 6(1) 148-157.
- Morais, N. A., Cerqueira-Santos, E., Moura, A. S., Vaz, M. & Koller, S. (2007) Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: um estudo com caminhoneiros brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 263-272.
- Morana, H. (2004). *Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados*. Versão brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morana, H. C. P. (2003). *Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial*. Tese de Doutorado Não-Publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Moura, A. S. (2007). *A criança na perspectiva do abusador sexual*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Resultados de estudo normativo para o sistema compreensivo do Rorschach: Um estudo para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7, 121-135.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Newman, J. P., MacCoon, D. G., Vaughn, L. J., & Sadeh, N. (2005). Validating a distinction between primary and secondary psychopathy with measures of Gray's BIS and BAS constructs. *Journal of Abnormal Psychology*, 114, 319–323.
- Nørbech, P. C. B., Fodstad, L., Kuisma, I., Lunde, K. B. & Hartmann, E. (2016). Incarcerated Violent Offenders' Ability to Avoid Revealing Their Potential for Violence on the Rorschach and the MMPI-2. *Journal of Personality Assessment*, 98:4, 419-429.
- Norbech, P. C., Gronnerod, C. & Hartmann, E. (2016) Identification with a violent and sadistic aggressor: a Rorschach study of criminal debt collectors. *Journal of Personality Assessment*, 98 (2), 135-145
- Ó Ciardha, C., & Gannon, T. A. (2011). The cognitive distortions of child molesters are in need of treatment. *Journal of Sexual Aggression*, 17(2), 130-141.
- Olver, M. E., & Wong, S. C. P. (2015). Short- and long-term recidivism prediction of the PCL-R and the effects of age: A 24-year follow-up. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 6(1), 97-105.

- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual, a Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows*. Sydney: McGraw Hill.
- Pasian, S. R. (2010). *Avanços do Rorschach no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasqualini-Casado, L., Vagostello, L., Villemor-Amaral, A. E. & Nascimento, R. G. N. (2008). Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach conforme o sistema compreensivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 293-301.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21, 913–938.
- Peres, J. H. C. (2017). *Psicopatia e o Défice no Processamento de Expressões Faciais de Emoção: uma Abordagem à luz do Modelo Triárquico da Psicopatia*. Dissertação de Mestrado não publicada. Mestrado Integrado de Psicologia, Universidade do Porto.
- Phenix, A., & Hoberman, H. M. (2016). *Sexual Offending: Predisposing Antecedents, Assessments and Management*. New York: Springer.
- Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na DEAM: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, X (2), 585-603.
- Porter, S. & Woodworth, M. (2006). *Psychopathy in Aggression*. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford.
- Prentky, R. A., Knight, R. A. & Lee, A. F. S. (2008). Child sexual molestation. In: Bartol, C. R. & Bartol, A. M. *Current perspectives in forensic psychology and criminal behavior*. (p. 123-134). Los Angeles: Sage.
- Resende, A. C., Nascimento, R. S. G. F., Ribeiro, R. K. S. M. & Yazigi, L. . *Validation of the Rorschach Developmental Index*. 2015. Apresentação de Trabalho/Congresso em SPS Convention – Chicago.
- Resende, A. C., & Pianowski, G (no prelo). Otimização do Rorschach por meio do Rorschach Performance Assessment System (R-PAS). In Antúnez, A. E. A. & Safra, G. (no prelo). *Tratado de Psicologia Clínica - Da Graduação à Pós-Graduação*. São Paulo: Atheneu.
- Resende, A. C., Carvalho, T. C. R. & Martins, W. (2012). Desempenho médio de crianças e adolescentes no método de Rorschach sistema compreensivo. *Avaliação Psicológica*, 11 (3), 375-394.
- Riquelme, C. A.; Pérez, N. & Muñoz, C. G. (2004). *Adaptación de la Escala de Calificación de la Psicopatía Revisada (PCL-R) de Robert Hare en población reclusa del Centro de Detención Preventiva de San Miguel*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidade do Chile.

- Rovinski, S. L. R. (2006). O uso do Rorschach em perícias da área civil Brasília. In IV Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach. Anais Métodos Projetivos: *Instrumentos atuais para investigação psicológica e da cultura* (pp. 170-178). Brasília: Vetor.
- Rowlands, M. T., Palk, G., & Young, R. M. (2017). Psychological and Legal Aspects of Dangerous Sex Offenders: A Review of the Literature. *Journal Psychiatry Psychology and Law*. 24(6) 812-824.
- Ryan, G. P., Baerwald, J. P. & McGlone, G. (2008). Cognitive mediational deficits and the role of coping styles in pedophile and ephebophile roman catholic clergy. *Journal of Clinical Psychology*. 64 (1) 1-16.
- Sadock, J. B., Sadock, A. V., & Ruiz, P. (2017). Sexualidade Humana e disfunções sexuais. In. Sadock, J. B., Sadock, A. V., & Ruiz, P. *Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. (p. 564-593). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, C. A., Costa, M. C. O., Amaral, M. T. R., Nascimento, S. C. L., Musse, J. O. & Costa, A. M. (2015). Agressor Sexual de Crianças e Adolescentes: Análise de Situações Relacionadas à Violação e Vítimas. *Adolescência e Saúde*, 12 (3), 7-20.
- Scortegagna, S. A., & Amparo, D. M. (2013). Avaliação Psicológica de Ofensores Sexuais com o Método de Rorschach. *Avaliação Psicológica*, 12 (3), 411-419.
- Scortegagna, S. A., & Amaral, A. E. V. (2013). Rorschach e pedofilia: A fidedignidade do Teste-Reteste. *Psico*, 44(4), 508-517.
- Serafim, A. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I. & Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 36(3),105-111.
- Seto, M. C. (2008). *Pedophilia and sexual offending against children: Theory, assessment, and intervention*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Seto, M. C., & Eke, A. W. (2005). The criminal histories and later offending of child pornography offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 17 (2), 201–210.
- Sheldon, K., & Howells, H. (2017). Assessment of Violence and Homicide. In: Browne, K. D., Beech, A. R., Craig, L. A., & Chou, S. *Assessment in Forensic Practice: A Handbook*. Oxford: Wiley Blackwell. p.28-51.
- Slaidi Filho, N., & Gomes, P. P. V. (2014). Vocabulário Jurídico. Rio de Janeiro: Forense
- Soares, E. M. R.; Silva, N. L.; Matos, M. A. S.; Araújo, E. T. H.; Silva, L. R. & Lago, E. C. (2016). Perfil da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. *Revista Interdisciplinar*, 9 (1), 87-96.

- Soldino, V. & Carbonell-Vayá, E. J. (2017). Effect of Treatment on Sex Offenders' recidivism: a meta-analysis. *Anales de Psicología*, 33(3), 578-588.
- Southard, A. C. & Ziegler, V. H. (2016) In. Updesh, K. *The Willey Handbook of Personality Assessment* (pp.119-133).USA: John Wiley.
- Stanfill, M. L., Viglione, D. J., & Resende, A. C. (2013): Measuring Psychological Development With the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 95, 174-186.
- Stinson, J. D., & Becker, J. V. (2016). Pedophilic Disorder. In: Phenix, A., & Hoberman, H. M. *Sexual Offending: Predisposing Antecedents, Assessment and Management*. (p15-28). New York: Springer.
- Szumski, F. & Zielona-Jenek, M. (2016). Child molesters' cognitive distortions. conceptualizations of the term. *Psychiatric Pol*, 50(5), 1053-1063.
- Taktak, S., Yilmaz, E., Karamustafalioglu, O., Usual, A. (2016). *A Characteristics of Paraphilics in Turkey: a Retrospective Study – 20 years*. *Int J Law Psychiatry*. (16) 30102-9.
- Teixeira, J. N. S. (2017). *Psicopatia e Vitimização em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Viglione, D. J.; Blume-Marcovici, A. C.; Miller, H. L.; Giromoni, L.; & Meyer, G. (2012). An Inter-Rater Reliability Study for the Rorschach Performance Assessment System. *Journal of Personality Assessment*, 94 (6), 607-612.
- Villemor-Amaral, A. E., Yazigi, L., Nascimento, R., Primi, R. & Semer, N. (2007). Localização, qualidade formal e respostas populares do Rorschach no SC em uma amostra brasileira. *Anais do III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*.
- Vinet, E. (2000). El Sistema Comprehensivo del Rorschach en una muestra chilena de no-pacientes: estadísticos descriptivos y su interpretación Psicológica. *Terapia Psicológica*, 7, 143-157.
- Ward, T., Polaschek, D. L. L., & Beeck, A. R. (2006). Marshall and Barbaree's Integrated Theory. In: Ward, T., Polaschek, D. L. L. & Beeck, A. R. *Theories of sexual offending*. (p. 33-46). John Wiley & Sons, Ltd.
- Weiner, I. B., & Greene, R. L. (2017). *Handbook of personality Assessment*. New York: Wiley.
- Young, M. H., Justice, J. V. & Erdberg, P. (2010). Sexual offenders in prison psychiatric treatment a biopsychosocial description. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54 (1), 92-112.

- Young, M. H., Justice, J. V. & Erdberg, P. (2012). Comparison of rape and molest offenders in prison psychiatric treatment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 56 (7), 1103–1123.
- Zinik, G. & Padilha, J. (2016). *Rape and Paraphilic Coercive Disorders*. In. Kumar. U. The Wiley Handbook of Personality Assessment. (p.45-66) New York: Springer.
- Zúquete, J. G. P. E. S. & Noronha, C. V. (2012). “Foi normal, não foi forçado!” versus “Fui abusada sexualmente”: uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das vítimas e de testemunhas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22(4), 1357-1376.



Anexo A:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado na Pesquisa



**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Comitê de Ética em Pesquisa**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante**

**I- Esclarecimentos**

Este é um convite para você participar de uma pesquisa, com pessoas cumprindo pena na penitenciária, que é coordenada pela Dra. Ana Cristina Resende. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando o seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo, penalidade ou constrangimento.

Caso decida aceitar o convite, você deverá participar de uma entrevista, com duração de mais ou menos 1 hora e 30 minutos, e ser submetido a um teste psicológico que geralmente é realizado em aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

Os riscos envolvidos na sua participação são: sentir-se incomodado ao ser solicitado a fornecer algumas informações a seu respeito. Caso você sinta qualquer tipo de incômodo com sua participação, você será acolhido pelo serviço de atendimentos psicológico na própria penitenciária. Além disso o(a) pesquisador(a) estará disponível para orientá-lo e dar maiores esclarecimentos sempre que você desejar. De qualquer forma, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Em relação aos benefícios envolvidos na pesquisa, caso tenha interesse, você terá uma devolução verbal de seus resultados, além de estar contribuindo para uma melhor compreensão dos aspectos psicológicos de pessoas que estão cumprindo pena de reclusão, como também estará colaborando com o levantamento de informações que podem gerar intervenções psicológicas, aconselhamentos, orientações e encaminhamentos mais adequados para pessoas que se encontram em situações semelhantes à sua, além de fornecer informações que podem ser usadas para se

desenvolver medidas mais eficientes de reinserção de pessoas em conflito com a lei no meio social. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Você terá uma cópia deste Termo em seu prontuário no cartório do presídio e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa você poderá perguntar diretamente para a coordenadora da pesquisa **Dra. Ana Cristina Resende** pelo telefone (62) 3946-1097.

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás, onde também poderá apresentar reclamações em relação a este estudo pelo telefone (62) 3946-1512.

**Somos gratos pela sua compreensão e colaboração com esta pesquisa.**

## **II- Consentimento livre e esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ CPF nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa *coordenada pela Profa. Dra. Ana Cristina Resende* como sujeito. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

Nome do sujeito:

\_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito:

\_\_\_\_\_

Assinatura Datiloscopia

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.**

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_


Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura e CRP do pesquisador.

Anexo B:

Aprovação da Pesquisa no Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-GO



**PUC  
GOIÁS**

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1089 - Setor Universitário  
Cidade Postal 86 - CEP 74625-010  
Goiânia - Goiás - Brasil  
Fone: (62) 2946.1070 - Fax: (62) 2946.1070  
www.pucgoias.edu.br - propes@pucgoias.edu.br

Registro CEP 1841/2011

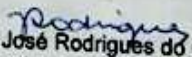
### DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o Projeto, **Características de Personalidade de Autores de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes Por Meio do Rorschach e da Escala Hare PCL/R**, coordenado pelo (a) pesquisador (a) **Ana Cristina Resende**. Foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP-SGC/PUC Goiás) sob o **CAAE 0110.0.168.168-11**, em 08/7/2011 e aprovado em 05/10/2011.

- CEP-SGC/PUC Goiás pode, a qualquer momento, fazer escolha aleatória de estudo em desenvolvimento para avaliação e verificação do cumprimento das normas da Resolução 196/96 (Manual Operacional Para Comitês de Ética em Pesquisa – item 13).
- Informamos que é obrigatória a entrega do relatório de acompanhamento da pesquisa, conforme a categoria de pesquisa realizada, em cumprimento da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
- Modelo do relatório de acompanhamento da pesquisa se encontra no site do Comitê de Ética <http://www.pucgoias.edu.br/cep> - modelos documentos.

**Categorias de pesquisa**

TCC:	Final da pesquisa
Especialização:	Final da pesquisa
Mestrado:	Relatório anual e final
Doutorado:	Relatório anual e final
Outros:	Relatório anual e final

  
 Prof. Dr. José Rodrigues do Carmo Filho  
 Coordenador do CEP-SGC/PUC Goiás

Goiânia, 05 de Outubro de 2011.